

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CÉSAR ROCHA LIMA

**DA BÍBLIA AO ALCORÃO: Desconstruções e (re)construções simbólicas
no processo de reversão ao Islã no Brasil.**

**São Paulo - SP
2013**

CÉSAR ROCHA LIMA

**DA BÍBLIA AO ALCORÃO: Desconstruções e (re)construções simbólicas
no processo de reversão ao Islã no Brasil.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lidice Meyer Pinto Ribeiro

**São Paulo - SP
2013**

L732b Lima, César Rocha.

Da Bíblia ao Alcorão: Desconstruções e
(re)construções simbólicas no processo de reversão ao
Islã no Brasil / César Rocha Lima – 2013.

166 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.
Bibliografia: f. 112-118.

1. Islã 2. Reversão. 3. Bens simbólicos. 4.
(Des)Arabização. 5. Simbolismo. I. Título.

CDD 181.07

CÉSAR ROCHA LIMA

**DA BÍBLIA AO ALCORÃO: Desconstruções e (re)construções simbólicas
no processo de reversão ao Islã no Brasil.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lidice Meyer Pinto Ribeiro
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Prof. Dr. João Batista Borges Pereira
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera
(Universidade Metodista de São Paulo)

Dedico este trabalho:

Ao Supremo Criador, fonte de todo o saber e conhecimento;

Aos meus avós paternos: Izaías Rocha Lima e Izabel Rocha Lima (*in memoriam*), pela minha formação;

À minha esposa Solange, pelo apoio e companheirismo;

Aos meus filhos Isaías e Isabel, pelo encorajamento;

À Igreja Presbiteriana de Santo André, pelo incentivo.

Meus Sinceros Agradecimentos:

À minha família: Solange de Freitas Branco Lima, Isaías Rocha Lima e Isabel Rocha Lima, pelo constante companheirismo.

À professora Dra. Lidice Meyer Pinto Ribeiro, pela orientação e contribuições preciosas.

À IPB/Universidade Presbiteriana Mackenzie, pela bolsa de estudos concedida.

Ao CDIAL, pela cessão de vasto material bibliográfico.

Ao *Sheikh* Juma Momad Anli, pela atenção dispensada e contribuições.

Ao documentarista Luiz Carlos Pereira Lucena, pelo material fornecido.

«O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (*física ou econômica*), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.»

Pierre Bourdieu

RESUMO

O fenômeno da reversão de brasileiros ao Islã tem inquietado cientistas da religião, sociólogos e antropólogos. A busca de uma religião que causa rupturas com a etnicidade e religiosidade majoritária do Brasil, traz em si, um estranhamento pela mudança dos princípios do cristianismo para o islamismo. Esta pesquisa elencou as principais desconstruções e reconstruções simbólicas do cristão revertido ao Islã. Para tanto ela serviu-se da amostra de um grupo de revertidos da Mesquita do Pari – SP, onde foi aplicada a pesquisa quantitativa e qualitativa. O objetivo da pesquisa constituiu-se em procurar mensurar, no imaginário do revertido, nos momentos “antes” e “depois” da reversão, o deslocamentos dos bens simbólicos do cristianismo e Islã. Os resultados foram contemplados em oito categorias distintas: a exclusão, ressignificação, incorporação e substituição de bem simbólico (capital cultural). A partir destes resultados, através de instrumental teórico criado, procurou-se dividir os bens simbólicos em duas categorias: islâmicos e árabes, a fim de se discutir o impasse entre os termos: (des)arabização e islamização. Por fim, concluiu-se que, no processo de reversão ao Islã nas comunidades sunitas, há uma abertura para a incorporação de elementos da cultura brasileira e grande dificuldade com a ruptura com os elementos árabes.

Palavras chave: Islã, reversão, bens simbólicos, (des)arabização, islamização.

ABSTRACT

The phenomenon of Brazilian reversion to Islam has disquieted scientists of religion, sociologists and anthropologists. The search for a religion that causes disruptions with the ethnicity and the majority religiosity of Brazil, brings with it a strangeness caused by the principles of Christianity to Islam. This survey listed the main symbolic deconstructions and reconstructions of the Christian reverted to Islam. For this, it poured a sample group reversed of the Pari's mosque - SP, which was studied to a quantitative and qualitative research. The objective of this research consisted in seeking measure, in the reversed's imaginary, in moments "before" and "after" the reversal, the displacements of symbolic goods of Christianity and Islam. The results were contemplated in eight distinct categories: exclusion, reframing, replacement, incorporation and symbolic belongings (cultural capital). From these results, using theoretical tools created, the symbolic belongings were divided in two categories: Muslims and Arabs, in order to discuss the impasse between the terms: (un)Arabization and Islamization. Finally, it was concluded that, in the process of reversion to Islam in Sunni communities, there is an opening for the incorporation of elements from Brazilian culture and great difficulty to break with the Arab elements.

Keywords: Islam, reversion, symbolic belongings, (un)Arabization, Islamization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Circulação de bens simbólicos no processo de reversão ao Islã.....	18
Figura 2 - Articulações do CDIAL (do autor)	30
Figura 3 - Selo de certificação - CDIAL-halal	41
Figura 4 - Selo de certificação Cibal-halal	44
Figura 5 - Revista Nabil.....	46
Figura 6 - Selo de certificação Halal-Brasil	46
Figura 7 - Escola Islâmica Brasileira.....	49
Figura 8 - Construção simbólica em espelho (Cristianismo e Islã).....	51
Figura 9 - Cruz ansata.....	59
Figura 10 - Símbolo do Islã - lua e estrela.....	68
Figura 11 - Mesquita do Pari	72
Figura 12 - Tapete de oração	78
Figura 13 - Prática das Abluções.	82
Figura 14 - Desconstrução islâmica da Trindade.....	98
Figura 15 - Movimentação de bens simbólicos	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Islamismo - censo 2000/2010.	21
Tabela 2 - O Islã no Mundo (em números).....	30
Tabela 3 - Conteúdo Programático - Rádio ISLAM-br.	39
Tabela 4 - Gênero dos revertidos.	74
Tabela 5 - Faixa etária dos revertidos.	74
Tabela 6 - Formação acadêmica dos revertidos.	74
Tabela 7 - Profissão dos revertidos.	75
Tabela 8 - Tempo de reversão.	76
Tabela 9 - Adotou novo nome após a reversão?	84
Tabela 10 - Por quê adotou nome islâmico?.....	85
Tabela 11 - Como você se identifica em ambientes não islâmicos?.....	86
Tabela 12 - Como gosta de ser chamado?	87
Tabela 13 - Você mudaria o seu nome de registro pelo nome islâmico?.....	87
Tabela 14 - Antes/depois da reversão quais idiomas você falava, lia ou escrevia?.....	88
Tabela 15 - Língua mais importante (escala de 1 < 6).....	89
Tabela 16 - Quanto ao uso de barbas e bigodes.....	89
Tabela 17 - Quanto ao uso do <i>hijab</i>	90
Tabela 18 - Frequência do uso do <i>hijab</i>	90
Tabela 19 - Viagens desejadas - antes e após a reversão.	92
Tabela 20 - O valor da bíblia - antes e após a reversão.	94
Tabela 21 - O grau de importância entre a bíblia e o alcorão.	94
Tabela 22 – Crença na doutrina trindade antes da reversão.....	95

Tabela 23 – Crença na doutrina da trindade depois da reversão.....	96
Tabela 24 – Você não crê na doutrina da trindade porque:.....	96
Tabela 25 – Crença em Jesus antes e depois da reversão	97
Tabela 26 – Quando houver divergência entre Jesus e Mohammed?.....	97
Tabela 27 – Utilização de cruz e crucifixos (adornos), antes e após a reversão.....	99
Tabela 28 – A Lua e a Estrela para você são:	99

ABREVIACOES

AT	Antigo Testamento
CDIAL	Centro de Divulgação do Islã para a América Latina (e Caribe)
CIB	Colégio Islâmico Brasileiro
CIBAL	Central Islâmica Brasileira de Alimentos
CIMS	Conveying Islamic Message Society
EIB	Escola Islâmica Brasileira
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ETEC	Escola Técnica
EUA	Estados Unidos da América
FAMBRAS	Federação das Associações Muçulmanas do Brasil
HD	High Definition
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IEASP	Igreja Evangélica rabe de São Paulo
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
ISSN	International Standard Serial Number
MTur	Ministério do Turismo
NT	Novo Testamento
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SBI	Sociedade Beneficente Islâmica
UNI	União Nacional Islâmica
USP	Universidade de São Paulo
WAMY	World Assembly of Muslim Youth

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. O ISLÃ NO BRASIL.....	20
1.1 Islamismo de Escravidão	22
1.2 Islamismo de Imigração	25
1.3 Islamismo de Conversão.....	29
2. OS PRINCIPAIS PRODUTORES DE BENS SIMBÓLICOS NO ISLÃ.....	33
2.1 CDIAL.....	35
2.1.1 Editora Makkah	36
2.1.1.1 Jornal “A Alvorada” (Al Fajr).....	37
2.1.1.2 Revista “Makka Al Mukarama”	37
2.1.2 Site “ISLAM-br”	38
2.1.3 Rádio online “ISLAM-br”	38
2.1.4 “Tv-CDIAL”	40
2.1.5 Escola SAPIENS	40
2.1.6 CDIAL-Halal	41
2.2 FAMBRAS	42
2.2.1 Portal FAMBRAS	42
2.2.2 Distribuição de Literatura	43
2.2.3 Certificação Halal	44
2.3 Centro Islâmico do Brasil.....	44
2.3.1 Portal Arresala	45
2.3.2 Editora Arresala	46
2.3.3 Certificação Halal	46
2.4 UNI	47

2.4.1	Jornal IQRA.....	47
2.5	WAMY	47
2.6	Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil.....	48
2.7	Escolas Islâmicas.....	49
2.7.1	CIB	49
2.7.2	EIB.....	49
2.8	Produção Independente.....	49
2.8.1	Documentário “Os manos de Alá”	50
2.8.2	Documentário “Sob o véu do Islã”	50
3.	A CIRCULAÇÃO DE BENS SIMBÓLICOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS. 51	
3.1	Do Cristianismo.....	53
3.1.1	O Nome Cristão	53
3.1.2	Deus	55
3.1.3	Jesus Cristo	56
3.1.4	Jerusalém	57
3.1.5	A Bíblia.....	58
3.1.6	A Cruz.....	59
3.1.7	O Batismo.....	60
3.2	Do Islamismo	62
3.2.1	O Nome Muçulmano	62
3.2.2	Allah	63
3.2.3	Mohammed (Abu al-Qasim Muhammad Ibn).....	64
3.2.4	A Cidade de Makkah	65
3.2.5	O Alcorão.....	67
3.2.6	A Lua e a Estrela.....	68
3.2.7	As Abluções e banhos.....	69
4.	O CONSUMO DE BENS SIMBÓLICOS NA REVERSÃO AO ISLÃ	71
4.1	O Perfil dos Consumidores (caracterização da amostra).....	72
4.1.1	O local no Espaço – Mesquita Salah El-Din (do Pari)	72
4.1.2	O local no Tempo – Aulas de árabe e teologia islâmica	73
4.1.3	O Gênero	74
4.1.4	A Faixa Etária	74
4.1.5	A Formação Acadêmica.....	74
4.1.6	A Profissão.....	75
4.1.7	O Tempo de Reversão.....	76
4.1.8	O Perfil Socioeconômico.....	76

4.2	As Formas de Consumo.....	76
4.2.1	Consumo Externo - espaço/tempo.....	78
4.2.2	Consumo Interno – cinco sentidos	79
4.2.2.1	Campo visual.....	80
4.2.2.2	Campo auditivo	80
4.2.2.3	Campo tátil	81
4.2.2.4	Campo olfativo e gustativo	83
4.3	A Apresentação dos Resultados	83
4.3.1	Do Consumo de Bens Simbólicos	83
4.3.1.1	No Plano Identitário	83
4.3.1.2	No Plano Linguístico	88
4.3.1.3	No Plano Indumentário	89
4.3.1.4	No Plano Geográfico.....	92
4.3.1.5	No Plano Literário.....	94
4.3.1.6	No Plano Teológico.....	95
4.3.1.6.1	Doutrina da Trindade.....	95
4.3.1.6.2	Doutrina da Divindade	97
4.3.1.7	No Plano Iconográfico	99
4.3.2	Da Circulação de bens simbólicos.....	100
4.3.2.1	Incorporação de Capital Simbólico.....	101
4.3.2.2	Substituição de Capital Simbólico com Exclusão.....	102
4.3.2.3	Substituição de Capital Simbólico com Ressignificação.....	102
4.3.3	Bens Simbólicos: Islâmicos e/ou Árabes?.....	104
4.3.3.1	Plano Identitário	105
4.3.3.2	Plano Linguístico	105
4.3.3.3	Plano Indumentário	106
4.3.3.4	Plano Geográfico.....	107
4.3.3.5	Plano Literário e Teológico	108
4.3.3.6	Plano Iconográfico	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
	ANEXO A – Mesquitas e Centros Islâmicos no Brasil	119
	ANEXO B – Movimentos Imigratórios – Sírio-libaneses.....	120
	ANEXO C – Economia das trocas simbólicas no processo de reversão ao Islã	121
	ANEXO D - Questionário	122
	ANEXO E - Parecer Consubstanciado do CEP.....	125
	ANEXO F - Entrevista ao Sr. E.C.	127
	ANEXO G - Entrevista à Srta. B.K.L.....	135

ANEXO H - Entrevista ao Sr. C.D.	138
ANEXO I - Entrevista ao Sr. Luiz Carlos Pereira Lucena	155
ANEXO J - Comunicado FAMBRAS	159
ANEXO K - Jornal “A Alvorada”	160
ANEXO L - Revista “Makka Al Mukarama”	161
ANEXO M - Panfletos Informativos do CDIAL.....	162
ANEXO N - Organograma do CDIAL.....	163
ANEXO O - Revista “Luz do Islam”	164
ANEXO P - Mensagem Virtual “Luz do Islam”	165
ANEXO Q - Panfletos Informativos do Centro Islâmico do Brasil	166

INTRODUÇÃO

Na última década um fenômeno tem despertado o interesse de cientistas da religião, sociólogos e antropólogos (RAMOS, 2003; CASTRO, 2007; FERREIRA, 2009a; b; RIBEIRO, 2012). Trata-se da adesão de brasileiros natos à religião islâmica. Chamado pelos muçulmanos de *reversão*¹, «o fenômeno» representa o retorno de indivíduos à fé islâmica.

Considerando-se que nas últimas décadas outro fenômeno também tem despertado o interesse de pesquisadores, a saber, o «trânsito religioso» (ALMEIDA, 2004). E que cristãos (*nominais ou frequentes*), oriundos do catolicismo e protestantismo, têm abraçado a fé islâmica. É de se estranhar, em primeiro momento, que um cristão – vivendo num país de maioria cristã, abrace a fé islâmica – com usos e costumes tão diferentes de sua religião e/ou cultura atual.

Diante deste estranhamento surgem diversas questões a serem respondidas: Como dar-se-ia a reversão de um cristão ao Islã? Seria possível ao cristão romper com os dogmas da trindade e divindade de Cristo e abraçar a unicidade de Allah? A bíblia poderia ser trocada pelo alcorão? A igreja pela mesquita? As calças *jeans* pelo *hijab*² e/ou *niqab*³? Jesus por Maomé? A cruz pela lua e estrela? Na mudança de paradigma religioso o contexto cultural hodierno não se chocaria com o proposto pelo Islã?

A fim de procurar compreender o fenômeno da reversão (*em fiéis outrora cristãos*), esta pesquisa utilizará os conceitos de: «campo», «habitus», «poder simbólico» e «economia das

¹ De acordo com as crenças islâmicas todos nascem muçulmanos, porque para eles sua religião é universal de Deus, ou seja, “universalmente alcançável por todos os seres humanos, independente da época em que vivam ou tenham vivido” (PHILIPS, 2007, p.7), porém muitos se afastam. O abraçar a fé islâmica é considerado como reversão, ou seja, um retorno à fé *primeva* (FERREIRA, 2009b, p.7).

² Do termo árabe «cobertura», véu usado pelas muçulmanas.

³ Do termo árabe «máscara», véu usado por algumas mulheres muçulmanas que cobre o rosto deixando apenas uma abertura para os olhos.

trocas simbólicas». Instrumental teórico formulado por Pierre Bourdieu para a compreensão de grupos sociais específicos (*campos*).

Uma vez que o cristianismo e Islã são religiões monoteístas de raiz comum, apesar de constituírem campos religiosos distintos, possuem categorias comuns, que podem ser observadas “em espelho”.

Nestas premissas, elencamos oito categorias (*identidade, idioma, indumentária, referencial geográfico, literatura, teologia, profecia e iconografia*), com a finalidade da mensuração teórica⁴ do «capital simbólico» nelas contidos, antes e depois da reversão (*Figura 1*).

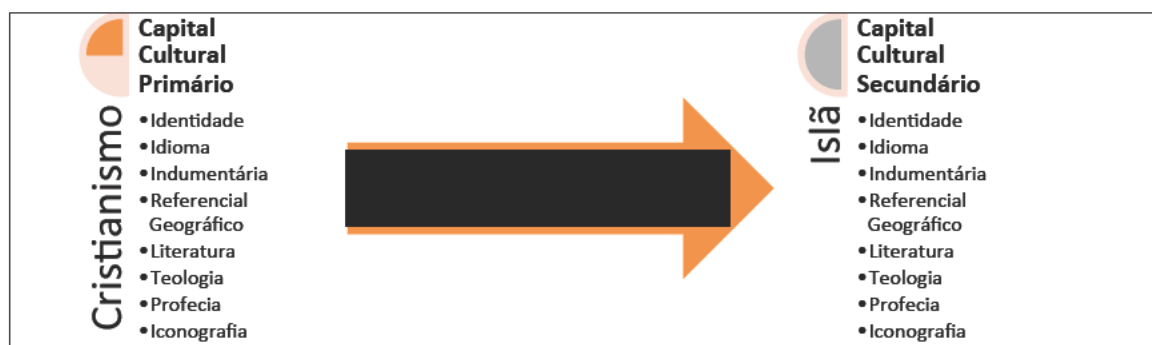


Figura 1 - Circulação de bens simbólicos no processo de reversão ao Islã.

Nos propusemos a verificar os valores insertos em cada uma destas categorias antes e depois da reversão, identificando estes dois momentos como: «Capital Cultural Primário» e «Capital Cultural Secundário». O fenômeno constituirá no deslocamento destes valores na reconstruções e (des)construções simbólicas.

Como sujeito de pesquisa, este trabalho serviu-se da amostra de 22 revertidos, de ambos os sexos, da Mesquita Pari, de caráter sunita, em São Paulo. A amostra foi submetida ao questionário (ANEXO D), elaborado com a finalidade da mensuração nas categorias mencionadas.

Os dados brutos foram agrupados em categorias distintas para o delineamento do perfil socioeconômico da amostra e a observação da circulação dos bens simbólicos.

Com a finalidade de enriquecer a pesquisa (*qualitativamente*), foram realizadas quatro entrevistas, sendo elas com: a) dois revertidos; b) um funcionário do CDIAL revertido, e; c) o documentarista dos filmes – “Os Manos de Alá” e “Sob o Véu do Islã”, que não é muçulmano.

⁴ Uso o termo “mensuração teórica” pois os dados insertos pelos revertidos entrevistados podem estar “contaminados” pela subjetividade de suas respostas. Pontuar objetivamente sentimentos (fé) e atos, antes e depois da reversão, não é tarefa meramente científica. Mas, sujeita aos diversos vetores que podem agir e interagir na resposta momentânea.

Depois da análise do material colhido e comparação dos resultados, para a melhor compreensão do fenômeno, dispomos o conteúdo da forma seguinte:

No Capítulo 1, pontuamos as principais forma de instalação do Islã no Brasil – islamismo de escravidão, de imigração e de reversão (RIBEIRO, 2012, p.108) – procurando demonstrar como o Islã ingressou e se desenvolve nas terras brasileiras.

No Capítulo 2, para a compreensão de onde o revertido consome bens simbólicos islâmicos, elencamos os seus principais produtores. Descrevendo-os na sua fundação, administração, posição geográfica, objetivos e mecanismos de produção.

No Capítulo 3, apresentamos, de forma conceitual, os principais bens simbólicos e símbolos religiosos do cristianismo e islamismo, procurando descrevê-los em seus significados; fornecendo assim os aspectos conceituais de cada “bem simbólico” ou “símbolo religioso” dispostos para o consumo.

No Capítulo 4, descrevemos o consumo dos bens simbólicos no processo de reversão ao Islã. Elencando e refletindo as desconstruções e (re)construções simbólicas neste processo. Pontuamos a movimentação do capital simbólico e os efeitos produzidos no revertido com relação ao capital pré-adquirido na formação cristã: incorporação do bem simbólico islâmico, ressignificação do bem simbólico cristão ou exclusão do bem simbólico cristão.

Por fim, discutimos os conceitos de «desarabização» e «islamização» sob a perspectiva dos bens simbólicos já elencados, pressupondo ser o Islã uma religião étnica.

1. O ISLÃ NO BRASIL

“A contabilização de muçulmanos residentes no Brasil é problemática pois as próprias sociedades religiosas muçulmanas não possuem dados completos que permitam diagnosticar com precisão os locais de aglomeração de muçulmanos e a sua densidade.”⁵

Vladimir Lúcio Ramos

A partir do segundo semestre de 2001, mediante a globalização das produções midiáticas, o Islã⁶ passou a fazer parte da Indústria Cultural⁷ brasileira. Com os eventos do *11 de Setembro* e seus desdobramentos, a saber: as políticas protecionistas adotadas pelos EUA (*Patriot Act*⁸, *Domestic Security Enhancement Act*⁹), e a inclusão dos países islâmicos ao cognominado «eixo do mal»¹⁰; inicia-se o processo globalizado da construção negativa¹¹ da imagem do Islã.

⁵ (RAMOS, 2012, p.217).

⁶ O Islã é uma religião monoteísta fundada por Mohammad (570-632 d.C.), que tem como base os textos do alcorão e os exemplos normativos (*sunnah e hadith*). “A palavra Islam deriva-se da raiz árabe «salama» que significa paz, pureza, submissão, obediência, etc. No sentido, religioso, a palavra Islam significa: «Submissão voluntária à Vontade de Deus e Obediência à Sua Lei»” (ABDALATI, 2008, p.21).

⁷ Parte da produção jornalística, com seus pressupostos empresariais e políticos, alicerçados na hegemonia social hodierna, deixou de “movimentar a representação do muçulmano em sua alteridade histórica, pois os critérios de noticiabilidade e o fazer jornalístico estão ancorados nos aparelhos de poder das forças sobressalentes sobre o discurso ocidental acerca do Islã” (GOMES, 2012, p.19).

⁸ Lei Pública 107-56, assinada pelo presidente George W. Bush em 26 de outubro de 2001, que gerou muitas tensões entre a segurança do Estado e os direitos civis.

⁹ Projeto de Lei de 2003 – que poderia ser aprovado caso houvesse outro ataque terrorista. Conhecido também como *Patriot Act II* (pelo seu radicalismo).

¹⁰ Expressão utilizada no discurso de George W. Bush no dia 29/01/2002, referindo-se aos países discordantes da política socioeconômica dos EUA, que teriam armas de destruição massiva: Coreia do Norte, Irã e Iraque. Hoje, outros países foram elencados, como Cuba, a Líbia e a Síria.

¹¹ A construção negativa da imagem do Islã pode também ser captada na produção cinematográfica. Filmes como: “Nascido para matar” – 1987; “A lista de Shindler”- 1993; “O resgate do soldado Ryan” – 1998; “Atrás das linhas inimigas” – 2001; os quais apontavam para a Guerra do Vietnã e Segunda Guerra Mundial,

Por outro lado, estes eventos coincidem com o lançamento da telenovela «O Clone»¹², que trouxe a cultura muçulmana à realidade brasileira (RAMOS, 2012, p.218). Estas duas forças vetoriais, diametralmente opostas, e com diferentes proporções, teriam despertado o interesse dos acadêmicos ao estudo do Islã.

Até o «11 de setembro» o Islã apresentou parco crescimento e pouca representatividade no Brasil, mas de acordo com os recentes dados estatísticos (Tabela 1) e aumento das publicações acadêmicas (CASTRO, 2007, p.1,2), este quadro parece estar mudando.

Tabela 1 - Islamismo - Censo 2000/2010.

ISLÃ censo	TOTAL	Homens	Mulheres	ÁREA URBANA			ÁREA RURAL		
				Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
2000	27.239	16.232	11.007	27.055	16.093	10.962	183	139	45
2010	35.167	21.042	14.124	34.894	20.849	14.044	273	193	80
	29,1%	29,6%	28,3%	29,0%	29,6%	28,1%	49,2%	38,8%	77,8%

Fonte: IBGE (2000; 2010).

Segundo o IBGE, o número de adeptos do Islã no ano 2000 que era de 27.239; saltou, em 2010, para 35.167. Um avanço de 29,1%, superior ao crescimento da Igreja Católica Romana de 12,3%. Os dados respectivos à área rural parecem descrever um “mundo à parte”. Seu crescimento na última década foi de 49,2%, e a adesão feminina chegou aos 77,8% (IBGE, 2000; 2010). Contudo, não se pode deixar de observar que estes números estão minora- dos diante do total de adeptos e podem representar um grupo ou famílias de muçulmanos que tenham se deslocado para a zona rural à procura de trabalho¹³.

O Islã, diferentemente dos grupos católicos e protestantes¹⁴, continua demonstrando as suas particularidades quanto a questão do gênero; pois prossegue com índice majoritário na adesão masculina, são 59,8% homens x 40,2% mulheres - conforme censo de 2010 (IBGE, 2000; 2010).

foram substituídos pelo enredo terrorista associado ao islamismo ou aos países islâmicos: “Fahrenheit 9/11” – 2004; “Munique” - 2005; “Syriana” - 2005; “Paradise Now!” - 2005; “Voo United 93” - 2006; “O Comple- xo Baader-Meinhoff” - 2008; “O Divo” - 2008; “Rede de Mentiras” - 2008; “Guerra ao Terror” – 2009. [No- ta do autor].

¹² Lançada no dia 01 de outubro de 2001, escrita por Glória Peres e veiculada pela TV Globo em horário nobre; alcançando 47 pontos no IBOPE (cada ponto representa cerca de 53 mil domicílios).

¹³ Em Passo Fundo, município interiorano do estado do Rio Grande do Sul, encontra-se “uma comunidade muçulmana e uma multinacional de abatedouros de frangos ligada à Central Islâmica Brasileira de Alimentos Halal (CIBAL Halal)” (RAMOS, 2012, p.216,217). É provável que o crescimento do Islã de forma dispare na zona rural esteja associado ao deslocamento ou imigração de famílias islâmicas nesta região ou no Paraná (onde empresas estão adotando a certificação halal).

¹⁴ Tanto o catolicismo quanto o protestantismo brasileiro são segmentos religiosos que vem se fragmentando e redefinindo os seus contornos na modernidade e pós-modernidade. Católicos ortodoxos, carismáticos; Protes- tantes clássicos, pentecostais e neopentecostais são algumas das nomenclaturas que tentam explicar estes no- vos contornos. Embora haja uma gama de católicos e protestantes, bem como também há uma diversidade de interpretações islâmicas, tomaremos os conceitos primários e básicos de catolicismo, protestantismo e isla- mismo nesta pesquisa. [Nota do Autor].

Faz-se mister ressaltar a possível imprecisão dos dados censitários, pois muitos muçulmanos que emigraram dos seus países de origem a partir de 1975, sejam do Líbano ou outro país do Oriente Médio, ou possuem uma vida regularizada pela dupla nacionalidade, ou estão em processo de regularização e estadia temporária. O fato descrito impossibilita a “contagem mais precisa do contingente populacional de muçulmanos” (RAMOS, 2012, p.219).

Isto posto, e a fim de compreender-se melhor a história do Islã no Brasil, adotamos o modelo proposto por Ribeiro (2012), onde divide-se a instalação do Islã em três períodos: Islamismo de escravidão, Islamismo de imigração e Islamismo de conversão.

1.1 ISLAMISMO DE ESCRAVIDÃO

O Islã ingressou no Brasil por ocasião da sua colonização, valendo-se do *comércio*¹⁵ e *tráfico*¹⁶ de escravos oriundos da África. A islamização dos povos africanos foi poderosíssima, a exceção “de alguns grupos negros sudaneses e bantus que sempre mantiveram imunes do contato do Islam, todas as demais populações africanas receberam em grau maior ou menor a contribuição da cultura maometana” (RAMOS, 1971, p.127).

Estes povos islamizados, chamados em seu conjunto de *Muçulmi* ou *Malê*¹⁷ – na Bahia; e *Alufá* – no Rio de Janeiro, praticavam a religião muçulmana no Brasil (RAMOS, 1971, p.129).

Sílvio Romero, João do Rio, Nina Rodrigues, Gilberto Freire, Arthur Ramos, Roger Bastide e outros pesquisadores realçaram¹⁸ em suas obras as práticas e rituais dos negros islamizados, bem como a sua aculturação e sincretismo religioso.

Estes grupos islamizados, com certa dificuldade pelo status social (*escravos*), realizavam os seus rituais pautados pela tradição oral, fragmentos do alcorão e poucos exemplares deste que foram comprados por alto preço.

¹⁵ De 1500 a 1532 os escravos destinados a Portugal tinham que passar pela Alfândega, segundo o registro da Fazenda de 1514, para ser recolhido o imposto. Lisboa comercializava anualmente cerca de 10 a 12 mil escravos africanos, dos quais alguns eram trazidos aos moradores estabelecidos no Brasil. A partir de 1532, estabeleceu-se o tráfico direto da África (ROMERO, 1960, p.297).

¹⁶ A partir de 1816 o comércio de escravos deixou de ser lícito e converteu-se em tráfico. Por intermédio dos tratados de Paris (1817) e *Aix-la-Chapelle* (1818), o comércio português de escravos limitou-se à costa oriental da África, entre Cabo-Delgado e Lourenço Marques; e na costa ocidental entre 8.º e 18.º graus de latitude (RODRIGUES, 2010, p.30,31).

¹⁷ A origem dos termos foi apresentada por Ramos da seguinte forma: *muçulmi* como corruptela de muçulmano e *malê* como má lei, ou seja, os que não seguem a boa lei de Deus (RAMOS, 1971, p.129).

¹⁸ Os autores supracitados fazem parte da “longa tradição na antropologia brasileira” (DURHAM, 2004, p.19). Nina Rodrigues demonstrou interesse pelas questões étnicas; Gilberto Freyre, pelas socioeconômicas; e, Roger Bastide, pelos ritos religiosos. Desta forma, foram traçados os contornos antropológicos do Brasil nos séculos XVIII e XIX.

O Islã não chegou ao Brasil de forma pura; mas considerando-se a sua origem: negros puros e negros mestiçados com *hamitas*, “por conseguinte, antigos animistas islamizados e não muçulmanos de origem”; um Islã muçulmano-fetichista (BASTIDE, 1971, p.204,205).

A fim de demonstrar os movimentos islâmicos no Brasil colônia, realçaremos alguns grupos e suas práticas peculiares.

O grupo *haussá*¹⁹ destacou-se na introdução e prática do Islã no Brasil, pois seus adeptos constituíram o elemento mais importante dos negros islamizados (BASTIDE, 1971, p.204). Como os outros povos islamizados do Sudão, os *haussás* também exerceram sua hegemonia na idade média, organizando-se em influente confederação de sete estados, exercendo autoridade sobre os povos vizinhos (RAMOS, 1971, p.138). Na Nigéria eles constituíram mais de um terço da população, sendo os mais adiantados daquele país. A língua *haussá* tornou-se língua de comércio e das côrtes, comum em obras religiosas e escritos com caracteres árabes (RODRIGUES, 2010, p.47), e a mais espalhada no Sudão (ROMERO, 1960, p.300).

Os *haussás* foram introduzidos em grande número na Bahia e vieram, em sua maioria, do norte da Nigéria. Este grupo, através de movimento “contra-aculturativo”, foi responsável pelas insurreições em 1807, 1809, 1813, 1816, 1826, 1827, 1828, 1830 e a grande revolução de 1835, exercendo grande predomínio sobre os outros negros (RAMOS, 1971, p.139). Suas guerras não eram apenas contra “os brancos”, mas os negros que não aderissem às suas insurreições eram tidos como inimigos. Segundo Arthur Ramos, tratava-se de uma “guerra santa”, em que o caráter religioso sobrepunha o étnico.

Os *malês*, em suas práticas litúrgicas, realizavam a *salat*²⁰, cinco vezes ao dia. Arthur Ramos chamou esta prática de *salah*, de onde teria originado a expressão “fazer sala”, e a descreveu da seguinte forma:

A primeira *salah*, de madrugada, tem o nome de *açubá* (Querino) ou *assoubá* (E. Brazil); a segunda, ao meio-dia, chama-se *Ai-lá* (Querino) ou *oila* (E. Brazil); a terceira, à tarde, toma o nome de *Ay-a-sari* (Querino) ou *Alasari* (E. Brazil); a quarta, ao pôr do sol, passa a chamar-se *Ali-man-gariba* (Querino) ou *Aluma gariba* (E. Brazil); a quinta e última, à noite, chama-se *Adixá* (Querino) ou *vitri e lixari* (E. Brazil) (RAMOS, 1971, p.145).

Eles também praticavam a circuncisão (*kola*), quando o menino *malê* atingia dez anos de idade, bem como o *assumy* (jejum anual). Este coincidia com a festa de Pentecostes e “du-

¹⁹ “O termo *Haussá*, como destaca Seligman, serve para designar 1.º) a língua Haussá; 2.º) o país onde se acha o grupo principal de povos de fala *haussá* e 3.º) todos os povos do Sudão central e ocidental que falam o *haussá* como língua mãe, e conhecidos também sob a designação *Haussáúá*” (RAMOS, 1971, p.137).

²⁰ *Salat* é o nome que se dá as orações “que são realizadas cinco vezes ao dia pelo muçulmano, e constituem um elo direto entre o servo e o Seu Criador. Essas orações diárias contêm versículos do Alcorão e um conjunto de preces” (SAIFI, 2012, p.9).

rava toda uma lunação, seguido de 60 dias de descanso e mais dez de penitência”. Neste período foram observados certos tabus alimentares, pois:

Apenas podiam comer inhame cozido com azeite de dendê, arroz pisado com água e açúcar e leite e mel de abelhas. As refeições eram tomadas às quatro horas da madrugada e às oito horas da noite. O jejum terminava por uma grande festa, em que se trocavam presentes ou *saká* (RAMOS, 1971, p.145).

João do Rio afirma que depois do *assumy*, a festa mais importante era a do *Ramadã*²¹, onde se trocavam o *saká* (*presentes mútuos*) (RIO, 1906, p.60).

Este grupo sempre viveu segregado dos demais e conservou as “suas prerrogativas de casta aristocrática”. De acordo com o relato de Arthur Ramos:

Na capital baiana, os seus redutos preferidos eram a ladeira do Taboão, o largo do Pelourinho, a ladeira do Alvo [...]. Dentro da casa, conservavam a indumentária típica do Sudão maometano: a túnica branca (*abadá* ou *camisa*), o gorro (*filá*), de onde pendia longa faixa branca. Os sacerdotes (*lemanos* ou *alufás*) ainda traziam pendente da cintura um rosário (*tecibá* ou *tessubá*) de meio metro de comprimento, tendo noventa e nove contas grossas de madeira e terminando por uma bola em vez da cruz dos cristãos (RAMOS, 1971, p.143).

Os *alufás*, conhecedores do alcorão e sacerdotes versados em árabe (RIBEIRO, 2012, p.111), realizavam, antes das preces, as *abluções*²². João do Rio descreve a prática afirmando que:

Logo depois do *suma* ou baptismo e da circuncisão ou *kola*, os *alufás* habilitam-se à leitura do Alcorão. A sua obrigação é o kissium, a prece. Rezam ao tomar banho, lavando a ponta dos dedos, os pés e o nariz, rezam de manhã, rezam ao pôr-do-sol. Eu os vi, retintos, com a cara reluzente entre as barbas brancas, fazendo o aluma gariba, quando o crescente lunar aparecia no céu. Para essas preces, vestem o abadá, uma túnica branca de mangas perdidas, enterram na cabeça um filá vermelho, donde pende uma faixa branca, e, à noite, o kissium contínua, sentados eles em pelle de carneiro ou de tigre (*sic*) (RIO, 1906, p.5).

Nina Rodrigues destaca em sua obra as cerimônias fúnebres realizadas pelos *alufás*, bem como o seu fetichismo – transformado em feitiçaria para “fechar o corpo de todos os malefícios” (RODRIGUES, 2010, p.70,74).

²¹ “O mês de Ramadan foi o mês em que foi revelado o Alcorão, orientação para a humanidade e evidência de orientação e Discernimento. Por conseguinte, quem de vós presenciar o novilúnio este mês deverá jejuar [...]” (ALCORÃO 2.185). Todo ano, durante o mês de Ramadan, todos os muçulmanos jejuam, antes da alvorada até ao pôr-do-sol, abstendo-se da comida, bebida e das relações sexuais (SAIFI, 2012, p.9,10).

²² As abluções (*wudhu*) são preceitos obrigatórios, cujo sem o seu cumprimento às orações não são consideradas válidas, “sem a ablução «wudhu» a oração é nula” (ABDALATI, 2008, p.77). Estas têm seu fundamento no alcorão, que afirma: “Ó crentes, sempre que vos dispuserdes a observar a oração, lavai o rosto e as mãos, até aos cotovelos; esfregai a cabeça, como a mão molhada, e lavai os pés até aos tornozelos. E, quando estiverdes polutos, higienizai-vos; porém, se estiverdes enfermos ou em viagem, ou se vierdes de lugar escuso ou tiverdes tocado as mulheres, sem encontrardes água, servi-vos do *tayamum* com terra limpa, e esfregai como ela os vossos rostos e mãos. Allah não deseja impor-vos carga alguma; porém, se quer purificar-vos e agradecer-vos, é para que Lhe agradeçais” (ALCORÃO 5.6).

Estes pequenos relatos dos grupos *haussá*, *malês* e *alufás*, demonstram as práticas islâmicas realizadas no “Brasil Colônia”, as quais comparadas com as práticas islâmicas modernas apontam para o seu grau de aculturação afro-brasileiro.

Afinal, as práticas religiosas estão em constante movimento, pois “continuidade não significa imutabilidade. Em todas as sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança” (HERVIEU-LÉGER, 1999, p.57).

1.2 ISLAMISMO DE IMIGRAÇÃO

Em meados de 1860, a história do Islã no Brasil começa a ser escrita em seu segundo capítulo, a saber: o Islamismo de Imigração. Ela tem o seu prólogo no período onde a Grande Síria²³ encontrava-se sob o domínio do Império Otomano²⁴; época de ampla crise política e econômica desencadeada pela reação às potências europeias, convertendo-se em risco à sobrevivência de seus cidadãos, compelindo-os ao movimento de emigração²⁵.

Conforme assinala Hajjar:

Como causas principais da imigração podemos citar a intolerância do cidadão árabe em servir ao exército otomano; a pobreza da terra; o despreparo do elemento humano para enfrentar a opressão interna e externa de toda ordem; ou as guerras sucessivas e conseqüente fome, desespero e privação (HAJJAR, 1985, p.33).

A escassez de alimento, em função da produtividade agrícola minorada, a alta densidade demográfica e o caos econômico predominante constituíram-se no fator primário e preponderante que alavancou este processo. Conforme Gattaz:

O fator que se encontra na origem da emigração libanesa, e que ao longo dos anos desempenhou importante papel, é constituído pelo conjunto de necessidades econômicas e materiais decorrentes da relação entre a pequena produtividade agrícola e a alta densidade populacional que desde meados do século XIX caracterizou aquele país (GATTAZ, 2005, p.23,24).

Em 1850, o Líbano atravessava verdadeira convulsão social. Os *maronitas*²⁶ campone-

²³ Região do Oriente Médio que atualmente é formada pelos atuais Estados da Síria, Líbano, Jordânia, Israel e Territórios Palestinos.

²⁴ Império com início na expansão árabe, consolidada no século XIII com Otoman I (1258-1324), que obteve várias vitórias contra os bizantinos. No século XV, o Império Otomano tinha conquistado as regiões da Mesopotâmia e a Síria.

²⁵ Os termos *emigração* e *imigração*, que muitas vezes se confundem, são aqui distinguidos pela posição do narrador, apesar de descreverem um único movimento. Via de regra, emigração está associada ao indivíduo ou grupo social que deixou o país de origem, e imigração a entrada deste em nosso país (país do narrador). [Nota do Autor].

²⁶ Adeptos “de um anacoreta chamado MARON. Existem poucos dados sobre a vida e as atividades do anacoreta Maron. Teodoreto, bispo de Ciro, falecido em 458, relata alguns detalhes em sua obra «História Religiosa», escrita no 440 (*sic*). Este grande historiador, porém, não informa sobre a data do nascimento e tampouco da morte de São Maron. Mas, graças a ele, podemos dizer que São Maron nasceu e viveu no século IV.” (MAHFOUZ, 1997, p.3).

ses atacaram peremptoriamente e baniram as nobres famílias *drusas*²⁷, expropriando-as. “Logo, tornou-se em conflito entre os camponeses maronitas e lordes drusos, conhecido como a «guerra civil de 1860»” (GATTAZ, 2005, p.17).

A imposição do Império Otomano para o serviço militar obrigatório (*nos séculos XVII a XIX*) estabeleceu leis civis que se chocavam com os princípios religiosos (NAME, 2009, p.8); suscitando tensões tanto para os muçulmanos como para os cristãos. Gerando profunda rejeição ao domínio otomano por parte dos drusos e maronitas, que ao longo do tempo buscaram abrigo nas montanhas do Monte Líbano (GATTAZ, 2005, p.25). Em 1909, estas tensões cristalizaram-se na «Revolta dos Jovens Turcos»²⁸, tornando cada vez mais real o desejo da emigração.

Por outro lado, o Brasil, desde a regência do Príncipe D. João, com a «abertura dos portos»²⁹, “permitiu a concessão de terras aos estrangeiros e tornou espontânea a imigração” (NAME, 2009, p.15). Mais tarde, em 1871, foi adotada a política da «Imigração Subvencionada»³⁰, mas como os sírio-libaneses³¹ não vinham de um país soberano e sim de um Estado em conflito, estes, em contraposição com os japoneses, italianos e alemães, não possuíam instrumentos políticos e diplomáticos para negociação da possível subvenção no estado brasileiro (CASTRO, 2007, p.24). Conforme Assinala Salawdeh (1997):

a imigração de japoneses, italianos e alemães se deu em decorrência de um entendimento anterior entre o governo brasileiro e os governos de seus países. Muitos vieram para substituir a mão de obra nas fazendas de café, especialmente depois da abolição da escravatura em 1888. Ao chegar no Brasil, estes imigrantes recebem moradia, trabalho e até salário antecipado. Isso não aconteceu no caso dos árabes que tiveram que buscar seus próprios meios de sobrevivência (SALAWDEH, 1997, p.18).

A visita do Imperador D. Pedro II em 1876 ao Líbano, Palestina e Síria, constituiu-se em estímulo para “muitos dos camponeses da região virem ao Brasil para construir uma nova vida, longe do Império Otomano” (RIBEIRO, 2012, p.118).

Com a abolição da escravatura, em 1888, o Brasil demonstrou estar se adequando ao

²⁷ Grupo religioso que afirma que o sexto califa muçulmano, “al-Hakim” que viveu no século XI, da dinastia fatímida, foi a última de uma série de encarnações terrenas de Deus.

²⁸ O serviço militar obrigatório era realizado dos 18 a 21 anos, onde as famílias ficavam sem esta força de trabalho. Muitos jovens procuravam alguma forma de saírem do país antes do alistamento.

²⁹ Decreto promulgado por D. João, de Portugal, em 28 de janeiro 1808, que marca o fim do Pacto Colonial – onde os demais países não poderiam vender nem comprar diretamente do Brasil (FAUSTO, 1995, p.122).

³⁰ Em 1871 o governo brasileiro cria a lei que permite a emissão de apólices de até 600 contos de réis como auxílio no pagamento das passagens e no adiantamento de 20 mil-réis para cada família imigrante.

³¹ “A escassa literatura sociológica sobre esse grupo continua tratando sírios e libaneses como um só grupo étnico, reafirmando-se, nesse conceito, o fato de que o Líbano pertencia politicamente à Síria até 1926.” (PEREIRA, 2000, p.19).

novo «sistema de produção capitalista»³² adotado em toda Europa e propiciado pela Revolução Industrial, abrindo espaço para as mais variadas atividades comerciais e industriais.

Neste contexto, processa-se a primeira leva imigratória³³ do Líbano para o Brasil (*entre 1860 e 1870*), estendendo-se até 1890. Iniciando-se pelo Rio de Janeiro com o surgimento da primeira colônia e, logo depois, em São Paulo no início do século XX (NAME, 2009, p.16). Neste período entraram no Brasil cerca de 11 mil imigrantes sírio-libaneses pelo Porto de Santos (GATTAZ, 2005, p.23), dos quais a maioria era de orientação religiosa protestante.

Como não vieram subsidiados, os imigrantes sírio-libaneses ingressaram na atividade terciária, onde a *mascateação*³⁴ tornou-se a solução para a subsistência e futuro acúmulo de capital. Eles vendiam as suas mercadorias (*berliques e berloques; cortes baratos de chita; colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, mas fabricados em São Paulo*) retiradas em consignação, viajando grandes distâncias nas áreas rurais do Estado de São Paulo, Rio de Janeiro e das Minas Gerais (GATTAZ, 2005, p.10).

A imigração sírio-libanesa coincidiu com os três ciclos importantes da expansão da economia brasileira: o ciclo da borracha, do minério e do café (YKEGAYA, 2006, p.50), criando as condições favoráveis e alavancando a atividade da mascateação.

Como houve o rápido acúmulo de capital por parte dos imigrantes sírio-libaneses, logo, graças às cartas enviadas ao Líbano, espalhou-se esta informação (GATTAZ, 2005, p.36), estimulando o interesse de outros a conhecerem as terras brasileiras.

Num segundo movimento, as levas imigratórias sírio-libanesas ocorreram de 1945-1955; 1956-1970 e 1971 até hoje, conforme (ANEXO B).

É digno de nota pontuar que os sírio-libaneses “excluíram de seu projeto migratório a zona rural e se instalaram nas cidades desempenhando as funções urbanas.” (PEREIRA, 2000,

³² “O Brasil sempre compartilhou do mesmo sistema e das mesmas relações econômicas que deram origem ao capitalismo. O escravismo que predominou aqui não é incompatível com o modo de produção capitalista. A abolição da escravidão será a culminação de um modo de produção já implantado desde o início. A substituição da mão-de-obra escrava não afetou a natureza estrutural da grande exploração capitalista.” (REIS, 1999, p.9).

³³ Embora se tenha convencionado que a primeira leva imigratória tenha ocorrido entre 1860-1870, há um relato impreciso da presença libanesa desde a chegada da família real em 1808 (NAME, 2009, p.14).

³⁴ Os mascates pegavam mercadorias nas lojas, muitas vezes sob consignação, para vendê-las nos distantes bairros da periferia (GATTAZ, 2005, p.101-103). A mascateação constituiu-se na atividade primária dos imigrantes sírio-libaneses. Em se tratando da cidade de São Paulo (*centro, bairro da Vila Mariana e adjacências*), foi ela que levou “à melhoria do bairro que, de zona de prédios velhos em vias de demolição, foi sendo ocupado por fábricas e armazéns de tecidos e confecções por atacado e varejo, restaurantes, apartamentos, casas de cômodo, lojas, templos religiosos e as mais diversas instalações. Comum era a ocupação do andar térreo para os negócios e os andares superiores para a moradia da família, que os imigrantes árabes passaram a constituir quando a imigração deixou de ser um estado provisório.” (OSMAN, 2009, p.3).

p.19).

Com relação às crenças e religião trazidas pelos sírio-libaneses destacam-se dois segmentos, a saber: islamismo e cristianismo. Estes dois segmentos religiosos já estavam presentes no solo brasileiro, este através da colonização portuguesa; e aquele, como dito alhures, por intermédio de alguns escravos trazidos da África que praticavam o chamado: Islã Negro (BASTIDE, 1971, p.203-218).

Considerando-se que a religião funciona como instrumento de agregação social, mantendo viva a língua e servindo de ponto de convergência aos futuros imigrantes; logo, esta religiosidade cristalizou-se da seguinte forma em São Paulo: os imigrantes sírio-libaneses, de orientação cristã católica, fundaram a Igreja Maronita; os de orientação protestante, a «Igreja Protestante Síria»³⁵ (1920); e ainda os muçulmanos a Mesquita Brasil (1941).

Costa, reportando-se ao século XIX, descreve esses contornos afirmando que neste contexto:

[...] vamos encontrar em São Paulo, em janeiro de 1897, o padre Mussa Abi Haidar que, após celebrar a Santa Missa, em um salão especialmente adaptado, à Rua 25 de Março, 115, organizou uma procissão, sendo essa a primeira ortodoxa realizada na América do Sul. O primeiro Presidente do Governo Republicano do Brasil, Marechal Floriano Peixoto, recebeu em 1891, o padre marunita Kirillus Kúr, que foi apresentado por Honório Figueiredo Bento. A pedido do Presidente, celebrou o padre Kirillus a Santa Missa, pelo ritual Marunita, da Igreja de São Joaquim, sendo auxiliado pelo padre Issa Sádír. Foi presenciada pelo Presidente, seus familiares e por todos os árabes residentes no Rio de Janeiro. Outra passagem, que reflete o espírito imigrante árabe é a relativa chegada à São Paulo do arcebispo da Igreja Melquita de Zahlah no Líbano, D. Kirilus Mughabghab, a 5 de dezembro de 1904, quando lhe foi proporcionada uma recepção, encabeçada pelo chefe da Igreja Ortodoxa de São Paulo, padre Silvestre As-Saghir. O Arcebispo foi recebido, na estação ferroviária, em trajes cerimoniais, velas e cânticos em árabe Mubárac al-Áti Bism-ir-Rab (Abençoado aquele que vem em nome do Senhor). E a sessão cívica, então realizada, teve um auditório com cerca de trezentas pessoas, na qual foi saudado por seis oradores e poetas (COSTA, s/d, p.79).

Já os imigrantes muçulmanos, grupo minoritário, só conseguiram organizar-se juridicamente em 1928, com a primeira sociedade beneficente muçulmana no Brasil – na Avenida do Estado – São Paulo – Capital. Logo depois:

[...] em 1929 foram iniciados os preparativos para a construção da primeira Mesquita, sendo então lançada em São Paulo, em 1941 a pedra fundamental da Mesquita Brasil, pela Sociedade Beneficente Muçulmana, sem nenhuma participação de clérigos muçulmanos. Todos os membros da Sociedade, mantinham suas atividades, mesmo clericais, embora sendo leigos, e só depois de quase concluída a Mesquita, é que receberam um "Imán" ou "Chaickh", vindo do Egito, isso pouco antes da inauguração (COSTA, s/d, p.79).

³⁵ A Igreja Protestante Síria constitui-se no segundo movimento de cristalização da IEASP: “O Ajuntamento”. Quando, por meio de fluxos e refluxos, os protestantes sírio-libaneses conseguiram organizar-se juridicamente. A Igreja Protestante Síria reuniu-se em torno do seu pastor, Rev. Khalil Simão Hacy; “imigrante sírio-libanês em 1899, que volta à sua terra em 1904 a fim de realizar os estudos teológicos. É ordenado em 1907, e por fim, regressa ao Brasil com a finalidade de aglutinar os ben-árabes protestantes.” (LIMA, 2010, p.36).

Mais tarde, eles construíram na tríplice fronteira a Mesquita *Omar Ibn Al-Khatab*, inaugurada no dia 23 de março de 1983, tendo a sua arquitetura inspirada na Mesquita de *Al Akssa*, em Jerusalém.

1.3 ISLAMISMO DE CONVERSÃO

Atualmente, existem no Brasil mais de vinte mesquitas, várias sociedades beneficentes muçulmanas e diversos centros islâmicos (ANEXO A). Esta expansão reflete um «novo elemento» no cenário religioso brasileiro. Este, descrito por Ribeiro, refere-se à frequência e participação nas mesquitas de:

[...] grande contingente de brasileiros frente aos descendentes de imigrantes árabes. Estima-se que no Brasil existam cerca de um milhão e meio de muçulmanos. Não há como se ter um número exato devido ao fato do islamismo, diferentemente das religiões cristãs, não possuir um ritual público de adesão à religião (RIBEIRO, 2012, p.121).

O fenômeno, que nos últimos anos tem despertado a atenção de cientistas da religião, sociólogos e antropólogos, está associado ao ingresso de brasileiros à religião islâmica. E, é chamado, pelos muçulmanos, de «reversão».

Revertido é aquele que professa a *shahada*³⁶: “Não há Deus, se não Deus, e o Profeta Mohammed é o seu mensageiro” (FERREIRA, 2009a, p.2).

Todos os sábados à tarde, cerca de 30 a 40 brasileiros reúnem-se juntamente com um *sheikh*, na Mesquita do Pari, para o estudo da língua árabe e teologia islâmica. Esta realidade tem se replicado nas mesquitas espalhadas por todo território nacional. Os documentários «Os manos de Alá»³⁷ e «Sob o véu do Islã»³⁸ retratam esta realidade hodierna em vários estados brasileiros (OS MANOS DE ALÁ, 2011; SOB O VEU DO ISLÃ, 2012).

Diferentemente do judaísmo, o Islã tem adotado o proselitismo como meio de crescimento e permanência em países não islâmicos e não árabes. Os EUA e a França são exemplos do crescimento do Islã valendo-se do proselitismo, ou seja, por meio da reversão de não árabes.

Embora, na América Latina, segundo dados estatísticos, os números sejam bem inexpressivos (0,05% do cenário mundial, cf. Tabela 2); o fenômeno não deixa de ser percebido no

³⁶ Termo árabe que significa “testemunho”, declaração de fé que o indivíduo faz ao ingressar na religião islâmica (SAIFI, 2012, p.8).

³⁷ Vídeo com 50 minutos de duração, produzido nas mussalas e mesquitas do centro e periferia de São Paulo. Apresenta, em linguagem informal, os depoimentos dos brasileiros revertidos, imagens das orações e cânticos islâmicos.

³⁸ Vídeo com 71 minutos de duração, que apresenta o fenômeno da reversão no universo feminino e a utilização do *hijab*, com diversos depoimentos de brasileiras revertidas.

contexto brasileiro.

Tabela 2 - O Islã no Mundo (em números).

O ISLÃ NO MUNDO	Região	N.º de muçulmanos	Porc.
	Ásia	985.530.000	61,65%
	Oriente Médio	317.070.000	19,84%
	África do Sul	248.110.000	15,52%
	Europa	43.490.000	2,72%
	América do Norte	3.480.000	0,22%
	América Latina	840.000	0,05%
	(TOTAL) População Mundial	1.598.520.000	100,00%

Fonte: *The Pew Forum* (2010)

Pois, nas últimas décadas, com o surgimento de várias organizações islâmicas *xiitas* e *sunitas*³⁹, o Islã tem expandido suas redes sociais e criado aportes para o recebimento de novos membros de outras etnias.

Organizações como o CDIAL (1987), o CIB (1989), a FAMBRAS (1979) e a UNI (2004), funcionam como «ponta de lança» para a penetração do Islã nas áreas urbanas e rurais – por intermédio dos seus diversos mecanismos.

O CDIAL, organização sediada em São Bernardo do Campo, faz diversas articulações com instituições islâmicas, a fim de apoiá-las, divulgá-las e ajudá-las no aporte logístico, midiático e de recursos financeiros (Figura 2). Semelhantemente ao CDIAL, as demais organizações citadas também funcionam como eixo articulador, tendo em sua órbita as demais instituições, as quais, podem estar contidas em outros elementos articuladores.

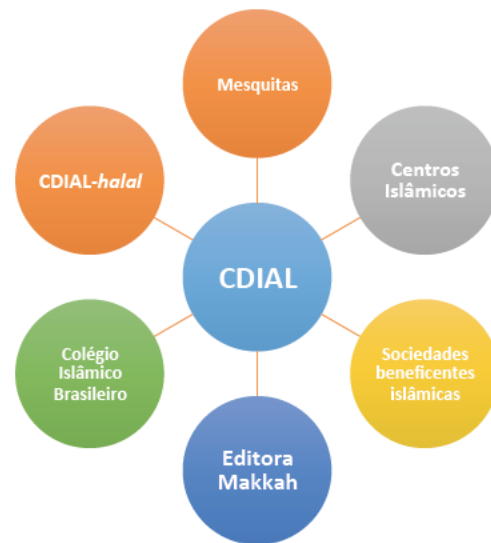


Figura 2 - Articulações do CDIAL (do autor)
Fonte: ISLAM-br (CDIAL,2012).

Esta megaestrutura, que será estudada de forma pormenorizada no “Capítulo 2 – Os Principais Produtores de Bens Simbólicos no Islã”, constitui-se numa verdadeira teia de produção de nova cosmovisão, tendo como uma das suas finalidades a adesão de não árabes.

³⁹ Com a morte do profeta Mohammed, em 632 d.C., houve a disputa entre Ali (*genro de Mohammed*) – o qual reivindicava a sucessão por ser casado com Fátima (*única filha viva do Profeta*), e Abu Bakr, amigo do profeta, que acabou sendo escolhido como sucessor pela maioria dos muçulmanos. Os partidários de Ali foram conhecidos como “Shiat Ali” e mais tarde como “xiitas”. Já os seguidores de Abu Bakr, aderiram a *Sunnah* (*biografia de Mohammed*), por isso foram chamados de “sunitas”. Hoje, eles representam mais de 95% da população muçulmana espalhada pelo mundo.

Apesar do aspecto funcional e dinâmico desta estrutura organizacional, alguns pesquisadores do Islã têm apontado para as tensões existentes entre a etnicidade⁴⁰ e o sincretismo religioso. Estas duas forças vetoriais encontram-se em oposição. Elas representam simbolicamente o «Islã de Imigração» e o «Islã de Reversão», a arabização e a islamização, o muçulmano nato e o revertido ao Islã.

Ribeiro assinala está “dupla face no crescimento numérico dos muçulmanos no Brasil”; para a pesquisadora:

Tem havido recentemente um movimento de volta de alguns “nascidos muçulmanos”, filhos e netos de árabes e conjuntamente, um fenômeno de reversão de brasileiros sem ascendência árabe. Percebe-se também uma diferença clara no tratamento dado nas mesquitas a estes dois grupos. Existem mesquitas que se preparam com afinco para receber e manter estes revertidos brasileiros, com cursos em português e atividades diversas e atrativas. Outras mesquitas, mais tradicionais, atém-se à língua árabe e a atividades culturais apenas, numa clara etnificação do Islã (RIBEIRO, 2012, p.122).

Castro afirma que conflitos ideológicos, tensões e negociações têm feito parte desta realidade dual. Segundo a pesquisadora, os revertidos “reconhecem sua ‘subordinação’ atual a uma estrutura religiosa marcada por aspectos culturais árabes bastante manifestos, mas não perdem as esperanças de ver a religião islâmica assumir uma face mais brasileira no país, com o aumento do número de conversões.” (CASTRO, 2007, p.142).

A «face brasileira do Islã» tem os seus contornos bem definidos num grupo de jovens da periferia de São Paulo. Mediante eventos culturais (*movimento de cultura negra*), estudos da biografia de “Malcolm X”, “Cat Stevens”, “Kareem Abdul Jabbar”, “Mohammad Ali” (CDIAL, 2012c) e as *suratas*⁴¹ do alcorão, este grupo redefine sua identidade “resgatando um passado histórico fincado nas revoltas dos malês” (RIBEIRO, 2012, p.127).

O imbricamento do Islã com as comunidades negras, no resgate à memória do Islã de Escravidão, associado ao *hip-hop* traduz-se num subproduto bem diferenciado do Islã de Imigração.

Estas duas faces do Islã, representam os dois lados de uma mesma moeda, que lhe atribuem o distinto valor. Sem o Islamismo de Reversão, o Islã seria uma realidade estática e fadada ao seu provável desaparecimento.

Considerando que, segundo Geertz (2008), a religião é:

é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de

⁴⁰ Nos últimos anos o termo “eticidade” tem tomado vários sentidos nos estudos antropológicos. Num sentido primário o termo vem da palavra grega “etnos” que referenciava aos povos bárbaros ou gregos não organizados segundo o modelo “Cidade/Estado (POUTIGNAT; STREIFFE-FERNAT, 1998, p.23-27). Em nossa pesquisa tomaremos por etnicidade a pertença étnica (*biológica*) com o sentimento de lealdade a esta.

⁴¹ Nome atribuído a cada capítulo do alcorão.

uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p.67).

O processo de reversão é constituído de uma troca de bens simbólicos. Pois, no trânsito religioso de um indivíduo de uma comunidade cristã (*católica ou protestante*) para o Islã, a mudança da cosmovisão do revertido se dá, em um nível mais profundo, por meio da construção, desconstrução e ressignificação de símbolos religiosos. Este processo não é natural, mas socialmente construído, por intermédio da produção de bens simbólicos, o seu oferecimento no mercado religioso, e o “marketing”, ou seja, avaliação das vantagens para a aquisição do bem.

Nos próximos capítulos apresentaremos, de forma pormenorizada, o “Islã de Reversão”, através da produção de bens simbólicos e suas disposições ao mercado religioso. Também procuraremos pontuar como se atua a economia destes bens simbólicos no processo de reversão ao Islã: o que o revertendo ganha, o que ele perde, e o que é ressignificado em sua economia simbólica.

E por fim, a partir dos resultados, analisaremos os bens simbólicos nas categorias de: bem simbólico da cultura árabe e bem simbólico islâmico.

2. OS PRINCIPAIS PRODUTORES DE BENS SIMBÓLICOS NO ISLÃ

“Les théories et les écoles, comme les microbes et les globules, s’entre-dévorent et assurent para leur lutte la continuité de la vie.”⁴²

Marcel Proust

A construção do conhecimento humano pode ser compreendida por intermédio da aquisição, permuta e descarte de símbolos (*bens simbólicos*). Conforme Jaffé (2008),

a história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) e até mesmo as formas abstratas (os números, o triângulo, o quadruplo, o círculo). De fato, todo o cosmo é um símbolo em potencial (JAFFÉ, 2008, p.312).

Estes símbolos (*sombras das suas representações*), ora se organizam, ora se tornam excludentes, e/ou ora se tornam dependentes, em constantes arranjos de nexos e paradoxos. A constante tentativa do ser humano em organizar os bens simbólicos de forma racionalizada, transforma-se em “sentido de vida”. Desta forma, estas dinâmicas atividades cognitivas constituem-se na circulação de bens simbólicos (*economia*).

A economia de bens simbólicos e de bens materiais opera em processos semelhantes. Ambas têm em sua estrutura: produtores, consumidores e produtos (*bens de consumo*). Nestes últimos estão agregados os valores sociais que distinguem e classificam os seus consumidores.

No macrocosmo (*chamado mercado*), os produtores competem entre si em luta feroz pela continuidade da vida.

⁴² “As teorias e escolas, como os micróbios e células devoram uns aos outros para garantir a continuidade da vida” (PROUST, s/d).

A economia de bens simbólicos não deve ser minorada diante da economia de bens materiais. Pois, os símbolos, apesar de estarem no plano abstrato⁴³, têm muito a dizer dos elementos sociais concretos, visto que são as suas sombras e representações.

Conforme Bourdieu, “os «sistemas simbólicos», como instrumentos de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (BOURDIEU, 1989, p.9). Desta forma, o poder simbólico é um poder de construção da realidade, pois o conhecimento que possuímos do mundo não se dá em *prima facie*; a construção da realidade realiza-se mediante complexa estrutura de símbolos e signos. Estes funcionam como instrumentos por excelência da integração social.

Segundo Bourdieu, a força dos sistemas simbólicos consiste no

poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p.14).

O processo de reversão ao Islã articula-se na desconstrução e (re)construção de bens simbólicos onde o revertendo está no período latente de redefinição do capital cultural. As novas ideologias, como produto coletivo, redefinem a estrutura lógica da interpretação da realidade. O efeito ideológico, promovido por «grupo social de capital específico»⁴⁴, traduz-se na cristalização de um novo *habitus*, ou seja, um conjunto de sistema de disposições incorporadas.

No Islã, os principais produtores de bens simbólicos, por excelência, são os *sheikhs*⁴⁵; visto que são especialistas, conhecedores das *suratas* do alcorão, dos *hadiths*⁴⁶, bem como das

⁴³ Afirimo que os símbolos estão no plano abstrato não por causa do seus corpos (*corpos simbólicos*), mas por causa da abstração que eles podem trazer para os sujeitos que lhes interpretam. O *hijab*, como símbolo, pode ser interpretado como proteção ou clausura (*conceitos abstratos*), mas o seu «uso» ou «não uso» se materializa no plano concreto dos sujeitos sociais. [Nota do Autor].

⁴⁴ Chamado por Bourdieu de «campo», ou seja, um “microcosmo incluído num macrocosmo social (nacional ou global), sendo que cada campo possui regras do jogo e desafios que lhe são específicos para aquele campo. Por exemplo, o campo científico tem suas regras para aceitar um estudo, o campo econômico, outras para o seu funcionamento. Os agentes que ocupam diferentes posições, embora lutem entre si, estão numa relação de cumplicidade para manter o campo. As lutas se dão pela posse de um capital específico daquele campo ou pela redefinição daquele capital” (CORTES, 2009, p.77).

⁴⁵ *Sheikh* ou “Imam é o líder religioso, o guia no contexto islâmico, é ele que tem a incumbência de dirigir as atividades religiosas de uma mesquita, e orientar a comunidade muçulmana, para a prática do Islam em suas vidas; a oração, caridade, casamento, entre outras atividades. Ele também tem um papel fundamental no aconselhamento para a prática das boas obras, e a sua atuação não se resume somente à mesquita, mas sim, a todos os assuntos relacionados à comunidade muçulmana que estiver sobre a sua responsabilidade” (SAIFI, 2012, p.24).

⁴⁶ *Hadiths* são compilações das histórias da vida do profeta Mohammed, conhecidas também como *Sunnah*. Para os muçulmanos sunitas, a *Sunnah*, juntamente como o alcorão “formam as fontes máximas da compreensão do Islam” (ZARABOZO, 2011, p.10).

«jurisprudências islâmicas»⁴⁷. Eles, também, são responsáveis pela “«sistematização» das crenças e práticas religiosas” (BOURDIEU, 2005, p.34). Contudo, seu raio de ação limita-se à mesquita e comunidade muçulmana sob a sua responsabilidade (SAIFI, 2012, p.24).

A fim de preencher esta lacuna, ou seja, a criação de uma organização que integrasse o maior número de organismos islâmicos, surgiram paulatinamente instituições como o CDIAL, a FAMBRAS, o Centro Islâmico no Brasil, a UNI e outras. Elas funcionam como produtoras de bens simbólicos e possuem, em suas nuances, particularidades de interpretação (*xiitas e sunitas*) e prática islâmica.

2.1 CDIAL

Situado à Rua Henrique Alves dos Santos, 161 – Jardim das Américas, São Bernardo do Campo - SP, e ao lado da Mesquita *Abu Bakr Assedic*, o CDIAL trata-se de:

fundação beneficente, independente, cultural e social islâmica, que atua na divulgação do conhecimento islâmico, na defesa das questões dos muçulmanos e em ajuda aos mesmos. Também trabalha na manutenção da imagem do Islam para os não muçulmanos, rebatendo muitas das falsas acusações feitas por muitos oponentes e inimigos do Islam através da mídia (CDIAL, 2012b).

Esta instituição, de caráter *sunita*, de acordo com C.D., funcionário do CDIAL,

[...] surgiu em 1987, através do Sr. Presidente Ahmad Alif Saifi. [...] Desde que ele veio como imigrante para o Brasil, sentiu a necessidade de integrar os muçulmanos que aqui estavam numa comunidade, para que pudessem ter força, propagassem a religião e também se fortalecessem como muçulmanos (C.D. - ANEXO H).

Conforme Ramos, o CDIAL é uma entidade que “oferece orientação religiosa, noções de língua árabe, congressos e seminários” (RAMOS, 2012, p.226). E, atualmente tem em seu corpo diretivo o presidente: Ahmad Ali Saifi, o vice-presidente: Zaid Ali Saifi, e o *sheikh* Juma Momade Anli (*departamento religioso*).

Como produtor de bens simbólicos, o CDIAL articula-se (Figura 2) com diversas organizações islâmicas (*mesquitas, mussalas, centros islâmicos, sociedades beneficentes islâmicas, colégios islâmicos, Editora Makkah, CDIAL-Halal e outros*). Ele proporciona apoio logístico, com a divulgação dos eventos das organizações articuladas, realiza seminários voltados para o ensino da religião islâmica, patrocina a realização de cursos e encontros nas mesquitas e disponibiliza material de apoio para a divulgação do Islã às demais organizações muçulmanas.

⁴⁷ Nos dias 15 a 17 de fevereiro de 2013, aconteceu em Itapeceira da Serra o 1º Encontro de Jurisprudência Islâmica para a Comunidade Islâmica do Brasil. Foram enviados pela Universidade Islâmica Rei Saud da Arábia Saudita: Dr. *Sheikh* Abdallah Al Abdul Karim, Dr. *Sheikh* Khalid Al Eid, Dr. *Sheikh* Abdullah Al Barak. E também estiveram presentes os *sheikhs* convidados como palestrantes: *Sheikh* Mohamad Al Bukai, *Sheikh* Abdul Al Ghafour Badawi, *Sheikh* Mohammad Umamah, *Sheikh* Mohammad El Mughrab, *Sheikh* Juma Momade (CDIAL, 2012b).

Com fins didáticos e de forma sintética, podemos compreender o CDIAL na seguinte estrutura de funcionamento: a) produção de material de apoio (*documentários em vídeo, internet, impressos*), e; b) articulações (*com sociedades islâmicas e não islâmicas*) (ANEXO N).

Abaixo, descreveremos os principais veículos utilizados pelo CDIAL para a produção simbólica aos não islamizados e islamizados.

2.1.1 Editora Makkah

Localizada em São Bernardo do Campo – SP, nas dependências do CDIAL, a Editora Makkah tem sido grande aliada deste na divulgação da fé islâmica. Ela tem publicado dezenas de livros, banners e folhetins⁴⁸ sobre o Islã (ANEXO M). A Editora, em parceria com o CDIAL e colaboradores, distribui este material gratuitamente. Conforme C.D.;

Todos os anos são impressos livros e folhetos com a finalidade deste trabalho. No ano passado nós imprimimos trezentos mil livros – que não é nada diante da necessidade que nós temos. Mas, mediante a nossa condição de trabalho, foi o que pudemos fazer. Tudo isso, com distribuição gratuita ao usuário final, um trabalho de filantropia. Na realidade, nós trabalhamos com doações. Então, se algo nos vem de uma forma fácil, temos que facilitar para que chegue aos outros desta forma. Claro que, em algum momento, a gente vai ter que cobrar isso. Mas, esse ainda não é o momento de fazer isso. No momento a nossa preocupação é que este material chegue ao maior número de pessoas possíveis. No ano passado nós imprimimos oitocentos mil panfletos, foram cem mil de cada tema. Ainda não é o ideal, mas é o que a gente está podendo fazer no momento (C.D. - ANEXO H).

Milhares de livros e panfletos informativos (CDIAL, 2012a), foram distribuídos ao público não islâmico nas feiras e bienais do livro em vários Estados do Brasil.

Em setembro de 2011 a Editora Makkah participou da “XV Bienal do Livro no Rio de Janeiro”; em maio de 2012 participou da “II Bienal do Livro em Belo Horizonte”, onde apresentou o lançamento dos livros: “A Verdadeira paz Interior” do Dr. Bilal Philips e “Maria: Mãe de Jesus” de M. Abdusalam; e em agosto de 2012 participou da “XXII Bienal Internacional do Livro em SP”.

Atualmente, a Editora Makkah produz dois impressos de grande circulação em todo o Brasil, trata-se do jornal “A Alvorada” e da revista “Makka Al Mukarama”, como veremos a seguir.

⁴⁸ Juntamente com o CDIAL a Editora Makkah disponibiliza milhares de folhetins nas mesquitas, mussalas, centros islâmicos e outras organizações. São dez os seus tipos, com os seguintes títulos: 1) Conheça o Islam e os Muçulmanos; 2) O Alcorão Sagrado; 3) O que se diz sobre o Islam; 4) O Conceito de Deus no Islam; 5) O Conceito de Adoração no Islam; 6) A Vida Após a Morte no Islam; 7) O que é um Profeta no Islam; 8) Maria no Islã; 9) O Sistema Moral no Islam; e 10) A Mulher no Islam.

2.1.1.1 *Jornal “A Alvorada” (Al Fajr)*

O jornal “A Alvorada” (ANEXO K), publicação de apoio cultural do CDIAL, é um informativo islâmico que tem como público alvo leitores das línguas portuguesa e/ou árabe. Ele possui a tiragem mensal de 3000 exemplares, e é amplamente distribuído nas organizações islâmicas espalhadas pelo Brasil e demais países da América Latina

O jornal está dividido simetricamente⁴⁹ em duas partes: na língua em portuguesa e em língua árabe. Alguns assuntos são comuns às duas partes, tendo cada parte do jornal assuntos específicos ao seu público alvo. As categorias elencadas na língua portuguesa são: muçulmanos, mundo, comunidade, saúde, política, cultura, nacional e internacional. Sendo que, conforme as edições de números 84, 85, 88, 91 e 93 são destaques: revertidos parentes de pessoas públicas⁵⁰, o Islã e a política⁵¹, o Islã no esporte⁵², Islã e cultura⁵³, história de peregrinação à Meca⁵⁴, Islã e ação social⁵⁵; Islã e saúde⁵⁶, crescimento do Islã⁵⁷, dentre outros.

O objetivo do jornal é manter a comunidade islâmica informada e fornecer aos não islâmicos material diversificado. O Jornal é distribuído gratuitamente nas mesquitas, nas mus-salas, no CDIAL, nas bienais do livro, nas divulgações do Islã em praças públicas (*dawah*⁵⁸), nas feiras e eventos. E, apesar do Jornal possuir um «Corpo Diretivo»⁵⁹, não possui ISSN.

2.1.1.2 *Revista “Makka Al Mukarama”*

A revista “Makka Al Mukarama” (ANEXO L), é outra publicação de apoio cultural do CDIAL. Ela segue o mesmo estilo do jornal “A Alvorada”, na tiragem mensal, nos assuntos, na forma bilíngue, na simetria e no Corpo Diretivo. Ela circula mensalmente na maioria das organizações islâmicas no Brasil e demais países da América Latina. E, apesar de possuir me-

⁴⁹ Como a língua árabe se escreve da direita para esquerda (*o contrário da língua portuguesa*), a divisão simétrica do jornal privilegia ambas as línguas. Pois o leitor do árabe terá no início do jornal o conteúdo em sua língua e no final o texto na língua portuguesa, da mesma forma que o leitor na língua portuguesa.

⁵⁰ “Cunhada de ex-premiê britânico Tony Blair se reverte ao Islam” (ALVORADA, 2010, p.6); “Avó de Barack Obama faz peregrinação à Makkah” (ALVORADA, 2011b, p.6).

⁵¹ “Presidenta Dilma Rousseff defende a criação do Estado Palestino na ONU” (ALVORADA, 2011a, p.3).

⁵² “Kanoute um ícone do esporte” (ALVORADA, 2011a, p.7); “Brasil é sede de encontro mundial de escoteiros muçulmanos” (ALVORADA, 2011b, p.6).

⁵³ “Dia nacional de combate à intolerância religiosa” (ALVORADA, 2011b, p.6); “Exposição Levante dos Malês 2012 na USP Leste” (ALVORADA, 2011b, p.7).

⁵⁴ “Minha Peregrinação” (ALVORADA, 2011b, p.6).

⁵⁵ “Projeto Criança Feliz” (ALVORADA, 2010, p.3); “Ação Social islâmica na cidade de Colina com apoio da prefeitura e da comunidade muçulmana” (ALVORADA, 2010, p.4); “CDIAL realiza a 1.ª ação social global islâmica na cidade de Barretos” (ALVORADA, 2011b, p.3).

⁵⁶ “Os males que o cigarro causa” (ALVORADA, 2010, p.6).

⁵⁷ “Califórnia tem a primeira faculdade muçulmana dos EUA” (ALVORADA, 2010, p.6); “Muçulmanos erguem Mesquita próximo ao Polo Norte” (ALVORADA, 2010, p.8); “Dobra a população muçulmana em Mi-lão” e “Inaugurada na Síria Mesquita que recebeu o nome de «Jesus o Messias»” (ALVORADA, 2011a, p.7).

⁵⁸ A palavra árabe *dawah* significa simplesmente convidar para alguma coisa. Quando ela é usada em conjunto com o Islã é entendida como “convidar para o caminho da submissão e entrega a Deus”.

⁵⁹ Presidente: Ahmad Ali Saifi, Diretor Geral: Ziad Ahmad Saifi e Colaboradores mensais.

lhor acabamento (*papel couchê*), é distribuída a “custo zero” (*graças aos patrocínios e doações*).

O ensino corânico⁶⁰, a divulgação dos eventos islâmicos⁶¹, as notícias do Islã no Mundo⁶², são alguns dos assuntos veiculados na revista de número 119.

2.1.2 Site “ISLAM-br”

O portal “ISLAM-br”⁶³ é a principal ferramenta de divulgação do CDIAL para os internautas muçulmanos e não-muçulmanos. Estruturado de forma simples, acessível aos principais navegadores⁶⁴, no site encontramos: a apresentação do CDIAL (*diretoria, atividades e serviços*); as doutrinas básicas do Islã (*os cinco pilares⁶⁵, os pilares de fé, e a história do profeta Mohammed*); as notícias do Islã no Brasil e no Mundo; as atividades desenvolvidas pelo CDIAL (*congressos, acampamentos e cursos islâmicos, participações em congressos nacionais e internacionais, participações em atividades políticas e solidariedade internacional*); links para o canal “Tv-CDIAL”; Rádio online “ISLAM-br”; e artigos de “Verônica Hannis”⁶⁶.

O site possui total integração (*abas laterais*) com as principais redes sociais: Facebook, Twitter e YouTube, com o objetivo do internauta de «curtir» ou «compartilhar» o conteúdo lido.

2.1.3 Rádio online “ISLAM-br”

Tendo os seus estúdios na Rua Dr. Enéas de Barros, 182, bairro da Penha, cidade de São Paulo, a rádio online “ISLAM-br”⁶⁷ funciona com transmissão via internet, possibilitando o alcance do público muçulmano em todo o Brasil. Com corpo diretivo e equipe de locutores, a rádio “ISLAM-br” possui programação semanal (*segunda-domingo*), das 00h00 às 23h59. Também apresenta um conteúdo diversificado (Tabela 3), com um leque de programas destina-

⁶⁰ “O direito dos animais no Islã” (AL-MUKARAMA, 2009, p.4).

⁶¹ “CDIAL promove 1.º Acampamento Jovem Islâmico do Rio Grande do Sul” (AL-MUKARAMA, 2009, p.21); “CDIAL promove Acampamento para Famílias Muçulmanas” (AL-MUKARAMA, 2009, p.21); “CDIAL promove Acampamento para Juventude Islâmica” (AL-MUKARAMA, 2009, p.24); “23.º Congresso Internacional Islâmico da América Latina e Caribe” (AL-MUKARAMA, 2009, p.27).

⁶² “O Massacre de Gaza” (AL-MUKARAMA, 2009, p.12); “Sheikh Hamza Yussuf um dos maiores propagadores do Islam nos EUA” (AL-MUKARAMA, 2009, p.14); “Barack Obama pede «Novo Começo» ao mundo Islâmico” (AL-MUKARAMA, 2009, p.15); “Aumenta o Número de Muçulmanos na Alemanha” (AL-MUKARAMA, 2009, p.16); “Ahmed Aboutaleb – o primeiro prefeito muçulmano na Holanda” (AL-MUKARAMA, 2009, p.17).

⁶³ www.islambr.com.br

⁶⁴ iExplorer, Firefox, Google Chrome e Safari.

⁶⁵ São os cinco pilares do Islã: 1) Prestar o testemunho (*shahada*); 2) Oração (*Al Salat*); 3) O tributo (*Zakat*); 4) O Jejum, e; 5) A Peregrinação (*hajj*) (SAIFI, 2012, p.8-10).

⁶⁶ Verônica Hannis Lima é pedagoga, articulista, diretora do CIB e tem sido a principal expoente na divulgação do Islã no universo feminino brasileiro – em jornais, revistas e programas de TV. [Nota do Autor].

⁶⁷ www.radioislambr.com.br

dos às diversas faixas etárias, gênero, gosto musical e nível de conhecimento islâmico. Os enunciados das programações são realizados (*em sua maior parte*), na língua portuguesa, com conteúdo musical em língua árabe e inglesa.

A rádio é mantida pelos patrocinadores (*com a inclusão das vinhetas de propagandas*) e ofertas voluntárias pelo sistema *PagSeguro*⁶⁸.

O site da rádio também disponibiliza o serviço de *podcast*⁶⁹ para aparelhos digitais (*iPad, iPhone, tablets, etc.*), tendo no seu conteúdo: entrevistas com revertidos⁷⁰, culinária e outras programações interessantes.

Tabela 3 - Conteúdo Programático - Rádio ISLAM-br.

PROGRAMA	APRESENTADOR(A)
Anasheed sem instrumentos	Gravado
Compreenda o Islam	Gravado
Comunidade Online	Sofia Mazloun
Destaques da Semana	Amália e Safia Mazloun
Elas no Ar	Amália e Safia Mazloun
Histórias dos Profetas	Mohamad I. Mazloun
Histórias e Exemplos	Sofia Mazloun
Islam em Foco	Mohamad I. Mazloun
Islam Kids	Samia Mazloun e Fatima Fayad
Jumma	Gravado
Paladares do Oriente	Alia Fayad
Sunas e Súplicas	Gravado
Tafsir (Interpretação do Alcorão)	Gravado
Tahfidh (Memorização do Alcorão)	Gravado
Top 10 Anasheed	Alia Fayad
Vida Muslim	Amália e Safia Mazloun
Você pergunta, o sheik responde	Sheik Mohamad Bukai

Fonte: ISLAM-br (CDIAL,2012).

Na agenda semanal destacam-se dois programas com ênfase aos não-islamizados e revertidos. O programa “Compreenda o Islam”, veiculado em língua portuguesa (*com algumas frases em árabe*), com formatação que possibilita o alcance de um público recém-iniciado no Islã. As orações, cantadas em árabe, são traduzidas para a língua portuguesa, tornando o conteúdo acessível ao não falante do árabe (*revertido ou ben-árabe*). E, o programa “Você pergunta, o *sheikh* responde”, o qual fornece um canal de acesso ao público que teria algum impedimento/bloqueio de ir à mesquita ou suas dependências. As perguntas são realizadas por contato telefônico ou ainda pelo site ISLAM-br.

⁶⁸ Sistema de pagamento online pela internet que visa garantir a segurança de compradores e vendedores na *web*.

⁶⁹ Trata-se de um arquivo no formato MP3 ou AAC, com o conteúdo de áudio digital, publicado na internet via RSS. O termo “podcast” foi cunhado em um artigo no Jornal Britânico *The Guardian*, em 12/02/2004.

⁷⁰ O programa “Caçadores de Histórias”, oferecido apenas em *podcast*, apresenta histórias de reversões, de imigrações e da prosperidade nos negócios por intermédio da ética islâmica.

Os programas “Vida Muslim”, “Elas no ar” e “Paladares do Oriente”, são voltados para o universo feminino, abarcando moda e indumentária feminina (*hijab, niqab e burca*), o papel da mulher no Islã, dicas de culinária árabe e etc. O formato destes programas define mais os contornos culturais (*arabização*), do que os religiosos (*islamização*). Embora, os primeiros sejam justificados pelos últimos.

2.1.4 “Tv-CDIAL”

A Tv-CDIAL⁷¹, nada mais é do que um canal no YouTube (*serviço da Google*), onde são disponibilizados vídeos amadores com conteúdo islâmico nas categorias de: resumos de congressos islâmicos; teologia islâmica (*estudos, palestras e sermões dos sheikhs*); divulgação do Islã (*participação do CDIAL nas bienais do livro, feiras culturais, ação social, programas de TV, etc.*); entrevista com revertidos e política.

O conteúdo é aberto (*para assinantes ou não do canal*) e está disponibilizado na língua portuguesa e/ou em árabe. A chamada para a TV-CDIAL é realizada no próprio site “ISLAM-br”, bem como na Revista “Makka Al Mukarama” e Jornal “A Alvorada”, nos seguintes termos: “Você tem curiosidade em saber como pensam os muçulmanos? Quer conhecer mais sobre a religião? Quer ver as novidades preparadas exclusivamente para você? Acesse o nosso canal e confira os vídeos e as novidades da TV CDIAL” (ALVORADA, 2011a, p.7).

A facilidade de acesso ao canal, via internet, coloca nas mãos do revertido/revertendo a possibilidade de assistir as aulas de teologia islâmica no conforto do seu lar.

O material (*em língua portuguesa*) está disposto em linguagem simples e não apelativa, apresentado para um amplo leque social, como: curiosos, iniciantes no Islã, iniciados e etc.

2.1.5 Escola SAPIENS

Localizada à Rua João Passin, 122, Jardim das Américas, São Bernardo do Campo – SP, a escola SAPIENS, a partir do ano 2000, introduziu na sua matriz curricular o curso de árabe e religião islâmica. Segundo Ramos, estas disciplinas são facultativas para os alunos não muçulmanos,

[...] mas são obrigatórias para os filhos de muçulmanos após o horário normal. Segundo informações do próprio CDIAL há algumas crianças de 11 a 13 anos que se mudaram do Líbano e passaram a frequentar a SAPIENS passando por um processo de adaptação escolar. Através dessa empreitada, muitos professores de ascendência árabe assumiram aulas na escola. A SAPIENS já possui inclusive pais libaneses compondo o conselho da escola, particularmente no departamento de árabe (RAMOS, 2012, p.230).

⁷¹ www.youtube.com/islambr

2.1.6 CDIAL-Halal

O Islã é pautado pelo cumprimento do alcorão e, via de regra⁷², pelos ditos e costumes (*hadiths*) do Profeta. Desta forma, os preceitos islâmicos não apenas orientam a vida do muçulmano no aspecto moral, mas atuam como um sistema que pretende abranger toda a sua vida (OLIVEIRA, 2005, p.92), abarcando o comportamento, os hábitos de alimentares, a higiene (*abluições*), a vida sexual, as indumentárias e etc. Dois termos em árabe são bastante usados no tocante à alimentação: *halal* e *haram*, que querem dizer, respectivamente, «lícito» e «ilícito».



Figura 3 - Selo de certificação - CDIAL-halal

O consumo de bebidas inebriantes é totalmente ilícito, bem como o comércio e/ou transporte (AL-KARADHAWI, s/d, p.116,117), e “em geral, o muçulmano só pode ingerir carne abatida por um muçulmano, judeu ou cristão, de uma maneira específica” (ZARABOZO, 2011, p.187).

Por esta razão é desaconselhável aos muçulmanos comprarem carne que seja vendida em supermercado no ocidente. “Devem se restringir ao que conhecemos como carne *halal* ou *zabihah* (sacrificada por muçulmanos) ou carne *kosher* (sacrificada por judeus)” (ZARABOZO, 2011, p.187).

Diante desta observância corânica, o CDIAL, em parceria com alguns abatedouros, criou um selo de certificação (Figura 3), com a finalidade de garantir aos consumidores muçulmanos a procedência e abate do animal de acordo com os preceitos islâmicos.

Sendo assim, o selo de certificação do CDIAL-Halal garante que o produto está totalmente lícito para o consumo do muçulmano.

No Brasil a CIBAL-Halal é responsável em estabelecer as parcerias com os abatedouros, como acontece em Passo Fundo, um município interiorano do estado do Rio Grande do Sul, onde se encontra uma comunidade muçulmana em torno de uma multinacional de abatedouros de frangos (RAMOS, 2012, p.216,217). Atualmente existem onze frigoríficos de aves e quinze frigoríficos de bovinos habilitados com a certificação CDIAL-halal⁷³.

⁷² Há diferença de pressupostos epistemológicos entre as interpretações *xiitas* e *sunitas*. Para estes a *hadith* (*tradições proféticas*) é a segunda fonte de lei revelada; já aqueles rejeitam todas as tradições proféticas que não estão relacionadas aos membros de *Ahlul-Bait* ou seus descendentes. A única exceção a esta regra é a aceitação por aqueles que apoiavam Ali em suas guerras políticas (AL-'ABBAASI, 2011).

⁷³ **Frigoríficos de Aves:** Brasil Foods, Perdígão, Perdix, Avipal, Alliz, Cossisa, DaGranja, Tramonto, Penasul, Seara e Super Frango. **Frigoríficos de Bovinos:** Brasil Foods, Bon-Mart, Cooperfrigu, Estrela, Frialto, Frigol, Frigon, Frisa, JBS, Mataboi, Mercosul, Minerva, Mondelli, Tatuibi e Quatro Marcos.

2.2 FAMBRAS

Localizada à Rua Tejúpá, 188, Jabaquara, São Paulo, a FAMBRAS foi fundada em 1979 com a finalidade de estabelecer um centro organizacional que unificasse as diversas entidades islâmicas no Brasil.

Instituição de caráter *sunita*, a FAMBRAS tem como o seu presidente Hussein Mohamed El Zoghbi e trabalha em parceria com as comunidades islâmicas procurando o contínuo crescimento, fortalecimento e prática da cultura islâmica.

Como produtora de bens simbólicos atua na divulgação do Islã por meio: da distribuição gratuita de livros; de sua página na internet; da disponibilização de vídeos islâmicos; da certificação de produtos *Halal*; e da participação opinativa na esfera política.

Vejamos algumas frentes de trabalho da FAMBRAS.

2.2.1 Portal FAMBRAS

O Portal FAMBRAS⁷⁴ apresenta os seus conteúdos de forma sucinta. Nele é possível conhecer a organização; o que é o Islã; ter acesso às principais notícias do Islã no Brasil e no Mundo; ter acesso ao endereço das mesquitas, escolas islâmicas e outras entidades islâmicas no Brasil; além de poder baixar vídeos⁷⁵ de cursos completos sobre: os cinco pilares do Islã, o quinto pilar e o último profeta. Os vídeos são didáticos, ilustrativos, com o áudio na língua portuguesa e muito bem editados. Uma poderosa ferramenta na divulgação do Islã aos não islamizados.

A FAMBRAS costuma publicar no site, por meio de documento oficial, as repercussões no Islã dos fatos sociais mais importantes. Como, por exemplo, «Notas de Esclarecimento»⁷⁶ e «Congratulação com a Eleição do novo Papa»:

SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA DOM GIOVANNI d' ANIELLO Núncio Apostólico no Brasil Brasília – DF. A Federação das Associações Muçulmanas do Brasil, em nome da maioria das entidades muçulmanas do Brasil, vem apresentar, com todo o respeito, nosso regozijo pela condução ao Trono de São Pedro do insigne Cardeal Arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio – PAPA FRANCISCO, satisfação essa embasada na trajetória religiosa de Sua Santidade, um homem de bem e de boa vontade. Esperamos e temos a certeza que Sua Santidade o PAPA FRANCISCO, continuará a incentivar, como sempre o fez em sua vida, o diálogo entre as religiões, a Convivência pacífica, a Paz, a Concórdia entre todos os homens de boa vontade. Estaremos sempre elevando nossas preces a DEUS, para que continue a iluminar a trajetória terrena de Sua Santidade, para que o Papa continue a incentivar e promover o diálogo inter religioso, objetivando a Paz no mundo, a pro-

⁷⁴ www.fambras.org.br

⁷⁵ Os vídeos foram gravados em qualidade “HD” e são disponibilizados para as plataformas: Windows (PC), Os X (Mac e iPhone).

⁷⁶ Por ocasião do atentado na “Escola Municipal Tasso de Oliveira”, no Rio de Janeiro, houve, a princípio, tendência de ligação do ato à identidade muçulmana, o que foi refutado pela FAMBRAS por meio de documento veiculado no site, na ocasião.

moção humana em todos os seus sentidos, a erradicação da fome e a Paz entre todos os povos. Reverendo Núncio, a par de nossa satisfação, solicitamos a Vossa Reverendíssima que retransmita nossos votos de profícuo Papado ao PAPA FRANCISCO, à Santa Sé e toda a Igreja Católica Apostólica Romana. Atenciosamente. Mohamed Hussein El Zoghbi (ANEXO J).

A FAMBRAS também faculta no site a assinatura do boletim “Luz do Islam”, onde o internauta pode receber amiúde⁷⁷ uma mensagem para reflexão em sua caixa de e-mail (ANEXO P).

2.2.2 Distribuição de Literatura

Graças a parceria com a CIMS⁷⁸, situada em Alexandria, no Egito; a FAMBRAS disponibiliza mais de trinta títulos de livros da coleção “Conheça o Islã”⁷⁹. O material, impresso pela CIMS, encontra-se na forma digital na internet no site da *Islam House*⁸⁰, com sede na Arábia Saudita.

A FAMBRAS tem distribuído gratuitamente a série “Conheça o Islã” das seguintes formas: a) por intermédio da divulgação pelo Brasil (*Dawah*), nas cidades de São Paulo, Campinas - SP, Mogi das Cruzes - SP, Guaíra - SP, Jundiá - SP, Juiz de Fora - MG, São João da Boa Vista - SP, Santos - SP, Rio de Janeiro - SP, Barretos - SP, dentre outros; b) por meio do site da FAMBRAS, pelo cadastro prévio para receber mensalmente, em casa, até três diferentes livros; c) nas bienais do livro: XXI Bienal Internacional do Livro em São Paulo (2010), XXII Bienal Internacional do Livro em São Paulo (2012), e XV Bienal do Livro no Rio de Janeiro (2011), e; d) em eventos culturais.

⁷⁷ Boletins recebidos pelo autor a partir da data da assinatura: 12/11/12 – “União”; 19/11/12 – “Surata Al Hacca – A Realidade”; 26/11/12 – “Ainda sobre União”; 29/11/12 – “I Seminário “Halal é meu Alimento”; 03/12/12 – “Cidadania Libanesa”; 05/12/12 – “Surata Al An’Am – O Gado”; 18/12/12 – “O sono e a morte”; 01/01/13 – “Feliz 2013”; 14/01/13 – “Respeite ao Próximo”; 21/01/13 – “Tempo certo”; 28/01/13 – “Surata da Vaca, versículos 26 e 27”; 04/02/13 – “Lei Divina”; 11/02/13 – “Deus Único”; 18/02/13 – “Passado, presente e futuro”; 11/03/13 – “Promessa”; 01/04/13 – “Respeito”; 08/04/13 – “Ser crente”; 22/04/13 – “Lealdade”; 29/04/13 – “As Atitudes”; 06/05/2013 – “A Retidão”; 13/05/06 – “Os Desígnios de Deus são Inexoráveis”.

⁷⁸ Edita diversos títulos de livros, de orientação *sunita*, em oitenta e cinco idiomas diferentes para muçulmanos e não muçulmanos. Fornecendo até três títulos por mês para cada solicitante em todo mundo, a exceção do Irã, Iraque e Afeganistão.

⁷⁹ “Alcorão Sagrado”; “Vida Após a Morte”; “O Propósito da Vida”; “Maria no Islam”; “Uma única Mensagem”; “Quem escreveu o Alcorão?”; “O Conceito de Deus no Islam”; “Explicação do último décimo do Alcorão”, “A verdadeira Religião de Deus”; “Uma mensagem de Amor a Quem Procura a Verdade”, “Profecias Bíblicas sobre Muhammad”; “Meu Grande Amor por Jesus me Conduziu Ao Islã”; “Este é o Islam”; e outros.

⁸⁰ Trata-se de um escritório para a divulgação do Islã, que funciona com trabalho voluntário, doações na finalidade de “corrigir” globalmente a imagem errônea do Islã difundida. Veja em www.islamhouse.com.

2.2.3 Certificação Halal

A CIBAL-Halal (Figura 4), é o braço direito operacional da FAMBRAS. Pois, diante de uma gama de consumidores muçulmanos no mundo (*cerca de um bilhão e seiscentos milhões*), este mercado movimenta próximo a quatrocentos bilhões de dólares. A parceria se consolidou desde 1979, com a adesão de novos frigoríficos e a busca do reconhecimento do mercado islâmico internacional e nacional.



Figura 4 - Selo de certificação Cibal-halal

No Estado do Paraná, muitas empresas têm implantado a certificação halal/FAMBRAS, a fim de expandirem seus nichos.

No sistema *halal* o animal deve ser abatido com a face voltada para Meca, não pode estar com sede no momento do abate, a faca deve estar bem afiada (*o que não pode ser feito na frente do animal*), o corte deve ser no pescoço em movimento de meia lua (*símbolo do Islã*), deve-se cortar os três principais vasos do pescoço (*jugular, traqueia e esôfago*), a morte deve ser rápida para evitar o sofrimento do animal e o sangue deve ser totalmente retirado da carcaça (SINDIAVIPAR, 2010, p.21).

A fim de se garantir a implantação no novo sistema, o abatedouro deverá ter em suas dependências, um funcionário credenciado chamado de «Inspetor Halal», pois:

Ele é quem vai atestar que o abate está sendo realizado da forma correta. Durante todo o período em que o abatedouro realiza o abate halal, esse inspetor, que deve ser muçulmano, faz a análise do trabalho e atesta a utilização do sistema halal no abate. «É com o aval do inspetor que podemos emitir o certificado do Abate Halal. Sem ele, o esforço de realizar esse abate diferenciado não tem valor para os países do Oriente Médio» (*sic*) (SINDIAVIPAR, 2010, p.20).

Diversas empresas⁸¹ no Estado do Paraná têm aderido o «Certificado CIBAL-Halal» a fim de expandirem os seus negócios.

2.3 CENTRO ISLÂMICO DO BRASIL

Situado à Rua Vigário João Álvares, 211, Vila Monumento, São Paulo - SP, o Centro Islâmico do Brasil, de orientação *xiita*, é uma entidade social religiosa, sem fins lucrativos, fundada em 1989.

⁸¹ Agrícola Jandelle, Agroindustrial Parati, Anhambi Alimentos, Avebom, Avícola Felipe, C. Vale Coop. Agroindustrial, Coop. Agroindustrial Lar, Copacol Coop. Agroind. Consolata, Coop. Agroind. Copagril, Dagrãja Agroindustrial (Marfrig Group), Diplomata, Frango Dm, Grango Seva, Gonçalves e Tortola, Kaefer Agroindustrial, BRF – Brasil Foods, Sadia e Seara Alimentos (Marfrig Group) (SINDIAVIPAR, 2010, p.21).

Ele tem como objetivo orientar as comunidades islâmicas, aproximá-las com a implementação de atividades culturais, cursos, seminários e promover a divulgação do Islã nas mais variadas esferas sociais.

Presidido pelo *sheikh* Taleb Hussein Al-Khazraji, concentra grande parte do seu trabalho na publicação de livros e diversos materiais que tratam do Islã, doando-os para bibliotecas, centros culturais, líderes religiosos e políticos. Além de expedir a certificação *halal* para consumo de carnes e outros alimentos.

O Centro Islâmico do Brasil, como produtor de bens simbólicos, utiliza-se das seguintes ferramentas.

2.3.1 Portal Arresala

O Portal Arresala⁸² é um dos mais completos na divulgação do Islã no Brasil. Pois, ele apresenta toda a estrutura organizacional do Centro Islâmico, notícias das comunidades islâmicas, o Islã no Brasil e no mundo, aspecto teológico da história do profeta Mohammed, seguida de “os doze imames recomendados pelo mensageiro de Deus” (AL-KHAZRAJI, 2004b).

Além de apresentar os “pilares do Islã” o portal enfatiza a “Fidelidade aos Ahlul Bait”, marcando de forma acentuada a doutrina *xiita*.

O site também disponibiliza, para baixar de forma gratuita, dezenas de livros sobre o Islã, totalmente formatados e diagramados de forma “impecável”.

Ele está totalmente integrado às redes sociais, fornecendo a opção de *link* para canal aberto do YouTube (*com dezenas de vídeos sobre o Islã em língua portuguesa em HD*); Flickr, Facebook e Twitter.

Por fim, o portal dá acesso a Loja Virtual Arresala, na qual estão à venda dezenas de livros (*em papel com fino acabamento*), bolsas, *hijabs*, *taqiyab* (*chapéus*), *kufiya* (*lenços*), peças do vestuário masculino e feminino, *masbahas*⁸³, tapetes de oração, CDs, DVDs e quinilharias diversas.

⁸² www.arresala.org.br

⁸³ Objeto utilizado pelos muçulmanos para contagem das meditações e orações. De forma geral, trata-se de um colar com 33 a 99 contas. Pode ser de diferentes materiais como: madeira, marfim, plásticos e sementes. Semelhante ao rosário utilizado pelos católicos.

2.3.2 Editora Arresala

Graças à Editora Arresala o Centro Islâmico do Brasil publica dezenas de livros que são diagramados e posteriormente impressos na Editora Marse, no bairro da Mooca em São Paulo.

Os títulos, de orientação *xiita*, são vendidos ao público islâmico e não islâmico. Com fino acabamento, podem ser comprados separadamente ou nas seguintes coleções: a) Introdução ao Islã (*sete volumes*); b) Da Orientação do Islam (*dezessete volumes*); c) Nossa Mensagem (*oito volumes*).

A Editora também imprime diversos folhetos voltados para o público não islâmico, com a finalidade de informar e formar os conceitos sobre o Islã (ANEXO Q).

Para a venda dos títulos produzidos foi desenvolvida a Loja virtual Arresala⁸⁴ a fim de se comercializá-los dentre outros títulos e quinilhariarias.

Em 2012, a Editora Arresala participou da XXII Bienal Internacional do Livro em São Paulo, com o lançamento da primeira revista islâmica em quadrinhos do Brasil: «Revista Nabil»⁸⁵ do cartunista Altemar Domingos (Figura 5).

A revista é voltada ao público infantil, introduzindo os conceitos básicos do Islã em linguagem pueril.

Ao contrário da prática adotada nos *stands* do CDI-AL e da FAMBRAS, os títulos disponibilizados pela Editora

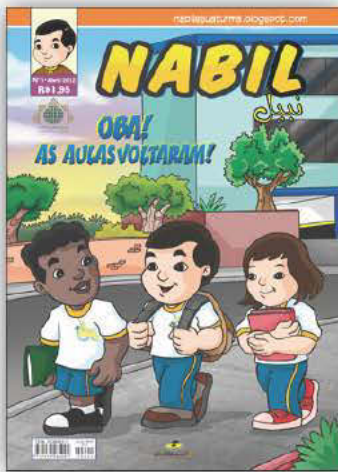


Figura 5 - Revista Nabil

Arresala tinham custo para o consumidor, muito provavelmente, devido ao seu fino acabamento.

2.3.3 Certificação Halal

O Centro Islâmico do Brasil também tem em sua estrutura um departamento⁸⁶ que se encarrega da certificação *halal* (Figura 6). Contudo, diferentemente das certificações supracitadas, o Centro Islâmico emite cinco variedades de certificados *halal*: a) Certificado de Abate Halal; b) Certificado de Habilitação de Frigoríficos Ha-



Figura 6 - Selo de certificação Halal-Brasil

⁸⁴ loja.arresala.org.br

⁸⁵ Nabil é um garoto muçulmano que vive no Brasil. Ele é muito esperto e inteligente, respeita muito seus pais, gosta de estudar e sempre coloca em prática as tradições e ensinamentos de sua religião.

⁸⁶ Alimentos Halal Brasil, localizada à Rua Vigário João Álvares, 211, São Paulo – SP.

lal; c) Certificado Halal; d) Certificado de Habilitação para Indústrias Halal, e; e) Certificado de Capacidade de Oferta Final de Alimentos e Serviços Halal.

Disputando assim, mais uma fatia dos produtos Halal no Brasil (*o qual é o maior produtor no mundo*).

2.4 UNI

A UNI, com sede no bairro do Brás, em São Paulo, é uma entidade que pretende representar oficialmente os muçulmanos no Brasil. Fundada em 2004, seu trabalho é realizado nas instituições islâmicas afiliadas⁸⁷. Com Diretoria Executiva⁸⁸, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Conselho de Ética, ela trabalha em atividades sociais, ações comunitárias, divulgação e defesa do Islã.

A UNI, a fim de divulgar os trabalhos das instituições afiliadas, utiliza-se do Jornal IQRA, do Portal UNI⁸⁹ e da TV-UNI (*estando os dois últimos em forma incipiente*).

2.4.1 Jornal IQRA

Com circulação mensal, o Jornal IQRA foi idealizado como uma ferramenta de comunicação entre a sociedade islâmica, com informações atualizadas sobre o que acontece entre as entidades afiliadas. A edição de jan/fev de 2013 (*número 4*) trata assuntos como: história, “islamofobia”, S.O.S. Síria e parceiros na divulgação do Islã. O Jornal está 100% na língua portuguesa e “garante” a circulação entre vinte mil leitores⁹⁰.

2.5 WAMY

A WAMY⁹¹, com representação no Brasil na Rua Adelina Salvatore Bassoli, 57, bairro Jardim das Américas, São Bernardo do Campo - SP, é uma organização internacional e não governamental, criada em 1973, com sede na Arábia Saudita, a serviço dos muçulmanos em

⁸⁷ Associação Recreativo e Cultural Islâmica de São Miguel Paulista – SP; CDIAL; Conselho Superior dos Teólogos e Assuntos Islâmicos do Brasil; Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil; Sociedade Beneficente Islâmica do Litoral Paulista; Sociedade Muçulmana de Santo Amaro; Sociedade Beneficente Muçulmana de São José dos Campos; Sociedade Beneficente Muçulmana de Taubaté; Sociedade Beneficente Muçulmana dos Membros da Confraria Chaizulia Yachrutia; Sociedade Cultural e Beneficente Islâmica de Mogi das Cruzes; Sociedade Islâmica Brasileira de Guarulhos; Sociedade Islâmica de Campinas; WAMY; Associação Islâmica de São Paulo; e, Sociedade de Beneficência Abu Baker Assadik.

⁸⁸ Presidente: Mohamad El Bacha; Vice-Presidente: Ali Husein Ibrahim Taha; 1.º Secretário: Ali el Zoghbi; 2.º Secretário: Ibrahim Abou Nimri; Tesoureiro: Samir H. El Bacha; Vice-Tesoureiro: Ali Saifi; Conselheiro Religioso: *Sheik* Rami El Zammam.

⁸⁹ www.uniaoislamica.com.br

⁹⁰ “Anuncie no IQRA e ganhe a preferência de 20 mil leitores, com recomendação e garantia de qualidade e satisfação” (IQRA, 2013, p.16).

⁹¹ www.wamy.org.br

geral e da juventude islâmica em particular, atuando por intermédio de uma série de programas sociais, culturais e educacionais. Conforme Ramos, a WAMY,

possui 66 filiais e representantes, mais de 500 organizações associadas e uma rede mundial para implementação desses programas. Aparentemente, procura desenvolver um trabalho voltado para o diálogo entre etnias e religiões. Embora apoie programas ambientais e procure dar assistência humanitária durante eventuais guerras e suas consequências, têm como objetivos específicos reforçar o Islã e sua doutrina, destacando a importância da conduta dos muçulmanos para a juventude islâmica organizada mundialmente (RAMOS, 2003, p.95).

A WAMY, em parceria com a Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil, tem realizado acampamentos para jovens⁹², seminários⁹³, aulas de religião para jovens, palestras e eventos esportivos⁹⁴. Ela também está engajada no projeto de tradução da revista hispano-americana: “Luz del Islam”⁹⁵, sendo que até agora foi publicado de forma não impressa apenas um número (ANEXO O).

2.6 LIGADA JUVENTUDE ISLÂMICA BENEFICENTE DO BRASIL

Fundada em 12 de Janeiro de 1995 e com sede própria em São Paulo, na Mesquita do Pari, a Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil⁹⁶ é uma entidade civil sem fins lucrativos de âmbito religioso, composta por um ilimitado número de sócios individuais, de várias nacionalidades, que professam a fé islâmica.

A entidade tem como objetivos: propagar e pregar bons costumes e moral contidos nos ensinamentos do Islã; consolidar e pregar o significado da fraternidade, do companheirismo e da união entre todos os seres humanos; elevar o nível cultural e social dos associados; formar uma personalidade islâmica consciente; auxiliar os muçulmanos nos seus problemas de vida; buscar a cura das doenças sociais (*alcoholismo, toxicomania e a criminalidade*); prestar ajuda humanitária e assistência social a todo e qualquer brasileiro que precise de amparo.

A Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil tem corpo diretivo e, apesar de ser organismo autônomo, trabalha em parceria com a WAMY.

⁹² Acampamento de Inverno dias 7, 8 e 9 de setembro de 2012, em Florianópolis no hotel “Chácara Rio Jordão”. Contou com aproximadamente 190 participantes, entre organizadores, convidados e jovens de diversas religiões do Brasil; Acampamento Feminino WAMY, 2012 – nos dias 28, 29, 30 de abril e 1.º de maio, no hotel “Del Verde” em Itapeverica da Serra - SP, voltado para meninas entre 8 e 18 anos.

⁹³ Encontro de Estudos Islâmicos no Rio de Janeiro, em 2012; Seminário com o tema “A Importância da Conduta do Muçulmano”, em 2012 na mesquita do Brás.

⁹⁴ I Copa WAMY de futebol em 2012 – em Taubaté – SP; II Copa WAMY de futebol em 2013 – em Taubaté, com acampamento de jovens.

⁹⁵ luzdeislam.com

⁹⁶ www.ligaislamica.org.br

2.7 ESCOLAS ISLÂMICAS

2.7.1 CIB

O CIB, localizado à Rua João Pasin, 250, Vila Euclides – São Bernardo do Campo - SP, foi organizado em 2006 e atuou até o ano de 2012 (*este ano [2013] passa por uma reestruturação com a finalidade de reinauguração nos próximos anos*).

O Colégio, que trabalhou naqueles anos com a educação infantil e fundamental, orientadas pedagogicamente pela confissão religiosa islâmica, desenvolveu um programa de reconhecimento da alteridade muçulmana e desvinculação da imagem do Islã ao terrorismo. Para tanto ele abriu as suas portas, bem como as da Mesquita *Abu Bakr Assedic*, para outras instituições de ensino público e privado. Em 2012 várias escolas, como: Colégio Marista, Colégio Metodista, Colégio Wallace Simonsen, ETEC Getúlio Vargas, EMEF Prof. Olyntho Voltareli Filho e Colégio Benjamin Constant, participaram deste intercâmbio cultural (CDIAL, 2012).

2.7.2 EIB

Situada à Rua Pedro Malaquias, 34, Vila Carrão – SP, a EIB, fundada em 1967, trabalha, atualmente com: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Ela possui parceria com o Sistema Anglo de Ensino e adota confissão religiosa islâmica.

A EIB (*Figura 7*) foi desenhada para a instrução dos ben-árabes (*filhos de árabes*) muçulmanos, primando pelos valores do Islã associados à educação construtivista.

Esta estrutura (*educação islâmica + formação educacional*) tem o propósito de funcionar como um tipo de blindagem que “levanta barreiras às influências estranhas cingindo o grupo de uma couraça destinada a neutralizar o embate de valores provenientes de outras culturas, no entanto, não são intransponíveis e, não raro, a couraça está longe de ter a eficiência desejada” (WILLEMS, 1946, p.13).



Figura 7 - Escola Islâmica Brasileira

2.8 PRODUÇÃO INDEPENDENTE

Dois documentários independentes produzidos pelo escritor, jornalista e documentarista Luiz Carlos Pereira Lucena têm sido exibidos em eventos culturais: “Os manos de Alá” e “Sob o véu do Islã”.

Lucena é graduado pela USP em jornalismo e mestre em audiovisual. E, embora não seja muçulmano, através destes documentários (*associando religião, sociedade e arte*), pode

ser compreendido como produtor de bens simbólicos, um “multiplicador de pontos de vista”⁹⁷.

Neles, Lucena contou com o apoio da *World View* e do Centro Islâmico no Brasil, e propôs-se a desvincular o Islã à ideia de violência. E, segundo ele,

este foi o primeiro passo nesse sentido, porque eu mostro que estes brasileiros que estão se envolvendo com o islamismo não tem nada a ver com essa linha de Islã radical que a mídia fala a todo momento (*ligando à questão do terrorismo, a questão dos muçulmanos*). Os brasileiros que optam pelo Islã lutam para desmistificar aquilo que a mídia coloca a todo o momento. É claro que existem os muçulmanos radicais, mas eles não são religiosos. E existem as correntes do Islã pacíficas, ligadas ao pessoal aqui do Brasil. Eles estão sempre tentando quebrar este estereótipo preconcebido (Lucena - ANEXO I).

2.8.1 Documentário “Os manos de Alá”

Produzido em 2011 com a duração de 50 minutos, o documentário pretende apresentar o fenômeno de reversão ao Islã em solo brasileiro. Para tanto ele proporciona a entrevista de 16 revertidos (*13 homens e 3 mulheres*), destacando as suas novas identidades, antigos contextos, novas visões, interpretações da realidade (*a partir do alcorão*), e novo *ethos* social (islâmico).

O documentário demonstra, de forma sucinta, os planos sociais em que as comunidades islâmicas estão integradas, bem como, a inserção do negro da capital paulista nos movimentos islâmicos e suas sonoridades.

O documentário transita nas seguintes instituições: CDIAL, Mesquita *Al Habashi*, Mesquita do Brás, Comunidade de Passo Fundo e Mussala de Francisco Morato.

2.8.2 Documentário “Sob o véu do Islã”

Produzido em 2012 com duração de 71 minutos, o documentário pretende apresentar o fenômeno da reversão no universo feminino. São entrevistadas dezessete revertidas, de diversas mesquitas, onde a questão do uso do véu (*hijab*) é apresentada juntamente com as suas tensões e conquistas. “Sob o véu do Islã” são redescobertas donas de casa, profissionais, esportistas, enfim, mulheres. Elas têm sonhos e demonstram estar felizes com a identidade que professam.

Ao contrário do senso comum de que a mulher no Islã está num plano inferior, o documentário põe a muçulmana em posição de vantagem em relação aos outros sistemas sociais e religiosos.

⁹⁷ Expressão utilizada pelo próprio Lucena (LUCENA, 2007, p.36).

3. A CIRCULAÇÃO DE BENS SIMBÓLICOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS

“Um conjunto de símbolos sagrados, tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso.”⁹⁸

Clifford Geertz

Há uma estreita relação entre bens simbólicos e símbolos religiosos. Estes são a cristalização daqueles e cada um deles se sustenta com a autoridade emprestada do outro (GEERTZ, 2008, p.67).

Desta forma, os símbolos religiosos são elementos fundamentais na organização cog-



Figura 8 - Construção simbólica em espelho (Cristianismo e Islã)

nitiva do mundo, dão sentido à existência e aliviam o sofrimento⁹⁹ (ALMEIDA, 2004, p.18). Eles “são o sinal sensível e visível, que designa uma coisa puramente espiritual e moral. Algo que representa virtudes que só podem ser sentidas e vividas” (RIBEIRO, 2011, p.198).

O termo «símbolo» que significa etimologicamente «lançado junto», aponta para a parte visível de um todo não manifesto. Algo que deve ser descortinado pelo pensamento, por intermédio da inserção na nova realidade a qual se aponta.

⁹⁸ (GEERTZ, 2008, p.95).

⁹⁹ Considerando que “a religião” é um sistema de organização de sentido para a vida. Esta, por consequência, desempenha papel importante na justificativa das questões existenciais: vida, sofrimento e morte. O que implica na cognoscibilidade do sofrimento com propósito maior. Aliviando-o no sentido de compreendê-lo como parte de um processo que levará a futuras recompensas. [Nota do Autor].

“Símbolos e sinais têm uma característica essencial em comum: eles indicam algo que se encontra fora deles.” (TILLICH, 1985, p.31). Quando incorporados, a visualização do símbolo remete, de imediato, ao conteúdo por eles indicados. À esta operação cognitiva chamamos de pensamento simbólico.

“O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva.” (ELIADE, 1979, p.13).

Assim como existe a mútua dependência entre ser humano e sociedade, não existe religião sem símbolos (RIBEIRO, 2011, p.198).

O Cristianismo e o Islamismo, por se tratar de religiões monoteístas e de raiz comum, apresentam construção simbólica “em espelho”, onde o reflexo dos seus símbolos antagônicos se tangenciam de forma harmônica (Figura 8).

Estes tangenciamentos podem ser percebidos nas seguintes construções simbólicas: Deus / Allah; Jesus / Mohammed; bíblia / alcorão, Jerusalém / Makkah; a cruz / a lua e estrela; e, o batismo / as abluções. Outros signos, de menor expressão, também encontram os seus reflexos no outro sistema.

Um exemplo é a história do patriarca Abraão, retratada na *Torah* (A.T.). Nela o patriarca é desafiado por Deus para oferecer Isaque, seu “único filho”, em sacrifício: “Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; ofereceu ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei.” (Gênesis 22.2).

Em contraponto à tradição judaica/cristã, a islâmica afirma que Abraão foi oferecer em sacrifício, Ismael, a pedido de Allah. Esta tradição é continuamente rememorada pelos muçulmanos na festa do *Eid Al Adha* (*festa do sacrifício*), conforme os relatos abaixo:

O *Id Al Asha* (*sic*) é uma recordação da história do que iria ser o sacrifício do profeta Ismael, quando seu pai, o profeta Abraão, seguindo sem hesitação a ordem de Deus, iria sacrificar seu filho. Deus poupou a vida de Ismael, mandando que sacrificasse um cordeiro em seu lugar. Por isso, faz parte da Sunna, ou seja, da prática do profeta Muhammad (S.A.A.S). Logo é aconselhável que cada muçulmano que tenha condições para tal, abata um animal, como um carneiro, boi ou camelo, e distribua parte da sua carne às pessoas mais necessitadas, para que, nesse dia de festa para todos os muçulmanos, também os mais necessitados possam desfrutar com maior satisfação dela (ISBELLE, 2003, p.232,233).

FESTA DO IDE AL ADHA EM SÃO BERNARDO DO CAMPO - A mesquita Abu Backr Assadick reuniu a comunidade islâmica para a comemoração do Eid El Adha, a Festa do Sacrifício, foi realizada a oração do Ide e em seguida foi oferecido um café da manhã servido na mesquita. E a tarde no Clube Sultan foi realizado um almoço e um churrasco de confraternização para toda a comunidade muçulmana, também foram distribuídas a carne dos animais abatidos no local. Chamada por muitos fiéis de “A Grande Festa”, a data celebra a disposição de Abraão em sacrificar o seu filho Ismael, um teste de fé dado por Deus a Abraão, e no momento em que Abraão estava pronto para este grande sacrifício surge o Anjo Gabriel com um cor-

deiro e ordena a Abraão a sacrificá-lo no lugar do jovem, ato que até hoje os muçulmanos relebram, quando sacrificam um carneiro, e dividem a carne com familiares amigos e os pobres (ALVORADA, 2012, p.2).

A fim de se compreender os valores insertos nos principais símbolos e bens simbólicos do cristianismo e do Islã, descreveremos as suas construções históricas, principais valores e significados.

3.1 DO CRISTIANISMO

3.1.1 O Nome Cristão

Nas últimas décadas, os nomes de batismo têm despertado o interesse de diferentes pesquisadores (*sociólogos, antropólogos e historiadores*), em função das hipóteses de análise que estes autorizam, como, por exemplo: as regras de funcionamento de uma comunidade (SCARPIM, 2009, p.1145).

Desta forma, a antroponímia brasileira tem diante de si um desafiador objeto de estudo. Isto devido à sua matiz étnica, composta dos elementos primários da colonização: o negro (*africano*), o índio (*nativo*) e o branco (*européu*); seguida dos elementos secundários nos processos e levas imigratórias.

Devido à predominância do catolicismo no Brasil, nomes como José (5.624), Antônio (2.436), João (2.048), Paulo (1.320) e Francisco (1.264), estão entre os mais comuns, segundo estudos no século passado¹⁰⁰.

Apesar da mídia (*jornais, rádio e tv*), da política, do esporte – por intermédio dos seus principais expoentes constituírem-se em fonte de inspiração no registro batismal, a orientação cristã constitui-se em fonte influente.

Na bíblia (*livro dos cristãos*), há vários exemplos de personagens que tiveram os seus nomes modificados depois de algum tipo de experiência com o divino. No AT temos: Abrão «pai excelso» passou a ser chamado de Abraão «pai de nações»¹⁰¹; Sarai «minha princesa» passou a ser chamada de Sara «princesa de uma nação»¹⁰²; Jacó «enganador» passou a ser

¹⁰⁰ Os números tabulados ao lado dos nomes acima são os resultados da pesquisa de Mário Souto Maior, chefe do Serviço de Intercâmbio Cultural do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Realizou, na década de 1970, estudos na antroponímia brasileira, tomando como amostra os nomes dos funcionários do Banco do Brasil: por ser uma amostragem quantitativamente boa (60.846), pelo fato do banco ter agências espalhadas em todo território nacional e pelos funcionários terem cidadania nata (MAIOR, 1973).

¹⁰¹ Gênesis 17.5.

¹⁰² Gênesis 17.15.

chamado de Israel «prevalecente»¹⁰³. Já no NT temos o exemplo de Saulo (*nome judeu*), que após conversão passa a utilizar a alcunha de Paulo (*nome gentio e romano*)¹⁰⁴.

A cosmovisão cristã não se converteu em orientação unívoca na onomástica. Pois, os católicos brasileiros nominaram seus descendentes homenageando os “principais expoentes” da história da igreja, os “santos padres” que deixaram legado para suas comunidades, ou o “santo do dia” – a fim de conferir “a bênção” ou “qualidades” do santo para o recém-nascido.

Já os protestantes, de forma geral, procuraram na bíblia a inspiração para nominar os seus descendentes, mesmo que estes nomes tivessem «significados negativos», evocassem a idolatria¹⁰⁵ e/ou tivessem «sonorização estranha» à comunidade. O que importava é que o nome fosse bíblico, ou seja, “estivesse na bíblia”.

Como no Brasil o catolicismo constitui-se em grupo religioso numericamente majoritário, a conversão de seus membros ao protestantismo (*que possuem os mesmos fundamentos teológicos*), não implica na reconstrução religiosa radical. Não incitando à mudança do nome batismal.

Esta realidade, na relação *mutatis mutandis*, pode ser comprovada na antroponímia dos estatutos (*peças fundantes*) das igrejas protestantes. Como muitos bairros e cidades no Brasil possuem nomes homenageando os principais “santos do catolicismo”, percebe-se que ao instalarem-se nestes locais igrejas protestantes, estas – na sua maioria – acabam incorporando em seus estatutos os nomes destes locais, como: “Igreja Presbiteriana de São José dos Campos”; “Igreja Presbiteriana de Santo André”; “Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo”; “Igreja Batista de São Miguel”, “Igreja Metodista de São Mateus”, “Igreja Quadrangular de São João da Boa Vista” e outras.

Em poucos casos estas igrejas assumiram nomes bíblicos, como: Maranata, Filadélfia, Betel, Moriá e etc.

Desta forma, a onomástica adotada pelos protestantes brasileiros está subordinada à toponímia católica, ou seja, os protestantes, em sua maioria¹⁰⁶, incorporaram os nomes geográficos (*toponímia*) de orientação e cosmovisão católica nas peças fundantes das suas igrejas.

¹⁰³ Gênesis 32.28.

¹⁰⁴ Atos dos Apóstolos 13.9.

¹⁰⁵ É comum encontrar protestantes, por exemplo, com os nomes: Sadraque (*amigo do rei*), Mesaque (*quem é como Aku – deus Lua*) e Abedenego (*servo de nego – ídolo que representa Mercúrio*), nomes babilônicos, que foram dados aos hebreus que foram levados para o cativeiro.

¹⁰⁶ Os adeptos da corrente teológica “Batalha Espiritual”, influenciados na obra de C. Peter Wagner – “Derrubando as fortalezas em sua cidade”, (WAGNER, s/d), engajados na execução de estratégia para a deposição de espíritos territoriais instalados (*devido há algum tipo de acordo idolátrico*), propuseram a mudança do nome de determinados espaços geográficos como solução estratégica para a deposição destes espíritos. [Nota do Autor].

3.1.2 Deus

Católicos e protestantes geralmente comungam nos pontos cardeais na interpretação do conceito de Deus. Excluindo o grupo dos unitários¹⁰⁷ (*que é a minoria*), o conceito da trindade é comum entre os cristãos. O credo apostólico tem servido como base para ambas as tradições:

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está assentado à mão direita de Deus Pai Todo-poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na santa Igreja universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém (GONZALEZ, 1988, p.97).

Para os cristãos: Deus Pai, Filho e Espírito Santo que possuem os atributos da onipresença, onisciência e onipotência, criaram os céus e a terra e existem por toda a eternidade. Eles são responsáveis pela criação e salvação do homem, sendo nesta: Deus Pai – criador; Deus Filho – salvador; e, Deus Espírito Santo – regenerador.

Debates entre os unitários e trinitários tomaram lugar desde os primeiros séculos da era cristã. Os concílios de Nicéia (325 d.C.); Constantinopla (381 d.C.) e Éfeso (431 d.C.), tiveram em seus expedientes questões ligadas à Trindade e divindade de Cristo, através de discussões amplamente calorosas. O credo atanasiano, foi uma das soluções para resolver tais questões.

Todo aquele que quer ser salvo, antes de tudo deve professar a fé católica. Quem quer que não a conservar íntegra e inviolada, sem dúvida perecerá eternamente. E a fé católica consiste em venerar um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, sem confundir as pessoas e sem dividir a substância. Pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; Mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, coeterna a majestade. Qual o Pai, tal o Filho, tal também o Espírito Santo. Incriado é o Pai, incriado o Filho, incriado o Espírito Santo. Imenso é o Pai, imenso o Filho, imenso o Espírito Santo. Eterno o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito Santo; Contudo, não são três eternos, mas um único eterno; Como não há três incriados, nem três imensos, porém um só incriado e um só imenso. Da mesma forma, o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, o Espírito Santo é onipotente; Contudo, não há três onipotentes, mas um só onipotente. Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus; E todavia não há três Deuses, porém um único Deus. Como o Pai é Senhor, assim o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor; Entretanto, não são três Senhores, porém um só Senhor. Porque, assim como pela verdade cristã somos obrigados a confessar que cada pessoa, tomada pela verdade cristã somos obrigados a confessar que cada pessoa, tomada em separado, é Deus e Senhor, assim também estamos proibidos pela religião católica de dizer que são três Deuses ou três Senhores. O Pai por ninguém foi feito, nem criado, nem negado. O Filho é só do Pai; não feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo é do Pai e do Filho; não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente. Há, portanto, um único Pai, não três Pais; um único Filho, não três Filhos; um único Espírito Santo, não três Espíritos Santos. E nesta Trindade nada é anterior ou posterior, nada maior ou menor; porém todas as três pessoas são coeternas e iguais entre si; de modo que

¹⁰⁷ Testemunhas de Jeová e Igreja Voz da Verdade.

em tudo, conforme já ficou dito acima, deve ser venerada a Trindade na unidade e a unidade na Trindade. Portanto, quem quer salvar-se, deve pensar assim a respeito da Trindade. Mas para a salvação eterna também é necessário crer fielmente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé verdadeira, por conseguinte, é crermos e confessarmos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. É Deus, gerado da substância do Pai antes dos séculos, e é homem, nascido, no mundo, da substância da mãe. Deus perfeito, homem perfeito, subsistindo de alma racional e carne humana. Igual ao Pai segundo a divindade, menor que o Pai segundo a humanidade. Ainda que é Deus e homem, todavia não há dois, porém um só Cristo. Um só, entretanto, não por conversão da divindade em carne, mas pela assunção da humanidade em Deus. De todo um só, não por confusão de substância, mas por unidade de pessoa. Pois, assim como a alma racional e a carne é um só homem, assim Deus e homem é um só Cristo; O qual padeceu pela nossa salvação, desceu aos infernos, ressuscitou dos mortos, subiu aos céus, está sentado à destra do Pai, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. À sua chegada todos os homens devem ressuscitar com os seus corpos e vão prestar contas de seus próprios atos; E aqueles que tiverem praticado o bem irão para a vida eterna; aqueles que tiverem praticado o mal irão para o fogo eterno. Esta é a fé católica. Quem não a crer com fidelidade e firmeza, não poderá salvar-se. "Também falarei dos teus testemunhos na presença dos reis, e não me envergonharei" (HÄGGLUND, 2003, p.72-74).

Como o AT foi legado da tradição judaica, os cristãos têm Javé como seu Deus. Reconhecendo-o como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

3.1.3 Jesus Cristo

Para os católicos e protestantes (*a exceção de pequenos grupos*)¹⁰⁸, Jesus é filho de Deus, eternamente gerado. Nas comemorações de Natal e Páscoa, apesar das suas ressignificações, os templos cristãos rememoram o nascimento e morte de Cristo. Os católicos de “forma vívida” (*com ícones e procissões*) e, os protestantes de forma racionalizada.

Contudo, de acordo com Mendonça, pode-se notar o deslocamento no imaginário nestas duas principais tradições no contexto brasileiro.

No catolicismo, onde há a permissão para a veneração de imagens, comparando-se os santuários e imagens, “o Cristo mantém certa imanência em santuários a ele dedicados, embora em menor número quando comparados com a quantidade de santuários e paróquias dedicados à Virgem e aos santos.” (MENDONÇA, 2008, p.122). O adjetivo de “santo” ou “são”, não lhe é conferido, mas sim o de “bom” - Jesus de Iguape, Pirapora, Lapa, Bonfim e outros. Por outro lado, Jesus está presente nos quadros e estampas do Sagrado Coração, adesivos, crucifixos, nas oficinas mecânicas, bares e etc.

De acordo com o ponto de vista sociológico, como Cristo, na cultura popular, é sofrer e derrotado, eles veem Cristo nas suas próprias vidas. “O símbolo do Cristo é o símbolo da situação-limite” (MENDONÇA, 2008, p.123).

¹⁰⁸ Unitaristas.

Segundo Mendonça, não existe um Jesus imanente no protestantismo histórico, mas um Jesus distante, nos céus.

De lá, ele aguarda o momento de intervir no mundo e inaugurar o milênio. Este é o Cristo atual na generalidade desse protestantismo: o Cristo agora ausente, mais que virá como rei para determinar o fim da história e dar início a outra. Parece ser esta a determinante nesse protestantismo, embora possam existir muitos outros Cristos na extensa variedade individual e institucional que o princípio protestante possibilita (MENDONÇA, 2008, p.123).

Contudo, apesar das visões diferentes entre o catolicismo (*Jesus imanente*), e protestantismo (*Jesus transcendente*), ambas as tradições atribuem-lhe o *status* de Filho de Deus, e segunda pessoa da santíssima trindade.

3.1.4 Jerusalém

Conforme observa Eliade,

para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p.17).

Jerusalém é terra sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos. Para os judeus, porque foi capital do reino de Judá, onde reinou Davi e mais tarde foi construído o glorioso Templo do rei Salomão (974-937 a.C.), do qual sobraram apenas os muros em ruínas (*muro das lamentações*).

Para os cristãos, pelo fato de Jesus Cristo ter andado pela «via crúcis», ter sido crucificado e sepultado; e ter ressuscitado e ser assunto aos céus desta terra. Logo, a cruz para os cristãos tornou-se uma ponte para os céus, delimitando o seu espaço geográfico (*Jerusalém*) como “espaço sagrado”.

Para os muçulmanos, por causa da construção da Mesquita de Omar, chamada também de «Domo da Rocha»¹⁰⁹ e da Mesquita de Al-Aqsa (*lugar de onde o Profeta Mohammed teria ascendido aos céus*)¹¹⁰.

¹⁰⁹ Este local teria sido utilizado por Abraão e Jacó na realização de sacrifícios.

¹¹⁰ “Fato ocorrido [para os muçulmanos] ao Profeta Mohammad em que foi levado de Meca, Masjedol Haram, para a Mesquita de al Aqsa, Masjedol Aqsa, em Jerusalém num curtíssimo espaço de tempo sendo que naquela época os meios de transporte eram precários e consistiam apenas do uso de animais de carga. Em seguida nesta viagem noturna o Profeta ascendeu de al Aqsa até os céus. O Profeta retornou a Meca pela manhã e a noite daquele mesmo dia anunciou o fato para os seus companheiros relatando-lhes tudo o que lhe ocorreria.” (AL-KHAZRAJI, 2004a, p.21). “Glorificado seja aquele que transportou seu servo durante a noite do Masjedol Haram até o Masjedol Aqsa cujo recinto abençoamos para mostrar-lhe alguns de nossos milagres. Sabei que Deus é o Oniouvinte, o Onividente.” (ALCORÃO 17.1).

Nos últimos anos, com a expansão do turismo, houve crescimento no número de viagens dos brasileiros para Israel. Em 2011 o número de turistas brasileiros foi de 60 mil; e, em 2014 a Mtur-Israel quer dobrar este número.

Este fato parece estar associado ao processo da mercantilização da fé. Na última década caravanas de evangélicos têm visitado Jerusalém juntamente com os seus líderes espirituais¹¹¹. Os católicos, por sua vez, não distam desta realidade. No ano de 2011 o cantor Roberto Carlos, devoto ao catolicismo, realizou um megashow em Jerusalém.

Esta «aliança» entre líderes cristãos e agências de viagens tem estimulado no imaginário dos fiéis a necessidade de se conhecer a “terra santa”, uma espécie de *hajj* cristã. Que nas últimas décadas têm sido grandemente estimulada pelo mercado.

3.1.5 A Bíblia

A bíblia é um elemento comum e centralizador para os cristãos. E, ao mesmo tempo em que ela converge-os em alguns pontos, também os diverge nas interpretações. A Igreja Católica Romana, durante muitos séculos, se arvorou de ser a única capaz de interpretar as Escrituras¹¹². Na Reforma Protestante do século XVI, Martinho Lutero entendeu que qualquer crente poderia interpretá-la. Logo, surgiram entre os primeiros protestantes as divergências na interpretação da bíblia (*luteranos, calvinistas, anabatistas e etc*).

Além das divergências na interpretação, surgiram diferentes posicionamentos com relação a “autoridade” das Escrituras. A posição **ortodoxa** – onde se crê que a bíblia é a palavra de Deus; a **liberal** – onde se acredita que a bíblia contém a palavra de Deus; e a **neo-ortodoxa** – onde se postula que a bíblia torna-se palavra de Deus.

Não obstante à pluralidade interpretativa, a partir da segunda metade da década de 1990, a impressão de bíblias passa a ter progressivo crescimento. Conforme, Campos:

Nos primeiros 10 anos, a SBB imprimiu 50 milhões de bíblias. Nos seis anos posteriores, em 2011, a SBB, distribuía seis milhões de exemplares por ano, totalizando, nesses seis anos, outros 50 milhões de exemplares. Uma grande comemoração se deu em 2011 por causa dos 100 milhões. Uma Bíblia comemorativa foi lançada, contendo duas traduções: a versão Tradução Brasileira e a Bíblia na Linguagem de Hoje (CAMPOS, 2012, p.49).

¹¹¹ Cito algumas caravanas divulgadas em sites: “Caravana Egito – Israel, Diante do Trono – 2011”; “Caravana Jordânia & Israel, com Diante do Trono – de 8 à 25 de setembro de 2012”; “Caravana Israel Diante do Trono, 2014”; “Caravana Profética Israel, Caminhos de Abraão, 2011 – com Apóstolo Estevão Hernandez e bispa Sônia”; “Caravana Voz da Verdade 2013 [para Israel]”; “Caravana Rev. Hernandez Dias Lopes”; “Caravana das Nações, Rev. Caio Fábio, 2013”. [Nota do Autor].

¹¹² “Porém, o múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, só foi confiado ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo.” (DEI VERBUM, Cap. II, 10).

Deve-se ressaltar que o aumento do número de impressões de bíblias deve-se ao crescimento dos evangélicos no Brasil e também à adequação deste produto às mais variadas categorias sociais (*bíblia da mulher, bíblia da mulher que ora, bíblia genebra, bíblia pentecostal, bíblia teen, e etc.*), acompanhando assim a lógica de mercado.

De forma geral, os cristãos (católicos e/ou protestantes; ortodoxos e/ou liberais), possuem apreço pela bíblia, a qual traduz-se-lhes como porta de comunicação com o divino, objeto que tem o poder de transcender o tempo/espaço e colocar-lhes face-a-face com Deus.

3.1.6 A Cruz

A cruz é um dos símbolos mais universalizados de todas as épocas e foi utilizada por diversas religiões nas formas e desenhos diferentes. Ela é um símbolo falado, visualizado, modelado com as mãos (*quando a pessoa se benze*), estético (*quando pendurada numa corrente*) e ideológico (GEERTZ, 2008, p.68).

No Antigo Egito, seus moradores possuíam a chamada de cruz de *ankh*, conhecida também como “cruz ansata” (Figura 9), era uma escrita hieroglífica que significava vida e vida após a morte.

Mais tarde o Império Romano se apropriou da cruz, transformando-a em instrumento de execução para os malfeitores.

Com o advento do cristianismo e a sua escrituração nos evangelhos¹¹³ e nas cartas paulinas¹¹⁴, inicia-se o processo de associação da cruz à pessoa de Cristo. Mas, entre os cristãos primitivos, o símbolo de pertença cristã era «o peixe»¹¹⁵.

Em 312 d.C., com o Imperador Constantino na batalha da Ponte Mílvia¹¹⁶, o protótipo da cruz (*Labarum de Constantino*) torna-se símbolo do Império Romano, sendo utilizado como brasão militar, instrumento de agregação social, de pertença religiosa (*substituindo “o peixe”*) e delimitador de espaço geográfico.



Figura 9 - Cruz ansata

¹¹³ “e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim.” (Mateus 10.38); “Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.” (Mateus 16.24); “E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.” (Lucas 14.27).

¹¹⁴ “Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.” (Filipenses 3.18).

¹¹⁵ Nos primeiros séculos os cristãos se identificavam com o símbolo do «peixe», cuja palavra grega é «IXTUS», que significa Jesus Cristo Filho de Deus Salvador. O símbolo era utilizado para que apenas os iniciados pudessem distinguir os ambientes cristãos (GONZALEZ, 1989, p.160).

¹¹⁶ Batalha realizada no dia 28 de outubro de 312 d.C. “que fez de Constantino o único dono da metade ocidental do Império” (GONZALEZ, 1988, p.18). Segundo a tradição, no entardecer anterior à batalha, Constantino teve uma visão ao pôr do sol, onde as letras X e P, entrelaçadas em cruz, apareceram-lhe diante do sol, juntamente com inscrição: “*In hoc signo vinces*”, sobre este signo vencerás. Desta forma, Constantino teria recebido a instrução divina de inscrever estes signos, em forma de cruz, nos escudos de seus soldados para vencer a batalha (GONZALEZ, 1989, p.175).

E, apesar da derrocada do Império Romano (476 d.C.), a Igreja Católica Romana tornou vívida esta simbologia por vários séculos:

Os “conquistadores” espanhóis e portugueses tomavam posse, em nome de Jesus Cristo, dos territórios que haviam descoberto e conquistado. A ereção da Cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo modo, a um “novo nascimento”. Porque, pelo Cristo, “passaram as coisas velhas; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios 5:17). A terra recentemente descoberta era “renovada”, “recriada” pela Cruz (ELIADE, 1992, p.22).

Na procura de uma interpretação, mais teológica do que histórica, do significado da Cruz, Eliade descreve a tradição mesopotâmica, relatando que:

[...] o homem foi feito no «umbigo da terra», no mesmo lugar onde se encontra também Dur-an-ki, o «laço entre o Céu e a Terra». Ohrmazd cria o homem primordial, Gajômar, no centro do Mundo. O Paraíso onde Adão foi criado a partir do barro encontra-se, bem entendido, no Centro do Cosmos. O Paraíso era o «umbigo da Terra», e, segundo uma tradição síria, ficava «numa montanha mais alta do que todas as outras». De acordo com o livro sírio *A caverna dos Tesouros*, Adão foi criado no Centro da Terra, no próprio local onde devia erguer-se mais tarde a Cruz de Jesus (ELIADE, 1979, p.43).

Desta forma, a Cruz não é apenas um símbolo sacro, mas ela marca o espaço sagrado, onde terra e céus se encontram. No encontro do imanente com o transcendente, onde a cruz, “feita da madeira da árvore do Bem e do Mal, tomaria o lugar da Árvore Cósmica na adoração dos fiéis.” (RIBEIRO, 2011, p.221).

Entre os cristãos a cruz é apresentada de diferentes formas: para a Igreja Católica Romana a cruz é acompanhada do corpo do Cristo – no crucifixo; para a Igreja Ortodoxa a cruz é constituída por um eixo central (*vertical*) com três travessas horizontais, a travessa superior menor representa a inscrição «INRI»¹¹⁷ sobre a cabeça de Jesus, e a inferior (*geralmente inclinada*), representa o seu apoio para os pés; e, para os protestantes a cruz é vazia ou vazada – marcando a discordância no uso de imagens e indicando a ressurreição do Cristo.

Por fim, “a cruz transcende o espaço do templo para se tornar um símbolo portátil, sendo trazida junto ao coração em cordões e outros adereços como também camisetas, bonés, mochilas e adesivos. Torna-se símbolo de identificação, mas também de estética” (RIBEIRO, 2011, p.223).

3.1.7 O Batismo

O batismo pode ser compreendido como rito de agregação com a finalidade de introduzir o infante em novo mundo. Nas populações onde a mulher grávida é considerada impura, esta impureza normalmente transmite-se ao filho. O batismo é um rito de purificação pelo

¹¹⁷ Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus.

qual a criança é separada do mundo anterior, em geral, profano ou impuro, e introduzida no novo mundo (GENNEP, 2012, p.63,69).

O elemento fundamental do batismo é a água. E,

o caráter regenerador atribuído a água batismal é algo que remonta a tempos imemoriais e está presente em todos os povos mais antigos, como os persas, hindus, egípcios, gregos, romanos e judeus, ou seja, desde o berço da cultura, a água era vista como um importantíssimo elemento dentro da natureza dotada de poderes sobrenaturais (RIBEIRO, 2011, p.202,203).

A interpretação cristã do batismo foi consolidando-se por meio de fluxos e refluxos a partir dos primeiros séculos. Hipólito de Roma em sua “Tradição Apostólica”, ensinou que a água e os batizados deveriam ser exorcizados, consagrados e purificados antes do ritual. A água batismal não teria o poder de purificação «em si mesma», e só proporcionaria o efeito desejado se as condições de purificação fossem cumpridas.

A tradição do santo Batismo – Ao cantar do galo, reze-se, primeiro, sobre a água. Deve tratar-se de água corrente, na fonte, ou derramando-se do alto; assim deve ser, exceto, porém, em caso de necessidade: se esta persistir, ou for premente, use-se a água que se encontrar. Os *baptizandi* despirão suas roupas, batizando-se primeiro as crianças. Todos os que puderem falar por si mesmos, falem. Os pais, ou alguém da família, falem, porém, pelos que não puderem falar por si. Batizem-se depois os homens e finalmente as mulheres – que terão soltado os cabelos e tirado os enfeites de ouro (e prata) que sobre si levassem: ninguém usará qualquer objeto estranho ao descer para a água. No momento previsto para o Batismo, o bispo dará graças sobre o óleo, que porá em um vaso e chamará «óleo de ação de graças». E tomará também outro óleo, que exorcizará e chamará «óleo de exorcismo». O diácono trará o óleo de exorcismo e colocar-se-á à esquerda do presbítero; outro diácono pegará o óleo de ação de graças, colocando-se à direita do presbítero. Acolhendo este cada um dos que recebem o Batismo, ordene-lhe renunciar, dizendo: Renuncio a ti, Satanás, a todo o teu serviço e a todas as tuas obras. Após a renúncia de cada um, unja-o com óleo de exorcismo, dizendo-lhe: Afasto-te de ti todo espírito impuro. E, assim, entregue-o nu ao bispo ou ao presbítero que se mantém junto da água e batiza. Desça também com ele o diácono, desta forma: Assim que desce à água o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão: Crês em Deus Pai Todo-poderoso? E o que é batizado, responda: Creio. Imediatamente, com a mão pousada sobre a sua cabeça, batize-o aquele uma vez. E diga, a seguir: Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, e foi crucificado sob Pôncio Pilatos e morreu (e foi sepultado) e, vivo, ressurgiu dos mortos no terceiro dia, e subiu aos Céus e sentou-se à direita do Pai e há de vir julgar os vivos e os mortos? Quando responder: Creio, será batizado pela segunda vez. E diga novamente: Crês no Espírito Santo, na Santa Igreja (e na ressurreição da carne)? Responda o que está sendo batizado: Creio. E seja batizado pela terceira vez. Depois de subir da água, seja unguido com óleo santificado, pelo presbítero, que diz: Unjo-te com o óleo santo, em nome de Jesus Cristo. Depois, um por um, enxuguem-se, vistam-se e entrem na igreja (HIPÓLITO; NOVAK, 2004, p.61-64).

A doutrina do batismo, cristalizada na tradição católico-romana, ensina que os elementos sacramentais são realmente eficazes: eles conferem a graça quando o sinal sacramental é validamente realizado, não como resultado de atividade da parte do receptor, mas pelo poder e promessa de Deus.

Quer dizer que todo aquele que recebe os elementos, seja ímpio ou crente fiel, também recebe a graça simbolizada, concebida como uma substância contida nos ele-

mentos. O próprio rito sacramental transmite graça ao participante.” Pois, neste caso, ele é efetuado pela operação do próprio objeto «ex opere operato» (BERKHOF, 1987, p.460,654).

Na história do protestantismo houve uma nítida diferença nos séculos XVI e XVII. O primeiro período é marcado por crítica, revisão e questionamento dos dogmas e sacramentos da Igreja Católica Romana, com abertura para mudanças. No segundo período estabelece-se uma construção dogmática racionalizada (*minorando o simbolismo e extirpando a magia*) (RIBEIRO, 2011, p.206).

Nas tradições pentecostais e neopentecostais a simbologia da água, como elemento purificador, torna-se tão forte que adota-se o batismo em água corrente. O tanque batismal já não se adequava ao ritual da purificação, sendo necessária a água em movimento, onde os pecados seriam levados rio abaixo e não decantados no tanque.

A experiência do batismo é condição básica para o cristão. A Igreja Católica Romana, não aplica nenhum outro sacramento sem antes certificar-se de que o indivíduo já foi batizado. O casamento entre católicos e protestantes só é realizado pelo sacerdote mediante a apresentação de certificação do batismo da parte protestante. E, as igrejas protestantes «rebatizam» os católicos, bem como, outros protestantes de acordo com os seus princípios de fé.

Desta forma, o batismo, entendido antropologicamente como purificação, é condição básica para o exercício do cristianismo em comunidade.

3.2 DO ISLAMISMO

3.2.1 O Nome Muçulmano

Tanto o alcorão como a lei islâmica não obrigam os revertidos mudarem os seus nomes. Este é um ponto comum nas entrevistas realizadas nesta pesquisa.

Não é obrigatório a mudança do nome, ela é opcional. (E.C. - ANEXO F).

Não troquei meu nome, não há nada que me obrigue a isso, e para mim: Deus me conhece independentemente do meu nome. (B.K.L. - ANEXO G).

Não! Não troquei, isso não é uma coisa obrigatória. A questão de você adotar um nome, uma nova identidade, é mais algo simbólico. Mesmo na época do Profeta (*que a paz de Deus esteja sobre ele*), ele nunca obrigou ninguém a trocar o seu nome. A não ser aquelas pessoas que tinham um nome “muito ruim”. (C.D. - ANEXO H).

Entretanto, como os revertidos são estimulados pelos exemplos de Mohammad Ali (*Cassius Marcellus Clay Jr.*), Kareem Abdul Jabbar (*Ferdinand Lewis Alcindor*), e Malcolm X (*Malcolm Little*), os quais mudaram os seus nomes; a substituição do nome proporciona ao revertido (*em seu imaginário*), a experiência vívida destes exemplos.

Outro elemento importante é a identidade arabizada, na nova sonorização que se lhe manifesta. Nomes como: *Mohammed*, *Ibrahim*¹¹⁸, *Abu Bakr*¹¹⁹, *Ali*¹²⁰, *Uthman*¹²¹, *Aish*, *Mariam*¹²², *Assiyah*¹²³ e *Khadija*¹²⁴, estão entre os mais comuns.

Alguns intérpretes afirmam que só o primeiro nome pode ser mudado e jamais o sobrenome, pois este último constitui-se no elo de identificação com a família e precisa ser perpetuado entre as gerações:

Dai-lhes os sobrenomes dos seus verdadeiros pais; isto é mais equitativo ante Allah. Contudo, se não lhes conheceis os pais, sabeis que eles são vossos irmãos, na religião, e vossos tutelados. Porém, se vos equivocardes, não sereis recriminados; (o que conta) são as intenções dos vossos corações; sabeis que Allah é Indulgente, Misericordioso (ALCORÃO 33.5).

O novo nome evoca a nova identidade, a ruptura com o passado e a construção de nova vida.

3.2.2 Allah

A unicidade é o aspecto fundamental da doutrina islâmica. Esta doutrina afirma que Deus é o único criador, único sustentador, único organizador de todo o universo, quem dá a vida e morte, o soberano e regente (ISBELLE, 2003, p.17). A aceitação da unicidade de Allah é colocada como a base moral para todas as ações (SAIFI, 2012, p.5). Todo muçulmano deve crer que:

Deus, glorificado seja, é a verdadeira Divindade e não há outra divindade além d’Ele. Só a Ele devemos adorar, amar, temer, pedir, dirigir preces, confiar, obedecer, nos submeter, etc. Logo, Ele é o único mercedor da nossa adoração e, por conseguinte, não colocamos intermediários entre nós e Deus. Essa unicidade é o início e o fim da religião (ISBELLE, 2003, p.28).

Para exprimir a unicidade é utilizado o termo *tauhid*¹²⁵, expressão não-corânica que também não consta na *sunnah*. Todavia, “transformou-se no termo principal, que é usado para incluir todos os aspectos da crença em Allah” (ZARABOZO, 2002, p.94).

A *tauhid* é dividida em três categorias: 1) *tauhid al-rububiya* – crença na unicidade de Allah, no que se refere às suas obras, tal como ser o único criador, alimentador e sustentador de toda a criação; 2) *tauhid al-uluhiya* – significa que todos os atos de adoração precisam ser voltados para Allah e somente a ele, porque ele é o único que merece ser adorado; e, 3) *tauhid*

¹¹⁸ Forma arabizada de Abraão (*Pai de Nações*).

¹¹⁹ Sogro de Mohammed que foi o primeiro Califa – “sucessor”.

¹²⁰ Elevado, Admirável.

¹²¹ Um dos companheiros do Profeta.

¹²² Mãe de Jesus.

¹²³ Esposa do Faraó.

¹²⁴ Esposa do Profeta Mohammed, a primeira pessoa que teria se revertido ao Islã.

¹²⁵ Do árabe: “unificar algo” ou “afirmar a unicidade”.

al-asma wa al-sifaat – significa a crença em todos os nomes e atributos de Allah, citados no alcorão e *hadiths*, como só d’ele, sem negá-los, distorcer seu sentido, compreendendo-os em seu significado ou interpretando-os em sentido figurado (ZARABOZO, 2002, p.95).

Com relação a linguagem que se utiliza de formas humanas para descrever as divinas (*antropomorfismo*), esta é rechaçada pelo Islã. Através da «corrente da nulificação» (ISBELLE, 2003, p.60), nega-se este tipo de descrição do divino, alegando que tais descrições assemelham-se a suas criaturas. Pois, “nada se assemelha a Ele, e é Oniouvinte, o Onividente” (ALCORÃO 42.11).

Neste aspecto o Islã se distingue do judaísmo e cristianismo. Pois no judaísmo através dos antropomorfismos e antropopatismos Deus se revela ao ser humano; no cristianismo, além destes últimos, Deus se revela principalmente através de Jesus. Para o Islã estas revelações quebram a unicidade de Allah.

3.2.3 Mohammed (Abu al-Qasim Muhammad Ibn)

Nascido no dia 20 de abril de 571 d.C., órfão de pai, veio a perder a sua mãe aos seis anos de idade e seu avô (*posterior tutor*) aos oito, passando à tutela do seu tio Abu Talib (ISBELLE, 2003, p.149).

Aos 25 anos de idade casou-se com Kadije Bint Huailed (*viúva com 40 anos de idade*). Com ela teve quatro filhas e dois filhos. Depois da sua morte chegou a se casar com outras 15 mulheres.

Aos 40 anos de idade, na caverna do monte Hira, em jejum e meditação, o anjo Gabriel, enviado de Deus, inicia de forma paulatina a revelação do alcorão a Mohammed, o qual é designado profeta.

Para os muçulmanos Mohammed é o último profeta de Deus e o único que cumpriu a sua missão completando o seu trabalho em vida (ABDALATI, 2008, p.205).

Pois, o seu ministério foi profetizado pela bíblia no AT:

Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. (Deuteronômio 18.18).

E o NT atesta a sua futura vinda através da expressão *parakletos*¹²⁶, indicando que o Profeta seria um consolador.

Conforme afirma Isabelle:

No Novo Testamento temos em João 14:16 e 26 – “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que esteja convosco para sempre.” “Mas o Consolador, o

¹²⁶ Nas interpretações cristãs do NT, *parakletos* refere-se à terceira pessoa da trindade, o Espírito Santo.

Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo que vos tenho dito.” João 16.7 – “Todavia, digo-vos a verdade; Convém que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós; mas, se eu for, eu o enviarei.”

Nós acreditamos que esses versículos se referem ao profeta Muhammad (S.A.A.S), enquanto os cristãos acreditam que ele se refere ao Espírito Santo (ISBELLE, 2003, p.163,164).

Segundo o Islã, cristãos e rabinos afirmaram que Mohammed seria o Profeta apontado pelo AT e VT; suas credenciais foram testificadas por sete testemunhas. Conforme opúsculo do CDIAL:

A primeira testemunha foi Buhaira, **um monge cristão**, que reconheceu a missão profética de Muhammad quando ele ainda era jovem e disse a seu tio: “...um grande destino está diante de seu sobrinho, então o leve para casa rapidamente. A segunda testemunha foi Waraqah bin Nawfal, **um erudito cristão** que morreu logo depois do encontro solitário com Muhammad. Waraqah atestou que Muhammad era o Profeta de seu tempo e recebeu a revelação exatamente como Moisés e Jesus. **Os judeus** de Madina esperavam ansiosamente pela chegada de um profeta, a terceira e quarta testemunhas foram seus **dois famosos rabinos**, Abdullah bin Salam e Mukhayriq. A sexta e a sétima testemunhas **também foram rabinos** iemenitas, Wahn ibn Munabbih e Ka’b al-Ahbar (morto em 656 E.C). Ka’b encontrou longas passagens de louvor e a descrição do Profeta profetizado por Moisés na Bíblia [grifos meus] (PROFECIAS BÍBLICAS SOBRE O PROFETA MUHAMMAD, 2012, p.4,5).

Apesar de não lhe ser atribuída à realização de milagres, como os de Jesus e dos demais profetas, o Islã atribui-lhe “a sabedoria” como característica distintiva. Pois, na condição de analfabeto, teria redigido o alcorão desafiando todos os homens das letras e oradores eloquentes (AL-ODHMA; FADLULLAH, 2007, p.319,320).

3.2.4 A Cidade de Makkah

Makkah ou Meca (*em português*) é uma cidade da Arábia Saudita considerada sagrada para os muçulmanos. Segundo estes;

a cidade foi fundada pelo Profeta Abraão e seu filho Ismael há milhares de anos, por ordem divina, para ser símbolo da unicidade de Allah, [pois] ali foi construída a primeira casa para a adoração de Allah sobre a terra, que é Kaaba. É para ela que os muçulmanos se voltam em suas orações, e para ela que partem em peregrinação para cumprir o quinto pilar do Islã (SAIFI, 2012, p.20).

Diferentemente de outros espaços sacros, onde as fronteiras entre o sagrado e profano são visíveis e delimitadas geograficamente (BERGER, 2012, p.39), Makkah exerce poderosa influência regendo de forma espaço-temporal a vida e conduta dos muçulmanos que estão fora dos seus limites geográficos. Ela “orienta a humanidade”, pois segundo o alcorão:

A primeira Casa (Sagrada), erigida para o gênero humano, é a de Bakka, onde reside a bênção, servindo de orientação para a humanidade. Encerra sinais evidentes: lá está a Estância de Abraão, e quem quer que nela se refugie estará em segurança. A peregrinação à Casa é um dever para com Allah, por parte de todos os seres humanos, que estejam em condições de empreendê-la; entretanto, quem se negar a isso saiba que Allah pode prescindir de todas as criaturas (ALCORÃO 3.96,97).

A percepção espaço-temporal do muçulmano é aguçada por este princípio corânico, pois os mais diversos ritos religiosos devem ser balizados através da orientação para Makkah. A construção de uma mesquita ou mussala, as orações dentro ou fora destas, o abate halal, os cemitérios islâmicos, a face do morto na hora do sepultamento; todos estes, para serem validados, devem ser orientados para Makkah.

A *hajj*¹²⁷, peregrinação para Makkah, é o último pilar do Islã. Prática “obrigatória, pelo menos uma vez na vida, para qualquer muçulmano, homem ou mulher, que for mental, financeira e fisicamente apto.” (ABDALATI, 2008, p.132).

Antes de realizá-la, o muçulmano na condição de aspirante (*Al Ihram*), pode procurar alguma organização islâmica que lhe forneça o preparo.

Al Ihram é a intenção de cumprir a peregrinação, onde o aspirante propõe-se a iniciar os seus rituais. Estando em Makkah, ele procura sua classificação no *Mikat*¹²⁸, veste duas peças de tecido preferencialmente brancas com a finalidade de eliminar qualquer tipo de diferença cultural ou econômica.

O objetivo central: *Al Tawaf* – consiste em cumprir sete voltas em torno de *Kaaba* (*segundo o Islã, ato realizado pelo profeta Abraão e seu filho Ismael*), que seria um ato simbólico do que os anjos fazem no céu circundando o Trono de Deus.

Outros atos simbólicos também são realizados: *Al Sai* – o percorrer a distância entre os montes *Al Safa* e *Al Marua*, sete vezes (*ato que teria sido realizado por Agar, esposa de Abraão, quando procurava água para o seu filho Ismael*); *Jamarat* – repetição do ato do profeta Abraão, quando este estava cumprindo a ordem de sacrificar o seu filho Ismael¹²⁹; e, a

¹²⁷ “A peregrinação que é feita anualmente à Makkah (cidade sagrada que se encontra na Arábia Saudita) é obrigatória a todo muçulmano uma vez na vida para aqueles que são física e financeiramente capazes de fazê-la, ela é realizada no décimo segundo mês do calendário lunar islâmico. Os peregrinos usam roupas brancas e simples que retiram as distinções de classe e cultura, todos se apresentam iguais perante Allah, ricos e pobres, pessoas de todas as raças juntas e com humildade. A peregrinação a Makkah faz com que os peregrinos quebrem as barreiras raciais, econômicas e sociais que ainda possam existir nas suas sociedades. Constitui também um convite a cada peregrino praticar a paciência, o auto controle e a piedade” (SAIFI, 2012, p.10).

¹²⁸ Existem cinco *mikats*, que são: 1) *Zul Khuleifa* – para aqueles que vêm da direção de Madina; 2) *Al Jahfa* – para aqueles que vêm da direção da Síria e adjacências; 3) *Karam Al Manazil* – para aqueles que vêm da direção de Nadj; 4) *Yalam Lam* – para aqueles que vem da direção do Lêmem; e, 5) *That Irrq* – para aqueles que vêm da direção do Iraque (ISBELLE, 2003, p.229).

¹²⁹ Mais uma vez as tradições judaica/islâmica ou cristã/islâmica demonstram os seus tangenciamentos nas imagens simbólicas em espelho (ABDALATI, 2008, p.134). Para os cristãos, segundo a bíblia, Abraão, a pedido de Deus (*Javeh*), foi oferecer Isaque em sacrifício. Para os muçulmanos “Deus a fim de testar o profeta Abraão ordenou que ele sacrificasse o seu filho Ismael que lhe era muito querido e que o havia gerado depois de uma idade avançada. O profeta Abraão quando estava se dirigindo ao local em que iria cumprir a ordem de Deus, deparou-se com o Diabo em três pontos diferentes do caminho, o tentando para que não seguisse a ordem de Deus de sacrificar o seu filho querido. Então, a cada uma das três aparições do Diabo ele o apedrejava com sete pedras pequenas.” (ISBELLE, 2003, p.230). Hoje os muçulmanos atiram pedras nos locais em que o Diabo teria aparecido ao profeta Abraão, a fim de rememorar simbolicamente este ato.

parada em *Arafat* – consiste em permanecer neste lugar até o entardecer do dia 9 (pôr do sol). Este é o único lugar, no ato da peregrinação, onde todos os peregrinos ficam juntos; passando momentos em oração e pedindo perdão a Allah, numa espécie de antevisão do dia do Juízo Final.

No Brasil, a *hajj* é amplamente estimulada entre os muçulmanos através dos jornais e revistas islâmicos. E, quando ela é realizada por um revertido acaba tornando-se manchete.

No jornal “A Alvorada” há um destaque na realização da *hajj* pelos revertidos Leandro de Arruda e Rosângela França, onde esta última afirma:

Peregrinação o quinto pilar do Islam, fantástico para quem consegue por determinação de Allah Subhanahu Wa Ta’ala, chegar a cumpri-lo. Algo acontece realmente de maravilhoso na vida desta pessoa. Ser Hajj, é praticar uma essência significativa que invade o coração e deixa a alma aliviada. A valorização de ser muçulmano fortalece acredito eu, ainda mais, quando Allah Subhanahu Wa Ta’ala nos abençoa com o privilégio de se fazer a peregrinação, percebo agora que é um milagre; milhões de pessoas com várias histórias, mas com o mesmo motivo. A minha experiência automaticamente colocou uma felicidade em meu coração e a sensibilidade da certeza que tudo, mais tudo mesmo, só é pela vontade de Allah Subhanahu Wa Ta’ala. A peregrinação, passa por muitas etapas e quando o peregrino consegue chegar no nível de ver Kaaba na Arábia Saudita e sentir a energia, tomar várias vezes o quanto quiser água de Zamzam, então neste momento este peregrino, encontrou a paz interior, enfim o sentido da própria vida (ALVORADA, 2011b, p.8).

Depois de Makkah, Jerusalém também constitui-se como cidade sagrada para os muçulmanos. Ela é a terceira em grau de importância, vindo depois de Madina (*a primeira capital do Islã*).

A sua importância deve-se porque por Jerusalém “passaram e viveram muitos profetas e mensageiros de Allah”, além de ter sido o lugar de onde o Profeta teria sido assunto aos céus (SAIFI, 2012, p.21).

3.2.5 O Alcorão

O termo «alcorão» na língua árabe significa «leitura por excelência» ou «recitação». Para os muçulmanos o alcorão é a fonte mais importante de conhecimento, “pois traz em seu texto as palavras exatas de Deus” (ISBELLE, 2003, p.8). Ele também é a última revelação de Allah para a humanidade (CARABALLO, s/d, p.19).

Ele está dividido em 114 *suratas* e estas auferem o seu nome de uma palavra ou episódio descrito em um dos seus versículos. Todas elas iniciam com o termo «bismillah», que quer dizer: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”, (*exceto a nona*).

Segundo o Islã, o alcorão foi revelado, em 610 d.C., ao profeta Mohammed, quando este possuía 40 anos. A revelação, pelo Arcanjo Gabriel, durou 23 anos, e os versículos foram

revelados paulatinamente de acordo com as situações e necessidades, a fim de facilitar a memorização do Profeta.

O ponto central do alcorão é a unicidade de Deus, ele apresenta uma série de argumentos para destruir a idolatria, ao mesmo tempo em que conclama seus leitores para a unicidade de Allah.

Os muçulmanos afirmam que o alcorão está totalmente livre de qualquer tipo de adulteração (*inserção ou exclusão de versículos*), pois os copistas teriam sido fiéis no seu trabalho. Segundo eles:

Quem quer duvidar da origem divina do Alcorão, tem esse direito. Mas, que este Alcorão que temos em mãos é o mesmo, nos mínimos detalhes, revelados ao profeta Muhammad (S.A.A.S), que o transmitiu aos homens, é uma verdade histórica e não há como negá-la ou colocá-la em dúvida. Não há nada que a humanidade transmitiu de gerações em gerações que possa ser comparado ao Alcorão quanto à sua autenticidade absoluta. E quem duvida desta verdade, deve duvidar também da existência do império romano, ou da dinastia mongol, na China, alguns séculos atrás, ou na existência da personalidade de Napoleão Bonaparte. Colocar em dúvida realidades históricas como estas não é natural da ciência e do saber, mas sim um sinal de ignorância e tolice (ISBELLE, 2003, p.114).

Pela origem e conteúdo a sua publicação é chamada de «Alcorão Sagrado». Esta sacralidade é transmitida aos filhos desde a mais tenra idade.

Algumas mesquitas oferecem aula de “memorização do alcorão”. Este trabalho é realizado em língua árabe, através da sonorização dos versículos.

3.2.6 A Lua e a Estrela

Embora o Islã não admita o uso de qualquer símbolo para adoração ou veneração, algumas figuras são sagradas no islamismo. Como dito alhures, não há religião sem símbolos. A «pedra de Kaaba»¹³⁰, as «águas de Zamzam»¹³¹, a lua e estrela são exemplo disto (Figura 10).

O calendário islâmico é lunar, com a consequente rotação dos meses em todas as estações do ano por todo um ciclo de 33 anos lunares, os quais representam cerca de 32 anos solares (ABDALATI, 2008, p.207).



Figura 10 - Símbolo do Islã - lua e estrela

¹³⁰ Trata-se de uma «pedra negra» com cerca de 50 centímetros de diâmetro, emoldurada numa estrutura de prata, numa construção cúbica (*Kaaba*) ao centro da Mesquita de *Al Masjid al-Haram* em Makkah. Muitos mitos e interpretações são atribuídas a esta pedra, que é considerada uma das relíquias mais sagradas do Islã. Contudo, os muçulmanos afirmam que não se trata de objeto de adoração, mas apenas de obediência ao Profeta que a teria beijado. “[...] Do mesmo modo, o Islam ordenou respeito pela “pedra negra” [da sagrada Caaba] e o beijo dela, pois se trata de um dos ritos e símbolos de Deus e não porque se trata de adoração de pedra. Beijar os puros mausoléus é um ato meritório que causa proximidade com Deus e é como beijar a pedra negra que o próprio Mensageiro de Deus beijou.” (SHIRAZI, 2009, p.39).

¹³¹ Oferecida em diversas fontes no interior e aos arredores da Mesquita de *Al Masjid al-Haram*, teria se originado de um poço que surgiu para Agar, quando esta, expulsa por Abraão, buscava água para seu filho Ismael. Estas águas são consideradas sagradas. E fazem parte da experiência da *Hajj* (ALVORADA, 2011b, p.8).

O símbolo da lua crescente esteve originalmente associado à adoração da lua em Bizâncio¹³². Quando os turco-otomanos conquistaram aquele império em 1453 d.C., eles utilizaram a lua como símbolo de vitória.

A lua crescente e a estrela é um símbolo utilizado nas mesquitas, mussalas, e comunicação visual de poucas instituições islâmicas no Brasil (*exemplo: CDIAL, Conselho Superior dos Teólogos e Assuntos Islâmicos do Brasil*). Também é utilizado na bandeira de países islâmicos, como a Turquia, Tunísia e Paquistão, etc.

O *Al Hilal*, maior time de futebol saudita, fundado em 1957, tem a lua crescente em seu escudo. O nome do time significa «lua crescente».

De forma geral, pode-se afirmar que a lua crescente indica a renovação, início, nascimento e a estrela de cinco pontas está ligada aos cinco pilares do Islã. Transmitindo a ideia de que o Islã é uma religião que renova a visão de Deus e do mundo através uma nova ótica, a dos cinco pilares.

3.2.7 As Abluções e banhos

A ablução¹³³ (*wudhu*) é um ritual de purificação, uma *lavagem parcial do corpo*¹³⁴ que deve preceder as orações (*salat*) do muçulmano. Ela tem a sua base no alcorão:

Ó crentes, sempre que vos dispuserdes a observar a oração, lavai o rosto, as mãos e os antebraços até aos cotovelos; esfregai a cabeça, com as mãos molhadas e lavai os pés, até aos tornozelos. E, quando estiverdes polutos, higienizai-vos; porém, se estiverdes enfermos ou em viagem, ou se vierdes de lugar escuso ou tiverdes tocado as mulheres, sem encontrardes água, servi-vos do *tayamum* com terra limpa, e esfregai com ela os vossos rostos e mãos. Allah não deseja impor-vos carga alguma; porém, se quer purificar-vos e agradecer-vos, é para que Lhe agradeçais (ALCORÃO 5.6).

Ó crentes, não vos deis à oração quando vos achardes ébrios, até que saibais o que dizer, nem quando estiverdes polutos pelo dever conjugal – salvo se vos achardes em viagem –, até que vos tenhais higienizado. Se tiverdes enfermos ou em viagem, ou se algum de vós acabar de fazer a sua necessidade, ou se tiverdes contato com mulheres, sem terdes encontrado água, recorrei ao *tayamum* (ablução seca) com terra limpa e passai (as mãos com a terra) em vossos rostos e mãos; sabeis que Allah é Remissório, Indulgentíssimo (ALCORÃO 4.43).

¹³² Cidade fundada por colonos gregos pelo rei Bizas (667.a.C); no Império Romano foi uma das principais do cristianismo: Constantinopla, em 1453 d.C., foi conquistada pelos turcos e passou a fazer parte do Império Otomano, em 1930 passou a ser chamada de Istambul.

¹³³ Trata-se de um preceito obrigatório, “sem o seu cumprimento às orações não são consideradas válidas”, ou seja, são nulas (ABDALATI, 2008, p.77).

¹³⁴ “A sequência que os muçulmanos costumam seguir nas abluções – wudhu – começa pela lavagem das mãos (antes pronunciam: «Bismillahir rahmanir-rahim» – «Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso») e dos pulsos; depois enxáguam a boca três vezes e lavam o nariz e o rosto. Em seguida, devem lavar os braços até o cotovelo, passar as mãos molhadas na cabeça e nas orelhas e, para finalizar, lavar os pés até os tornozelos três vezes, começando pelo pé direito, lavando inclusive entre os dedos. Finalizada a ablução deve-se dizer: «Ach hadu na la ilaha illallah wa ach-hadu anna Muhammadan raçulullah» («Testemunho que não há outra divindade além de Deus e que Muhammad é o mensageiro de Deus».)” (FERREIRA, 2009b, p.111).

Conforme o texto corânico só há necessidade de renová-la para a próxima oração caso o fiel urine, defeque, solte gases, durma, desmaie, perca a consciência ou tenha um ferimento por onde escorra o sangue. No caso da ejaculação (*provocada ou involuntária*), relações sexuais, término da menstruação e pós-parto ao invés da ablução o crente deve tomar banho antes da próxima oração (ISBELLE, 2003, p.201).

Se os preceitos das abluções e banhos não forem cumpridos as orações tornam-se inválidas, para o muçulmano a purificação constitui-se «a metade da fé» (ABDALATI, 2008, p.77).

4. O CONSUMO DE BENS SIMBÓLICOS NA REVERSÃO AO ISLÃ

«Ach-hadu an la ilaha illa Allah. Wa ach hadu an-na Muhammadur Rassulullah»¹³⁵

shahada (testemunho)

Eu vim de família cristã, pai e mãe cristãos (*católicos*). Minha mãe e meus parentes praticantes. Eu fiz alguns cursos dentro da igreja. Cursei o catecismo e até meus 16 anos eu estava presente em todas as atividades da igreja onde eu frequentava (*próximo a minha residência*). Mas, chegando a adolescência e tendo que trabalhar e estudar, está frequência diminuiu bastante. [...] Enfim, não posso dizer que na minha juventude eu fui um cristão praticante, de ir à igreja, eu acho que como a maioria hoje não é. [...] Certo dia conheci uma muçulmana, então eu pude distinguir um pouco mais sobre a religião islâmica. Foi onde eu tive meu primeiro contato com o Islã. [...] Posteriormente conheci um grupo de divulgadores (*o Islã tem grupos de divulgadores*). Eu tive contato com um destes grupos o qual me presenteou com o alcorão em português (*este foi o meu primeiro contato com o alcorão*). E, ao ler, me decidi completamente e entendi que aquele era o momento de me tornar um muçulmano. [...] Então eu fiz a minha *shahada* e meu testemunho com eles. [...] Eu tinha 22 anos na época (C.D. - ANEXO H)

A maioria das vezes em que estas palavras (*shahada*) são pronunciadas nasce um muçulmano. O testemunho de vida (*como chegou ao Islã*), associado à *shahada* torna-se a “fórmula batismal” do revertido.

Mas, como se dá a reversão? No caso de C.D., como se deu a transição do catolicismo para o Islã? Quais foram os signos desconstruídos e reconstruídos neste intervalo de tempo? Existem alguns elementos simbólicos do cristianismo que foram aproveitados? Há elementos que foram ressignificados ou que foram excluídos?

Considerando-se que o conhecimento humano processa-se através de símbolos/signos e que as mudanças de paradigmas nada mais são do que a dinâmica da economia de bens sim-

¹³⁵ “Testemunho de que não há outra divindade além de Allah, e testemunho de que Muhammad é o mensageiro de Allah” (SAIFI, 2012, p.8,9).

bólicos; esta pesquisa elencou e refletiu sobre as principais desconstruções e (re)construções no processo de reversão ao Islã.

Para tanto, ela serviu-se da amostra composta de «22 revertidos»¹³⁶ a partir do cristianismo¹³⁷, oriundos da Mesquita do Pari, de ambos os sexos e civilmente capazes. Eles foram submetidos ao questionário (ANEXO D), sendo que, os de maior tempo de reversão foram convidados para entrevista pessoal. Aceitaram participar o Sr. E.C. (ANEXO F) e Srta. B.K.L. (ANEXO G). Também foi entrevistado no CDIAL, o Sr. C.D. (ANEXO H), funcionário daquela instituição, com 18 anos de reversão, bem como o Sr. Luiz Carlos Pereira Lucena (ANEXO I), produtor dos filmes – “Os manos de Alá” e “Sob o véu do Islã”.

Este estudo observou a execução das normas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Presbiteriana Mackenzie, aprovadas conforme processo CEP/UPM em 31/10/2012 e CAAE n.º 08869812.0.0000.0084 (ANEXO E).

4.1 O PERFIL DOS CONSUMIDORES (CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA)

Com o objetivo de delinear o perfil dos consumidores (*caracterização da amostra*), apresentaremos: a) o contexto em que os dados foram coletados (*espaço e tempo*); b) o gênero da amostra; c) a sua faixa etária; d) as profissões dos revertidos; e) o tempo de reversão; e, f) a análise do perfil socioeconômico, com base na concatenação dos dados tabulados.

4.1.1 O local no Espaço – Mesquita Salah El-Din (do Pari)

A amostra foi coletada na Mesquita *Salah El-Din*, está localizada à Rua Barão do Ladário, 992, bairro do Pari – SP (Figura 11). Foi inaugurada em 12 de janeiro de 1995 e diferentemente do estilo arquitetônico das demais mesquitas, sem campânula ou *minaretas*¹³⁸ em sua fachada externa, assemelha-se a um prédio comum.

A mesquita possui na entrada (*andar térreo*) acesso para as dependências da sala de oração. Esta, por sua vez, contém amplas janelas (*fundo e lado esquerdo*), a *Mihrab*¹³⁹ ao centro – em alvenaria (*sem azulejos, mármore ou madeira*), e a *Minbar*¹⁴⁰ logo ao lado da *Mihrab*.



Figura 11 - Mesquita do Pari

¹³⁶ No “Projeto de Pesquisa” estipulamos uma amostra de 30 revertidos, mas não foi possível alcançar este número.

¹³⁷ Do universo da amostra 20 foram da Igreja Católica Romana e 02 de igrejas evangélicas.

¹³⁸ Torre de uma mesquita, lugar do qual o *Adhan* convoca os fiéis para o horário das orações.

O primeiro andar é utilizado como sala de oração das mulheres, com lavabo e local para as abluções. O segundo pavimento é o salão utilizado para festas e eventos da mesquita. O terceiro andar é utilizado como salas de aula, contendo uma biblioteca. O quarto andar é local destinado à residência do *sheikh*. E, por fim o subsolo, local também usado para reuniões e eventos.

A área do distrito do Pari é composta pelos bairros Canindé e Pari, com 2,7 km² e população de 17.505 habitantes¹⁴¹, sendo que, 38% da população concentra-se¹⁴² na faixa etária de 30 a 59 anos de idade.

Segundo Pacca, os maiores proprietários de imóveis desta região são portugueses, italianos, árabes e coreanos (PACCA, 2010, p.141). O proprietário do distrito do Pari com maior número de imóveis, individualmente, é árabe e possui mais de 40 imóveis (PACCA, 2010, p.151).

O bairro é um misto, com a predominância de estabelecimentos industriais e comerciais, com o comércio especializado em doces, plásticos e confecções. No distrito localiza-se a Universidade São Francisco.

4.1.2 O local no Tempo – Aulas de árabe e teologia islâmica

A amostra foi coletada após as aulas de árabe e teologia islâmica. Que são oferecidas todos os sábados das 14h00 às 18h00 na Mesquita do Pari (3.º andar). Elas são ministradas pelo *sheikh* Juma Momade Anli, sem recursos multimídia, apenas com pincel atômico e quadro branco. A sala contém de 30 a 40 lugares que são ocupados, em sua maioria, por mulheres. Pouquíssimos homens frequentam as aulas.

Após as aulas, o *sheikh* dá a oportunidade para a realização da *shahada*, a qual acontece com certa frequência.

¹³⁹ Trata-se de espaço côncavo, encravado na parede central da mesquita. Tem como função principal indicar o posicionamento da cidade de Makkah. Ela orienta a pessoa que lidera as orações e ajuda a focalizar o som para distribuí-lo por toda mesquita. Geralmente a *Mihrab* é o ponto mais decorado da mesquita, como azulejos, mármore, madeira e pedra.

¹⁴⁰ Espécie de púlpito, em local alto, de onde se profere as mensagens e sermões.

¹⁴¹ Fonte IBGE, 2010.

¹⁴² População de 0 a 9 anos: 2.188 habitantes; de 10 a 14 anos: 1.166 habitantes; de 15 a 19 anos: 1.247 habitantes; de 20 a 29 anos: 3.385 habitantes; de 30 a 59 anos: 6.699 habitantes; com 60 anos ou mais: 2.821 habitantes. Segundo IBGE, 2010.

4.1.3 O Gênero

Tabela 4 - Gênero dos revertidos.

Gênero	Qtd	%
Sexo Masculino	3	14%
Sexo Feminino	19	86%
Total	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Pode-se observar, segundo Tabela 4, que a participação feminina no questionário foi de 86% do total de entrevistados. Contudo, não se trata da omissão por parte do sexo masculino. Como dito alhures, a frequência feminina nestes cursos é esmagadora, tanto na aula de árabe quanto na aula de teologia. Além disto, há boa interação entre o *sheikh* e as alunas, num processo dinâmico e interativo de aprendizado.

4.1.4 A Faixa Etária

Tabela 5 - Faixa etária dos revertidos.

Faixa Etária (anos)	fi	%
18 _____ 30	8	36%
31 _____ 50	11	50%
51 _____	3	14%
Total	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Segundo a Tabela 5, a faixa etária da amostra concentra-se entre 31-50 anos de idade, com a frequência de 50%. Isto aponta para um grupo de meia idade, com propósitos definidos na busca do Islã como religião. O Islã como novo “projeto de vida”, para a definição de novos horizontes. Em contraposição, o fato dos participantes com mais de 51 anos representarem apenas 14% da amostra (*o menor grupo*), pode estar ligado às dificuldades cognitivas no estudo da língua árabe e teologia islâmica ou devido à proximidade da terceira-idade representar a descrença de que uma nova religião irá solucionar os problemas existenciais.

4.1.5 A Formação Acadêmica

Tabela 6 - Formação acadêmica dos revertidos.

Formação Acadêmica	Qtd	%
1.º Grau	2	9%
2.º Grau	3	14%
Superior Incompleto	8	36%
Superior Completo	6	27%
Pós-graduação (lato-sensu)	2	9%
Mestrado	1	5%
Doutorado	0	0%
Total	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Conforme Tabela 6, os destaques na formação acadêmica concentram-se no nível Superior (*completo/incompleto*), representando 63% dos entrevistados. Pode-se postular que a amostra é composta de indivíduos que são ativos academicamente. Os 36% da amostra com o curso superior incompleto podem traduzir-se em “graduandos”.

Os 14% dos alunos pós-graduados (*pós-graduação e/ou mestrado*) indicam que o Islã também é religião abraçada por sujeitos sociais com preparo acadêmico (*pesquisadores*). Os contornos da amostra vão se redefinindo a partir da interpretação dos dados.

4.1.6 A Profissão

Tabela 7 - Profissão dos revertidos

Profissão	Qtd
Administração de Empresas *	1
Analista Marketing *	1
Assistente de Produto	1
Corretor de Imóveis	2
Do lar	1
Enfermeira	1
Engenheira *	1
Funcionário Público	2
Motorista	1
Música	1
Professora *	1
Secretária	1
Técnica Veterinária	1
Técnica de Laboratório	2
Vendedora	1
Vigilante	1
Não preencheu	3
Total	22

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Na Tabela 7 – as profissões marcadas (*), são as que atualmente exigem nível superior. Elas representam 18% dos entrevistados. Sendo que outros 18% são ocupados pelas categorias: «não preencheu» e «do lar», e 64% das profissões são, via de regra, de ocupação de nível básico, fundamental e médio.

Estes dados, contrapostos com os da Tabela 6, provavelmente indicam que boa parte da amostra está no processo de aquisição de capital cultural com a finalidade de ascensão social (*trabalho melhor remunerado*). Pois, segundo Weber,

a ocupação de um cargo é uma «profissão». Isso se evidencia, primeiro na exigência de um treinamento rígido, que demanda toda a capacidade de trabalho durante um longo período de tempo e nos exames especiais que, em geral, são pré-requisitos para o emprego (WEBER, 1982, p.232).

Se existe uma ligação entre “reversão ao Islã” e “ascensão social”, caberá a outras pesquisas com outros instrumentos pontuarem.

4.1.7 O Tempo de Reversão

Tabela 8 - Tempo de reversão

Tempo de Reversão (meses)		Frequência		
		Absoluta (<i>f_i</i>)	Percentual	
6	—————	24	13	59%
25	—————	41	5	23%
42	—————	59	2	9%
60	—————	77	0	0%
78	—————	95	2	9%
Total			22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Conforme Tabela 8 – a maioria dos revertidos, 59% da amostra, tem entre 6 meses a 2 anos de reversão. Acompanhada de um segundo grupo de cerca de 2 a 3,5 anos de reversão, e por último um grupo com cerca de 18% entre 2,5 anos à 8 anos de reversão. Portanto trata-se de uma amostra composta, em sua maioria, de recém-revertidos.

4.1.8 O Perfil Socioeconômico

Desta forma, a amostra caracteriza-se de sujeitos sociais: do sexo feminino, de meia idade, recém-revertidos, graduandos ou graduados, exercendo profissões compatíveis com o nível fundamental e médio.

Muito provável, grupo pertencente à classe social “D” e “C”, em busca de ascensão social através da aquisição de “capital cultural”.

O grande interesse pelas aulas de árabe pode demonstrar, não só apenas a busca de melhor conhecimento da teologia islâmica, mas também a disponibilidade para, no futuro, morar em países islâmicos.

4.2 AS FORMAS DE CONSUMO

Quantificar ou qualificar atos de fé (*reversão*) é tarefa hercúlea, foge ao escopo da racionalidade, pois “a crença não é, primariamente, uma «atitude científica» que exige a relevância empírica de estruturas de plausibilidade, e sim, tipicamente, uma «atitude natural»” (CARRIKER, 2008, p.31).

Carriker (2008) e Ramos (2003) trabalharam com a ideia de “desconversão religiosa”, partindo dos mecanismos sociais para explicar o fenômeno. Pois, segundo Carriker:

A desconversão se descreve como um processo dinâmico e social no qual o indivíduo ativamente se envolve. O modelo da desconversão se apresenta como um processo de seis fases, sendo: 1) Intrusão e Interrupção da realidade, 2) Alienação e Afastamento, 3) Desmantelamento da estrutura de nomo, 4) Mediação de uma Nova Estrutura de Plausibilidade, 5) Desconversão/Defecção, e 6) Aceitação da Nova Realidade (CARRIKER, 2008, p.32).

Esta pesquisa pretende explicar o fenômeno da reversão através da relação de produção e consumo de bens simbólicos. Não há discordância com os estudos de Carriker e Ramos. Mas, trata-se de outra abordagem metodológica para a análise do objeto.

A tradição marxista afirma que as funções políticas dos «sistemas simbólicos» estão privilegiadas devido a sua estrutura lógica e «função gnosiológica»¹⁴³. Este funcionamento explica as produções simbólicas relacionando-se com os interesses da classe dominante (BOURDIEU, 1989, p.10).

A ideologia religiosa apresenta na sua forma e conteúdo, poder material e simbólico acumulado pelos seus agentes (*especialistas ou instituições*), com a finalidade de cumprir o seu papel de estruturação do conhecimento.

Apresentamos, no capítulo 2.º deste trabalho, um corpo de especialistas, relativamente autônomos, que se constituem num campo de produção de bens simbólicos. No capítulo 3.º, apresentamos os principais bens em circulação produzidos por estes especialistas, bem como aqueles produzidos por especialistas de orientação cristã. Agora, faz-se mister expor como estes bens são consumidos e cristalizam-se no imaginário do revertido.

Os produtores e especialistas de bens simbólicos disponibilizam-nos à guisa dos seguintes materiais: livros; revistas; jornais; folhetins; boletins eletrônicos; vídeos; documentários islâmicos; programas de rádio; sermões; cursos de teologia islâmica; cursos de árabe; cursos de culinária árabe; alimentos lícitos (*halal*); cursos para a realização da peregrinação à Makkah (*hajj*); venda de produtos islâmicos como – *hijab*, *niqab*, burcas, tapetes para oração, *masbaha*, e etc.

Estes materiais são distribuídos, (*em parte*) de forma gratuita, nas mesquitas, mussallas, centros islâmicos, escolas islâmicas, ações beneficentes, sites da internet, bienais do livro, nas praças (*através do Dawah*), e etc.

Apesar da prática islâmica constituir-se na produção, circulação e consumo de bens simbólicos, para o recém-revertido é forma majoritária de consumo.

As abluções, as orações, as festividades, os jejuns, a alimentação com produtos lícitos, a indumentária, os acessórios islâmicos, dentre outros, são as formas pelas quais os bens simbólicos islâmicos são consumidos. Não por repetição ou tentativas de «erro e acerto», mas através de consumo orientado pedagogicamente pelos especialistas. Pois, diferentemente do “nascido muçulmano” cujo aprendizado começa como criança, na observação dos seus pais;

¹⁴³ Gnosiologia (*ou gnoseologia*) é a parte da Filosofia que estuda o conhecimento humano.

os revertidos submetem-se à prática constante dos rituais islâmicos através da frequência com assiduidade à mesquita, às aulas de religião e etc. (FERREIRA, 2009b, p. 96,101).

Destarte, podemos classificar o consumo de bens simbólicos em dois mecanismos, externos e internos, estes através dos sentidos (*visão, audição, tato, olfato e paladar*), e aqueles através da relação espaço/tempo.

4.2.1 Consumo Externo - espaço/tempo

Conforme Eliade,

para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. [...]. Tal como o espaço, o Tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de Tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado (ELIADE, 1992, p.17,38).

No Islã, o consumo externo de bens simbólicos realiza-se de forma contínua na relação espaço/tempo. Ao contrário das tradições cristãs que tendem a sacralizar o templo religioso (*espaço*) e o domingo¹⁴⁴ (*tempo*), no Islã o espaço sagrado não é constituído apenas pela mesquita ou mussala (*locais apropriados para a oração*), mas o muçulmano pode servir-se de qualquer lugar¹⁴⁵ para realizar as suas orações, necessitando apenas de um pequeno tapete e uma bússola (*orientação à Makkah*). Conforme entrevista de E.C. (ANEXO F), o espaço profano torna-se sagrado, local para oração, quando ele diz: “basicamente vou pegar meu tapete, vou lá pro térreo (*tem um jardim lá*), ou pro terraço e faço a oração ali no cantinho (*em silêncio*), orientado à Meca, sem atrapalhar ninguém.”

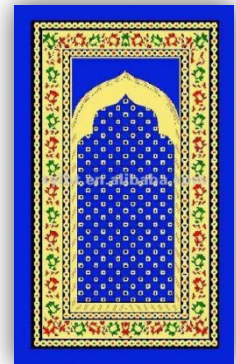


Figura 12 - Tapete de oração

O tapete (Figura 12), objeto voador na mitologia Persa – por onde se alcança os céus, torna-se lugar sagrado, capaz de elevar o muçulmano ao encontro com Allah através da oração. Basta posicioná-lo de forma correta e orar que o milagre acontece. A rotura entre o espa-

¹⁴⁴ Algumas vertentes da religião cristã “guardam” o sábado como dia sagrado, por exemplo, os Adventistas do Sétimo Dia.

¹⁴⁵ A exceção da oração de sexta-feira (*jumma*) ao meio-dia (*Salât’uz-Zuhr*), “deve ser feita em congregação dirigida por um Imam. Ninguém pode fazê-la individualmente” (ABDALATI, 2008, p.110).

ço sagrado e o profano desfaz-se magicamente, pois o “ambiente sagrado” pode ser transportado à tiracolo. Como se o fiel retirasse do sacro tapete da sala de orações de sua mesquita um *rapport*¹⁴⁶, transportando-o sempre consigo. Transformando magicamente, nas horas de oração, o espaço amorfo ou profano em lugar sagrado.

No Islã o tempo também é “frequentemente sagrado”. Não há distantes roturas entre o tempo sagrado e o profano. As abluções (*wudhu*) e as cinco orações diárias¹⁴⁷ (*salat*), funcionam como “minutos sagrados”, fracionando o tempo profano em diversas partes. O tempo sagrado não é majoritário, mas frequentemente e brevemente, faz constantes roturas no tempo amorfo ou profano.

A frequência das roturas é maximizada através das refeições, visto que para o muçulmano este momento se converte em tempo sagrado no consumo de alimentos lícitos (*halal*). Já no Ramadan, com a prática dos jejuns, as refeições são minimizadas, mas trocadas pela abstenção da comida, cigarros e relações sexuais¹⁴⁸, no prazo de 29 a 30 dias.

A prática islâmica no espaço/tempo de forma constante, reflete o conjunto organizado de hábitos estabelecidos no indivíduo, constituindo-lhe a massa de sua personalidade, dando-lhe forma, estrutura e continuidade (LINTON, 1973, p.102).

Desta forma, pode-se postular que o consumo de bens simbólicos no Islã se dá em maior frequência do que no cristianismo, devido ao seu constante consumo na relação espaço-temporal.

4.2.2 Consumo Interno – cinco sentidos

Em busca da identidade islâmica, num processo de *enculturação*¹⁴⁹, o revertido, aspirando aprender a prática dos rituais islâmicos, torna-se ávido consumidor de bens simbólicos. O aspecto interno deste consumo dá-se através dos cinco sentidos, quanto mais eles (*sentidos*) forem estimulados pelo desejo do consumo ou pelo próprio consumo, maior será o grau de assimilação do *ethos* islâmico.

¹⁴⁶ Trata-se de um padrão de cores e entrelaçamento mínimo na estrutura de um tecido.

¹⁴⁷ Considerada como o 2.º Pilar do Islã, a oração (*As Salat*), deve ser oferecida por cada muçulmano, pelo menos cinco vezes ao dia, em horas estabelecidas: a oração da alvorada (*Salát'ul-Fajr*); a oração do meio-dia (*Salát'uz-Zuhr*); a oração do meio da tarde (*Salát'ul-Maghrib*); e a oração da noite (*Salát'ul-Icha*) (ABDALATI, 2008, p.76). Geralmente, o período das orações demora menos de 10 minutos (YASSIN, s/d, p.43).

¹⁴⁸ “O Jejum no Islam é o abster-se, desde o raiar da aurora até o pôr-do-sol, da ingestão de qualquer espécie de alimentos e/ou bebidas, assim como fumar e manter relações sexuais.” (ISBELLE, 2003, p.218).

¹⁴⁹ Processo que “se define como o condicionamento consciente ou inconsciente que ocorre dentro do processo pelo qual o indivíduo, criança ou adulto, alcança competência numa cultura particular (HOEBEL; FROST, 1999, p.59).

4.2.2.1 *Campo visual*

A indumentária é a principal forma de estímulo de consumo de bens simbólicos no campo visual, e o *hijab*, *niqab* e burca são as principais peças indumentárias femininas no Islã.

“Do ponto de vista islâmico, a roupa tem dois propósitos: o de cobrir o corpo e o de embelezar a aparência.” (AL-KARADHAWI, s/d, p.126). Esta afirmação encontra sua cristalização na combinação do *hijab* e/ou *niqab* com estética e/ou cosmética, traduzindo-se em grande estímulo ao consumo de bens para o visual feminino.

Na “1.ª Islamic Fashion Brasil”, realizada em 1.º de abril de 2012 no Centro Islâmico do Brasil em São Paulo, sob o título de: “Hijab: elegância e modéstia”, toda teologia islâmica que justifica a cobertura quase integral do corpo feminino, traduz-se em “glamour”.

A utilização do belo e estético como marcas distintivas¹⁵⁰, criadas pelo próprio grupo, na tentativa da (re)construção da identidade social, deve ser lida como resposta às tensões provocadas pelos meios de comunicação em massa associando o *hijab* e *niqab* à dominação masculina e clausura.

A disposição da indumentária islâmica feminina, como instrumento de proteção e beleza, associada aos interesses de mercado de produtos islâmicos, converte-se em ilusão auto elaborada como força coercitiva externa (DURKHEIM, 2008, p.34), percebida somente nos casos de resistência.

Este bem simbólico, nas mãos dos especialistas, transforma-se em instrumento de legitimação e poder (*violência simbólica*); contudo altamente palatável (*ressignificado pelos aspectos éticos e estéticos*), proporcionando às revertidas uma espécie de nova leitura da realidade ou percepção desta (SOB O VÉU DO ISLÃ, 2012, 33’13”).

4.2.2.2 *Campo auditivo*

Embora não vivamos em país islâmico e o chamado para oração (*Adhan*)¹⁵¹, não seja realizado nos minaretes das mesquitas. Este, ainda assim, se faz presente no seu interior, bem

¹⁵⁰ Pois, “as marcas não só são algo atribuído pelos outros, mas podem ser criadas pelo próprio grupo.” (VIERTLER, 2006, p.46).

¹⁵¹ “Adhan, é o nome dado ao chamado para o início das orações dos muçulmanos. Na época do Profeta Muhammad, cada religião havia desenvolvido uma maneira de chamar os seus seguidores para o momento do culto, os judeus utilizavam uma corneta, budistas uma trombeta, cristãos os sinos de suas igrejas e os zoroastros acendiam uma chama de fogo. Os muçulmanos após a construção da Mesquita de Madina ainda não tinham estabelecido um método para chamar os fiéis para a oração. Depois de uma inspiração Divina ao Profeta Muhammad, ficou decidido que uma voz humana deveria ser utilizada para chamar as pessoas para este momento de adoração (*sic*)” (SAIFI, 2012, p.25). O *Adhan* é pronunciado na mesquita pelo *Muazzin*, pessoa encarregada, que faz o chamado em tom melodioso com o seguinte significado: Allah é o Maior! Allah é o Maior! (2x) Testemunho de que não há outra divindade além de Allah. (2x) Testemunho de que Muhammad

como, nas mussalas. É símbolo tão distintivo quanto o sino nas igrejas católicas interioranas e está presente nos celulares e *tablets* (com aplicativos islâmicos) dos jovens e adolescentes muçulmanos.

A oralização do alcorão, em língua árabe, e as recitações na *salat*, compõe à vocalização, sempre presente nas práticas islâmicas, estimulando do corpo forma de expressão como resposta à voz. Conforme Ferreira, o consumo do bem simbólico no campo auditivo leva-nos a:

pensar a oração dos muçulmanos como uma poética do corpo, ou seja, não como algo que está restrito à recitação de palavras, mas em que as palavras cadenciam os movimentos do corpo. O gesto ganha vida pela voz, há um comprometimento do corpo. O sensível é exposto ao extremo, de modo a criar uma estética/poética do corpo (FERREIRA, 2009b, p.99).

O revertido à medida que incorpora a língua árabe – em seu contínuo aprendizado, impressiona-se ao ouvir cada palavra. Pois além da sua estética descortinam-se novos conteúdos para outros possíveis consumos.

4.2.2.3 *Campo tátil*

Devido a sua frequência e rítmica na combinação de gesto (*lavagem/purificação*) e voz (*recitação das orações árabes*), as abluções (*wudhu*), como rito de purificação (*corpo impuro e água limpa*), constituem-se em forma de produção/consumo¹⁵² de bens simbólicos. Abdalati descreve o ritual da seguinte forma:

Certifique-se de que a água a ser utilizada está limpa, volte em seguida o pensamento com a intenção de se fazer a ablução “wudhu” a fim de se cumprir com o dever da oração. Está intenção não precisa ser dita em voz alta; é suficiente que tenha consciência da razão porque se está fazendo a ablução “wudhu” prescrita, então pronuncie: «Bismillahir Rahmanir Rahim»

“Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso!”

Lave as mãos três vezes seguidas cada, sem se esquecer dos espaços entre os dedos, esfregando-as bem [1].

Depois disso, recolha a água com as mãos em forma de concha, e enxágue bem a boca três vezes [2].

Em seguida, aspire a água pelo nariz e assoe, fazendo com que a água que foi aspirada saia do nariz, três vezes consecutivas, lave o nariz, para retirar quaisquer resíduos de sujeira que possa ter [3,4].

Lave o rosto três vezes, assegurando-se de que a água chegue a toda superfície do rosto, incluindo as pálpebras [5,6].

é o Mensageiro de Allah. (2x) Vinde para a Oração. (2x) Vinde para a salvação (2x). Allah é o Maior! (2x) Não há outra divindade além de Allah!

¹⁵² Produção para os iniciados, visto que “os seres humanos usam o corpo para se comunicar virtualmente tanto quanto empregam a linguagem formal.” (HOEBEL; FROST, 1999, p.348). Consumo, por parte do revertido, que torna-se consumidor de bens simbólicos para reproduzir corretamente o rito.

A seguir lave os braços, até a altura dos cotovelos, três vezes, começando pelo braço direito e em seguida o esquerdo [7].

Enxágue as mãos e passe-as, assim molhadas na cabeça, de frente para trás e de trás para frente, também é permitido passar uma mão só em cada lado da cabeça, passe as mãos molhadas nas orelhas, por dentro e por fora, mas sem as molhar novamente devemos fazer isto com a água que ainda permanece nas mãos, depois de tê-las passado na cabeça [8a-b,9].

Lave os pés até a altura dos tornozelos três vezes, começando pelo pé direito, sem esquecer dos espaços entre os dedos [10].

Terminada a ablução “wudhu”, diga (como o dedo indicador da mão direita estendido):

«Ash-hadu an la iláha illallah wa ash-hadu ána Muhámmadan ‘abduhu wa rasuluh.»

“Testemunho que não há outra divindade além de Deus e que Muhammad é o Seu servo e Mensageiro”

« Alláhumma iy’alni minat-tawwabína way’alni min al-mutatahhirín »

“Ó Deus! Faze com que eu seja um dos que não cessam de se voltar arrependidos, para Tim, e um dos que não cessam de purificar-se.” (ABDALATI, 2008, p.78-82).

As abluções, conforme a *Figura 13*, são um estímulo ao campo tátil e auditivo, pois ação e palavra ocorrem intercaladamente. Se elas não forem realizadas corretamente a oração é nula (ABDALATI, 2008, p.77), pois o corpo deve estar purificado por meio delas. Desta forma, há a preocupação, por parte do revertido (*que diferentemente do nascido muçulmano aprende com seus pais desde a infância*), de fazê-las exatamente como prescreve a ritualística, gerando a necessidade de consumo de bens simbólicos (*livros, vídeos, etc*), para a realização correta ao invés de valer-se apenas da sua imitação¹⁵³.

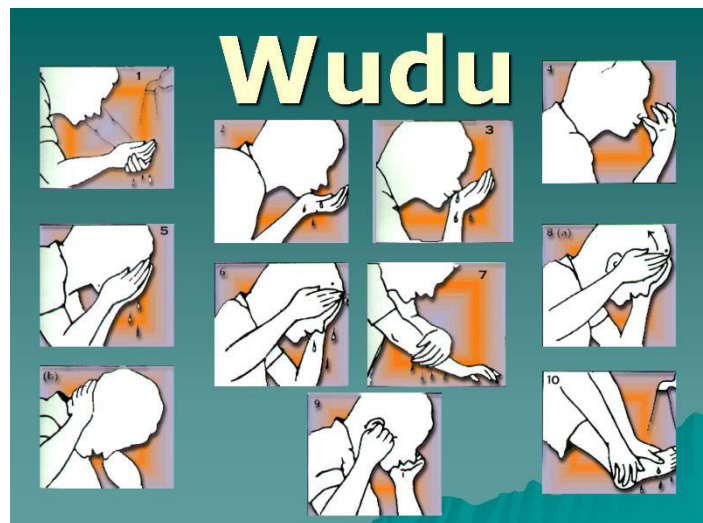


Figura 13 - Prática das Abluções.

¹⁵³ “A imitação pode considerar-se como a cópia da conduta de outros indivíduos, independentemente de que o imitador tenha chegado a conhecer dita conduta mediante a observação direta, por meio de referência verbal ou, nas sociedades mais adiantadas, pela leitura. As únicas condições em que a técnica imitativa não pode aplicar-se são (a) quando a situação é nova para a sociedade bem como para o indivíduo e (b) quando o indivíduo não teve oportunidade de aprender o que fazem as outras pessoas em reação à situação dada.” (LINTON, 1973, p.103).

4.2.2.4 *Campo olfativo e gustativo*

Os sacrifícios na festa *Eid Al Adha* (sacrifício de carneiro), as festas ao término do Ramadan, o consumo de produtos *halal*, constituem-se em frequentes cerimônias onde os bens simbólicos são consumidos.

Programas radiofônicos como “Paladares do Oriente” de Alia Fayad, dispõem a culinária árabe para o consumo das revertidas. Tornando-as mais prendadas à construção de lares islâmicos, ou seja, casamento com árabes ou ben-árabes.

Contudo, considerando-se que, “o universo social é um sistema de trocas simbólicas e a ação social um ato de comunicação” (BOURDIEU, 1987, p.13), a veiculação do capital cultural em instrumento *não interativo*¹⁵⁴ (*rádio on-line*) constitui-se em poderoso meio de comunicação que estabelece a relação de força simbólica entre locutor e ouvinte. A transferência do capital simbólico é realizada tendo como princípio legitimador uma espécie de *capital de autoridade*. Pois a

estrutura da relação de produção linguística depende da relação de força simbólica entre os dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade (que não é redutível ao capital propriamente linguístico): a competência é também portanto capacidade de se fazer escutar. A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos. Daí a definição completa da competência como direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção (BOURDIEU, 1987, p.37,38).

Isto posto, e compreendidas as formas pelas quais os bens simbólicos são consumidos pelos revertidos, passemos a apresentação dos resultados da amostra e as suas implicações na economia dos bens simbólicos.

4.3 A APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.3.1 Do Consumo de Bens Simbólicos

4.3.1.1 *No Plano Identitário*

No estudo do plano identitário abordaremos a identidade sobre duas dimensões: identidade pessoal e a identidade coletiva ou social (OLIVEIRA, 1976, p.4). Antropólogos têm procurado mostrar como elas estão interconectadas e se articulam. Este aspecto bidimensional permite estudos no campo da psicologia, sociologia e antropologia. A identidade pessoal “tem

¹⁵⁴ Utilizo o termo “não interativo”, neste caso, para designar o processo de comunicação onde há um produtor ativo de bens simbólicos (locutor) e um consumidor passivo (radiouvinte). Não há permutabilidade de informações. E o contato telefônico ou postagem digital para formular a pergunta é apenas o início de um processo unilateral.

uma preeminência instauradora em nossa cultura, só contra a qual se pôde desenhar o sentido de «identidade social», permanecendo, portanto de certa forma presente sob o desenho deste segundo termo e impondo-lhe vicissitudes muito peculiares.” (DUARTE, 2004, p.71).

A plausibilidade de adoção de um novo nome no Islã, no processo de reversão, trabalha um dos níveis mais profundos da identidade. Pois, o “nome de batismo” geralmente está ligado ao credo dos pais, à religião *primeva* e à identidade social. A substituição do nome baptismal consiste nesta tríplice ruptura.

Tabela 9 - Adotou novo nome após a reversão?

	Qtd.	%
Sim	8	36%
Não	14	64%
Total	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Conforme os resultados da Tabela 9, a maior parte da amostra, 64%, não adotou nome islâmico/árabe. Na análise do gênero, obteve-se os seguintes resultados: de 3 participantes do sexo masculino, 2 adotaram o nome islâmico – 67%; e, de 19 participantes do sexo feminino 5 adotaram o nome islâmico – 26%.

De acordo com os dados da amostra, a tríplice ruptura é mais frequente entre os revertidos (*do gênero masculino*).

No documentário “Os manos de Alá”, de 12 homens entrevistados¹⁵⁵ 10 apresentaram «verbalmente» o seu nome islâmico, sendo que um dos entrevistados afirmou ter mudado o nome de registro, representando assim 83% dos entrevistados (OS MANOS DE ALÁ, 2011).

A adoção do nome islâmico, para o revertido, tem dupla implicação. A primeira está ligada a incorporação da personagem cujo nome é adotado. Mauss, refere-se a este fato, afirmando que entre “os latinos” a noção de «pessoa» vai além da associação ao “nome de direito”. Mas, representa uma «máscara ritual», “na explicação dos etimologistas latinos – *persona* vindo de *per/sonare*, a máscara pela (*per*) qual ressoa a voz (do ator) – foi inventada em seguida.” (MAUSS, 2013, p.385).

Desta forma, a adoção do nome de um expoente do Islã constituiria em vestir a sua máscara, ou *persona*, incorporando-lhe as qualidades para o serviço islâmico.

¹⁵⁵ 1) Jair Maceió (*Muhamed Ali Numaire*); 2) Ronaldo dos Santos Gomes (*Jaffar*); 3) Paulo Sérgio (*Malik Shabbaz*); 4) Nivaldo Florentino de Lucena (*Mohammed Lucena*); 5) Antônio Gérson Mendes de Oliveira (*Jihad*); 6) Francisco da Silva Mendes de Oliveira (*Abdulah*); 7) Jessé Abrantes de Oliveira (*Adam*); 8) João Paulo de Oliveira (*Jabber*); 9) Carlos Soares Correia (*Amin Onerê*); 10) Ronaldo (*Muslin*); 11) José Fernando; e, 12) José Adelson (OS MANOS DE ALÁ, 2011).

A segunda implicação refere-se ao compromisso de honrar, com o estilo de vida, a memória da personagem cujo nome foi adotado. Conforme entrevista de C.D., esta é uma forma de:

[...] honrar estas pessoas. E, é lógico que você pode honrar também através do seu comportamento. E aqueles que carregam o nome delas devem honrá-las, pois é uma responsabilidade muito grande. Então você tem que agir para honrar o nome daquelas pessoas, que deixaram para a posteridade (C.D. - ANEXO H).

Por outro lado, no documentário “Sob o véu do Islã”, das 21 participações femininas¹⁵⁶, em apenas 3 casos o nome islâmico foi apresentado «na edição do vídeo», isto é, “na tela” – abaixo do nome batismal. E, em um único caso apresentou-se “na tela” apenas o nome islâmico (SOB O VÉU DO ISLÃ, 2012, 10’17”).

A reconstrução da identidade pessoal a partir do nome tem se tornado experiência comum no sexo feminino quando se passa pelo processo da extinção de sociedade conjugal (*separação*). A expedição de novos documentos com o “nome de solteira”, assume condição de “carta de alforria” e liberdade conquistada. O retorno ao sobrenome dos pais é considerado “retorno a um lugar seguro”.

Considerando-se que a amostra desta pesquisa compõe-se principalmente de mulheres de 31 a 50 anos, que talvez tenham passado pelo “processo da extinção de sociedade conjugal”, a valorização do “nome de solteira” pode exercer algum tipo de refração à nova mudança do nome e explicar porque as mulheres são mais refratárias a tal atitude.

Esta é uma explicação hipotética pelos dados minorados na adoção de nome islâmico no universo feminino; outra, factível, é o fato de terem existido poucas personagens do sexo feminino, que foram expoentes no Islã, para se homenagear.

Tabela 10 - Por quê adotou nome islâmico?

	Qtd.	%
Nunca gostei do meu nome de registro	0	0%
O significado do nome de batismo tem implicações negativas	1	13%
É comum no Islã a adoção de um novo nome	7	88%
Total	8	100%

Fonte: Amostra de 8/22 revertidos da Mesquita do Pari, que adotou nome islâmico.

Conforme Tabela 10, do universo que adotou o nome islâmico após a reversão (8 *indivíduos*), 88% o fez porque “é comum” a adoção de novo nome, uma espécie de rito de iniciação

¹⁵⁶ 1) Rosângela França; 2) Alessandra Alves; 3) Cristina Bertonino; 4) Khadija Day; 5) Cynthia Cellenza; 6) Ingrid Camilo; 7) Iris Maria (*Zainab Hudhayfa*); 8) Cláudia Voigt Espinola; 9) Rita de Cássia (*Hanan*); 10) Lucia Peres (*Halima*); 11) Patrícia; 12) Karina Almeida; 13) Patrícia Castilho; 14) Raquel de Oliveira; 15) Rose Meyer Zanardini; 16) Dirce Lara; 17) Marta Mellem; 18) Ângela Abbas; 19) Gisela Carvalho; 20) Cristina de Oliveira (SOB O VÉU DO ISLÃ, 2012).

(GENNEP, 2012, p.58), que demarca simbolicamente o passado não-islâmico e o presente do revertido. É também uma forma de arabização, ou seja, identificação de pertença étnica e não apenas religiosa.

13% (*1 caso apenas*) adotaram o nome islâmico, pelo fato do “nome de batismo” possuir implicações negativas.

Segundo C.D.,

Aqueles nomes que denotavam incredulidade ou algo de muito ruim. Um exemplo: se tinha uma pessoa de nome *Abdul-Shamash*, *Abdul* – servo, *Shamash* – Sol, “servo do Sol”. Mas, um muçulmano não pode ser “servo do Sol”, o muçulmano tem que ser “servo de Deus”. Então o Profeta dizia, troca esse nome a partir de hoje, e dava uma alcunha [...]. Então *Abdul-shamash*, a partir de hoje vai ser *Abdul-Alliyy*, que quer dizer: “Servo do Mais Alto (Deus)”. (C.D. - ANEXO H)

Ramos também faz referência à mudança de nome no processo de reversão (*ele chama de conversão*), por causa da associação de “santo católico”,

O nome de um santo católico também foi causa de incômodo de outra convertida. Mônica. Batizada na igreja católica, sua família acrescentou ao nome da convertida, “Tadeu”, em homenagem ao santo de referência: São Judas Tadeu. Sua mãe afirma ainda hoje, segundo ela, que São Judas continua sendo o seu “padrinho”. Não acreditando mais nisso, a convertida tirou oficialmente o seu sobrenome com referências católicas (RAMOS, 2003, p.171).

Dos vinte e dois entrevistados, da amostra, apenas um nome de batismo tem ligação forte com o catolicismo: “Rita de Cássia” (*monja agostiniana que viveu no século XV*), contudo após a reversão Rita não adotou nome islâmico.

Tabela 11 - Como você se identifica em ambientes não islâmicos?

	Qtd.	%
Com meu nome de registro	4	50%
Com meu nome de registro e em seguida o meu nome islâmico	2	25%
Com meu nome islâmico e se perguntarem, o nome de registro	2	25%
Com meu nome islâmico	0	0%
Total	8	100%

Fonte: Amostra de 8/22 revertidos da Mesquita do Pari, que adotou nome islâmico.

Conforme Tabela 11, 50% dos entrevistados, que adotaram um nome islâmico, identificam-se “apenas” com o nome de batismo em ambientes não islâmicos.

Conforme Oliveira, a identidade social não se constrói a partir da identidade pessoal. O processo de identificação envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. A identidade social surge por oposição à identidade pessoal (OLIVEIRA, 1976, p.5). Outrossim, quando o revertido, que adotou nome islâmico, identifica-se em ambiente não islâmico com o seu “nome de batismo”, alivia-se as tensões socialmente estabelecidas para com a sua identidade pessoal.

Em ambientes não islâmicos as mulheres islâmicas levam vantagem na construção da identidade pessoal diante da social. O *hijab* marca de forma clara a pertença religiosa, não há necessidade da pronuncia do nome. Já, no caso masculino, como o uso de barbas é algo comum, o nome islâmico adotado pelo revertido é um tipo de reforço oralizado que tenta compensar à ausência da indumentária.

25% dos entrevistados, que adotaram um nome islâmico, identificam-se em ambientes não islâmicos com o nome de registro e logo após o islâmico. Primando assim pela pertença étnica.

E, apenas 25% identificam-se com o nome islâmico em ambiente não islâmico. Estes últimos representam uma minoria reduzida pelas tensões entre a identidade pessoal e social.

Tabela 12 - Como gosta de ser chamado?

	Qtd.	%
No ambiente islâmico pelo nome islâmico, e no ambiente não islâmico pelo nome de registro	3	38%
Apenas pelo meu nome de registro	0	0%
Apenas pelo meu nome islâmico	2	25%
Tanto faz, uso as duas formas permutadas	3	38%
Total	8	100%

Fonte: Amostra de 8/22 revertidos da Mesquita do Pari, que adotou nome islâmico.

Na Tabela 12, 38% dos entrevistados que adotaram nome islâmico, compreendendo o aspecto bidimensional da identidade, gostam de ser identificados de acordo com o grupo social que ocupam (*não islâmico e islâmico*). Forma de se evitar as tensões entre a identidade pessoal e social.

Outros 38% gostariam de ser identificados de forma permutada, ou seja, que fossem chamados pelos nomes islâmicos em ambientes não islâmicos e vice-versa. Uma vitória da identidade pessoal sobre a social. Algo quase impossível, em vista das tensões provocadas.

E 25% dos entrevistados que adotaram nome islâmico, gostariam de ser chamados apenas por este nome. Provavelmente concentra-se nesta fatia a minoria potencial para a adoção da mudança do nome em cartório.

Tabela 13 - Você mudaria o seu nome de registro pelo nome islâmico?

	Qtd	%
Sim	9	41%
Não	13	59%
Total	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Por fim, conforme Tabela 13, 41% de todos os entrevistados afirmaram que, se possível, mudariam o nome de registro em cartório. E, 59% não mudariam. É claro que esta pergunta trata-se apenas “da intenção” da mudança e não da sua efetivação. Entre a intenção e a ação pode existir um grande abismo a ser transposto.

Considerando-se os resultados majoritários do Plano Identitário da amostra: a) Tabela 9 – 64% não adotou nome islâmico; b) Tabela 10 – dos que adotaram nome islâmico, 88% o fez porque é comum no Islã; c) Tabela 11 – dos que adotaram nome islâmico, 50% se identificam em ambientes não islâmicos com o nome de batismo; d) Tabela 12 – dos que adotaram nome islâmico, 38% usa o nome islâmico em ambiente islâmico e o nome batismal em ambiente não islâmico, conclui-se que:

No Plano Identitário os revertidos não excluíram os seus nomes de batismo, nem os ressignificaram, e não «incorporaram»¹⁵⁷ o novo nome ao nome batismal.

4.3.1.2 No Plano Linguístico

Tabela 14 - Antes/depois da reversão quais idiomas você falava, lia ou escrevia?

Idioma	Antes da Reversão Qtd.	Depois da Reversão Qtd.
Alemão	1	1
Árabe	1	14
Espanhol	8	8
Francês	3	3
Inglês	15	17
Português	22	22

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

A Tabela 14 demonstra que 13 revertidos aprenderam a ler, ou escrever, ou falar a língua árabe durante/após a reversão. Trata-se de um percentual de 59% da amostra.

Lévi’Strauss apresenta a linguagem como fundação destinada a receber as estruturas mais complexas de uma cultura. Ela apresenta-se, de um ponto de vista teórico, como condição da cultura, na medida em que esta possui uma arquitetura similar à da linguagem (LÉVI’STRAUSS, 2003, p.86).

A pronúncia da *shahada*, a compreensão do chamado para a oração (*Adhan*), a classificação dos atos humanos em *halal* e *haram*, a nomeação dos objetos, lugares sagrados, tem-

¹⁵⁷ Contrastando os dados da amostra com os dados do documentário “Os manos de Alah”, verifica-se que neste a mudança do nome (*no gênero masculino*) é predominante. Ao passo que a amostra, composta de 86% do sexo feminino, apresenta resultado próprio do gênero: a não incorporação do nome islâmico/árabe. [Nota do Autor].

pos sagrados e nomes sagrados só podem ser compreendidos através da língua árabe, pois está foi a base para a sua estruturação.

Diferentemente do cristianismo, que por ocasião da Reforma Protestante do século XVI, derrubou o uso do Latim como condição fundamental para o conhecimento da bíblia; no Islã, o aprendizado da língua árabe é fundamental para tornar-se muçulmano. A arabização, no campo linguístico, é a porta de entrada para a experiência religiosa.

Tabela 15 - Língua mais importante (escala de 1 < 6).

	Qtd.	%
Alemão	20	15%
Árabe	20	15%
Espanhol	12	9%
Francês	12	9%
Inglês	24	18%
Português	44	34%
TOTAL	132	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

A Tabela 15 apresenta os resultados da língua considerada mais e menos importantes para a amostra, dando destaque para a língua portuguesa, com 34%, seguido da língua inglesa, 18%. A língua árabe, segundo entrevistados, fica com 15%, juntamente com a alemã.

É curioso que, embora 59% dos revertidos tenham aprendido a língua árabe, ainda consideram a língua inglesa a mais importante depois do seu idioma nativo. Considerando-se que a amostra, conforme dito alhures, está em busca de “capital cultural” a fim de melhor colocação no mercado de trabalho, a língua inglesa continua com primazia.

Conforme dados da Tabela 14 e Tabela 15 não percebemos, no plano linguístico, a exclusão ou ressignificação de capital simbólico, mas a «incorporação» do novo capital: a língua árabe.

4.3.1.3 No Plano Indumentário

Tabela 16 - Quanto ao uso de barbas e bigodes

	Qtd.	%
Usa	3	100%
Não usa	0	0%
TOTAL	3	100%

Fonte: Amostra de 3/22 revertidos da Mesquita do Pari, do gênero masculino.

Conforme Tabela 16, 100% dos homens entrevistados passaram a utilizar barbas e/ou bigodes depois da reversão como sinal característico. No universo de 03 indivíduos – 01 pas-

sou a usar barba esporadicamente depois da reversão; 1 passou a utilizar barba continuamente depois da reversão; e, 01 passou a usar bigodes esporadicamente depois da reversão.

Segundo os *hadiths*, existem dez práticas naturais que devem ser cumpridas pelos muçulmanos, sendo elas:

aparar o bigode, deixar a barba crescer, utilizar um palito para limpar os dentes, higienizar o nariz com água, cortar as unhas, lavar as reentrâncias e união dos dedos, tirar os pelos da axila e pubianos, utilizar água para lavar as partes íntimas [após urinar] (ZARABOZO, 2011, p.186).

O deixar a «barba crescer» e «aparar o bigode» é sinal característico da virilidade do muçulmano, pois conforme entrevista com E.C. (ANEXO F), “a barba é uma das obrigações do muçulmano. Se é homem tá lá com barba. Não importa, se é bigode, se é apenas um tracinho.”

Tabela 17 - Quanto ao uso do *hijab*.

	Qtd.	%
Usa	18	95%
Não usa	1	5%
TOTAL	19	100%

Fonte: Amostra de 19/22 revertidos da Mesquita do Pari, do gênero feminino.

Tabela 18 - Frequência do uso do *hijab*.

	Qtd.	%
Sempre usou	1	6%
Passou a usar esporadicamente	7	39%
Passou a usa continuamente	10	55%
TOTAL	18	100%

Fonte: Amostra de 18/22 revertidos da Mesquita do Pari, do gênero feminino que usa *hijab*.

A Tabela 17 retrata a utilização do *hijab*, sendo que 95% das revertidas utilizam o véu islâmico, contra apenas 01 caso, representando 5%.

É o caso de B.K.L., que em entrevista afirmou ainda não estar preparada para usar o *hijab*, mesmo depois de 6 meses de reversão:

Ainda não uso o *hijab* pois não me sinto preparada, afinal é algo pouco comum no nosso país. Um dia pretendo usar. Após minha reversão comecei a mudar meu jeito de vestir, mas tudo aos poucos, para que tudo o que fizer seja com a certeza e a garantia de não voltar para trás. Quanto ao mostrar minha identidade, as pessoas próximas de mim conhecem quem eu sou, não preciso mostrar pra ninguém isso, como um rótulo, tudo parte da sinceridade do coração com Deus. (B.K.L. - ANEXO G)

Segundo ela, o *hijab* não pode ser considerado como um rótulo, a fim de se estabelecer a identidade islâmica.

A Tabela 18, que apresenta a frequência da utilização do *hijab*, demonstra que 55% da revertidas que usam o véu, o fazem continuamente.

Pois, de acordo com o Islã, a utilização do *hijab* foi determinada por Allah e revelada ao Profeta nas seguintes palavras corânicas:

Ó Profeta, dize às tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos crentes que (quando saírem) se cubram com as suas mantas; isto é mais conveniente, para que se distingam das demais e não sejam molestadas; sabeis que Allah é Indulgente, Misericordiosíssimo (ALCORÃO 33.59).

Desta forma, o uso do *hijab* não é facultativo, mas constitui-se em ordenança islâmica. Ele estabelece as fronteiras simbólicas do visível e não visível no corpo feminino (*mulher muçulmana*); define a pertença religiosa; e acentua o caráter étnico.

Considerando-se, que no caso da reversão o uso do *hijab* está incluso na opção religiosa, diferentemente daquelas que nascem muçulmanas, as revertidas usam-no como sinal distintivo, fazendo constante apologia ao seu uso, uma espécie de “capa do *ethos* islâmico feminino”.

O documentário “Sob o Véu do Islã” aponta para o fenômeno. Destacamos nele a entrevista de “Rita de Cássia”, onde está afirma:

Não é só cobrir o cabelo, o *hijab* é toda a roupa, é a modéstia, é o modo da mulher falar, o modo da mulher agir, o modo da mulher se comportar, então a gente não pode colocar qualquer coisa de qualquer jeito, com qualquer cor. A gente tem que estar elegante e bonita, mas de acordo com as regras islâmicas, então pra mim, pra mim, o *hijab* é a minha identidade, ele é parte de mim, sem ele eu não vivo. Sem ele eu não posso ir para lugar nenhum. Eu já nem me vejo sem o *hijab* (SOB O VÉU DO ISLÃ, 2012, 46’15’’).

A dependência de Rita de Cassia ao *hijab* é semelhante a subordinação de universitárias javanesas ao *jilbab*¹⁵⁸. Pois, de acordo com Geertz (2001), estas últimas demonstraram uma espécie de “conversão ao *jilbab*”. Ele descreve o fenômeno afirmando que:

Brenner entrevistou vinte mulheres que tinham feito o que ela chamou de “conversão” ao *jilbab*. A maioria era de alunas universitárias ou recém-formadas, na casa dos vinte anos. Todas residiam nas grandes cidades centrais javanesas, Jogyakarta e Surakarta, onde a diversidade religiosa e até o sincretismo sempre foram particularmente acentuados. A maioria provinha da classe média ou da baixa classe média. Muitas haviam crescido em famílias de pouca observância religiosa. Todas eram atuantes em organizações e grupos religiosos ligados ao “ressurgimento islâmico” (GEERTZ, 2001, p.162).

No exemplo acima, o *jilbab* tornou-se o elemento visível do engajamento das javanesas no Islã, colocando-se em nítido contraste “com a blusa decotada e colante, o sarongue justo e o cabelo cuidadosamente penteado que a maioria das javanesas exhibe” (GEERTZ, 2001, p.161).

¹⁵⁸ Não se trata do *hijab*, mas de um echarpe e o manto comprido utilizado pelas mulheres ligadas ao “ressurgimento islâmico” (GEERTZ, 2001, p.235).

O *hijab* também constitui-se num elemento de contraste, pelas suas cores, combinações e beleza. Distingue o caráter étnico, socioeconômico e religioso. Ele, assim como a utilização da barba, constituem-se – para o revertido – num rito de agregação que justapõe-se ao rito de separação e purificação (GENNEP, 2012, p.31), adotado por quase toda a amostra.

Todavia, o *hijab* pode ter conotação bem diferente em outro contexto e para indivíduos que foram condicionados ao seu uso, conforme descreve Gehreke-White:

Rahima Mohammadulla não precisa mais usar a temida burca. Houve um tempo no Afeganistão, seu país de origem, quando ela teve de adotar a cobertura integral. Mas agora vive na América e é livre para escolher o que vestir. Adeus, burca. Adeus a todo tipo de cobertura. Não haverá mais lenço, véu, xador, burca ou qualquer outra coisa parecida. Hoje em dia, Rahima aparece em público com os brilhantes cabelos negros à vista de todos (GEHRKE-WHITE, p.140).

Os casos descritos acima (*Rita de Cássia e Rahima Mohammadulla*), demonstram que há um deslocamento na percepção da identidade a partir do referencial étnico. Pois, a construção identitária (*através da indumentária*) não é realizada apenas através da identidade pessoal, mas também da social e da interação que ambas possam exercer no contexto social.

Por fim, considerando-se a mudança de hábito dos revertidos na indumentária e uso de barbas, entende-se que neste quesito houve a «substituição» de bem simbólico. A ação facultativa e volitiva do cristianismo em relação ao uso das roupas e barbas masculina, é substituída pelo *habitus* islâmico.

4.3.1.4 No Plano Geográfico

Tabela 19 - Viagens desejadas - antes e após a reversão.

Cidade	Antes da Reversão		Depois da Reversão	
	Qtd.	Porc.	Qtd.	Porc.
Disney	1	2%	1	2%
Fortaleza	5	12%	1	2%
Gramado e Canela - RS	4	10%	2	4%
Jerusalém	6	14%	9	21%
Makkah	15	31%	20	46%
New York	3	8%	3	6%
Paris	10	23%	8	19%
TOTAL	44	100%	44	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Na experiência religiosa de um indivíduo (*conversão/reversão*): a percepção da realidade é alterada, os antigos paradigmas são enfraquecidos e uma nova cosmovisão passa a ser construída. No campo geográfico as fronteiras que definem os espaços são estabelecidas ou remarcadas.

A busca pelo espaço sagrado, distante e quase intocável, é o objetivo da peregrinação. Peregrinar é voltar no tempo e espaço, recapitular a história, inserir-se nela, reinterpretá-la com os sentidos.

As peregrinações, como ritos de separação, margem e agregação são comuns no cristianismo e islã.

Para as peregrinações católicas sabe-se que existe um certo número de regras de santificação prévia, que fazem o peregrino, antes da partida, sair do mundo profano e o agregam ao mundo sagrado, o que se exterioriza pelo uso de sinais especiais (amuletos, rosários, concha, etc.), e no comportamento do peregrino por tabus alimentares (abstinência) e outros (sexuais, santuários, ascetismo temporário). Entre os muçulmanos, o peregrino que fez voto de ir a Meca encontra-se em um estado especial, chamado *ihram*, desde que atravessa os limites do território sagrado (Meca e Medina). [...] Não é preciso dizer que na partida há ritos de separação, na chegada ao santuário ritos especiais de peregrinação, que compreendem, entre outros, ritos de agregação ao divino (tocar a Pedra Negra e talvez primitivamente o Lançamento das Pedras), e depois ritos de separação do santuário e ritos de retorno à vida social, geral e familiar (GENNEP, 2012, p.157).

A Tabela 19 apresenta as mudanças sofridas pelos revertidos na predileção do plano geográfico (*intenção de viagem*). Segundo os dados apresentados, 45% definiram Makkah e Jerusalém como roteiros prediletos de viagem, antes da experiência da reversão. Após a reversão este número subiu para 67%. Lembrando que Jerusalém, “é símbolo de inspiração para os muçulmanos, é o local por onde passaram e viveram muitos profetas e mensageiros de Allah, é o terceiro local Sagrado do Islam, foi também a primeira *Quibla* (direção das orações).” (SAIFI, 2012, p.21).

Fortaleza, capital cearense que tem investido no turismo religioso, com os Roteiros de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora da Saúde, perdeu quase que totalmente o interesse dos revertidos: o qual antes era da ordem de 12% e após a reversão chegou em 2% de intenção de viagem.

Este deslocamento está ligado a incorporação dos ensinamentos do 1.º e 5.º pilar do Islã: a *shahada* – onde testemunha-se que não há outra divindade além de Allah, considerando-se idolatria qualquer tipo de adoração/veneração de imagens; e a *hajj* – que estabelece como dever de todos os muçulmanos (*que possuam ou estejam em condições de exercê-la*) a peregrinação para a cidade de Makkah.

Por fim, no tocante as construções simbólicas no plano geográfico podemos apontar para duas realidades: a) houve a «ressignificação» dos valores espirituais agregados à cidade de Jerusalém – se antes da reversão ela atraía o cristão pela história do cristianismo, agora – depois da reversão – ela desperta o interesse pelos valores islâmicos; b) houve a «incorpora-

ção», pois a adoção de Makkah por 46% dos revertidos como intenção de viagem, não excluiu Jerusalém como roteiro de futura viagem.

4.3.1.5 No Plano Literário

Tabela 20 - O valor da bíblia - antes e após a reversão.

A bíblia era/é:	Antes da Reversão		Depois da Reversão	
	Qtd.	Porc.	Qtd.	Porc.
um livro como os outros	1	5%	2	9%
um livro divino e sem falhas	1	5%	1	5%
um livro ultrapassado	4	18%	0	0%
um livro divino que pode conter erros	16	72%	19	86%
TOTAL	22	100%	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Tabela 21 - O grau de importância entre a bíblia e o alcorão.

	Qtd	%
A bíblia é mais importante que o alcorão	1	5%
O alcorão é mais importante do que a bíblia	13	59%
O alcorão e a bíblia têm a mesma importância	8	36%
O alcorão e a bíblia não são tão importantes	0	0%
TOTAL	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

A Tabela 20 aponta para a valoração da bíblia antes e depois da reversão. 72% dos entrevistados acreditavam que, antes da reversão, a bíblia era um livro divino que poderia conter erros. Após a reversão este número subiu para 84% dos entrevistados. O destaque está no grupo de 18% que antes da reversão acreditava que a bíblia era um livro ultrapassado e depois deslocou-se na proporção de 14% no total daqueles que acreditam que a bíblia é um livro que pode conter erros.

Este deslocamento deve-se à produção de bens simbólicos pelos especialistas e o seu consumo pelos revertidos. Pois segundo os ensinamentos islâmicos,

na Bíblia se mesclam verdade e falsidade, e o critério para distinguir ambas não é outra coisa senão o Alcorão Sagrado e a Sunnah do profeta Muhammad. Em definitivo, quando a Bíblia está de acordo com o Alcorão e a Sunnah, será tida por certa. E ao contrário, quando não estiver de acordo, será tida por falsa. Se a Bíblia, por último, cita algo que nem o Alcorão e nem a Sunnah menciona, então não acreditamos e nem desacreditamos (CARABALLO, s/d, p.18).

Na Tabela 21 – o grau de importância entre a bíblia e o alcorão – 59% da amostra afirma que o alcorão é mais importante que a bíblia e, 36% afirma que a bíblia e o alcorão têm a mesma importância. Conforme entrevista de K.B.L. “o alcorão é um livro sagrado, assim como a bíblia. Foi revelado por Deus, no entanto não apresenta interferência e erro humano quanto às traduções e interpretações de seu conteúdo”. De forma consoante na entrevista com E.C.:

O Alcorão é um livro sagrado. É a luz e a misericórdia de Allah, de Deus pra nós muçulmanos (*e aqueles, não muçulmanos, desde que acreditem, passem a acreditar e a se tornar muçulmanos*). Esse é o significado maior do Alcorão. Então houve a misericórdia de Deus no decorrer de milhares de anos. Na época de Abraão, de Noé, enfim até os tempos de hoje. As páginas sagradas de Abraão, os salmos de Davi, o evangelho de Jesus Cristo. A Torah com Moisés (*que a paz de Deus esteja com ele*) e Jesus Cristo também. Deus, e o Alcorão, e o profeta Mohammed entra nos orientando: “cuidado com o inferno! Façam; pratiquem boas ações. Vai chegar um dia em que tudo isso vai acabar.” Então o alcorão pra mim é isso. Um livro sagrado, isento de alterações (E.C. - ANEXO F).

Percebe-se, nas entrevistas acima, que há relação de dependência entre o alcorão e a bíblia. As expressões “... sagrado, assim como a bíblia” e “As páginas sagradas de Abraão, os salmos de Davi, o evangelho de Jesus Cristo”, representam a dependência corânica. Que ora legitima a bíblia e ora apropria-se desta como objeto legitimador em outras questões.

Apesar da maioria da amostra entender que a bíblia contém erros, para esta, a bíblia continua sendo importante. O alcorão, conforme Caraballo, é uma espécie de filtro para distinguir a verdade e falsidade na bíblia (CARABALLO, s/d, p.7). As histórias de Adão, Abraão, Moisés e Jesus, avaliadas pela crivo corânico, constitui elementos fundamentais para a construção da história social islâmica. Portanto, ratificando, há profunda relação de negação e dependência da bíblia pelo alcorão.

Na economia de bens simbólicos excluir determinado elemento, pode constituir-se em minar as bases de um sistema. Negar a bíblia ou a existência de Abraão e Isaque, constitui-se para o Islã, em destruir a sua própria história (*gênese ontológica*). Nestes casos a ressignificação será sempre a melhor solução. A bíblia não é um bem simbólico excluído no sistema islâmico, mas «ressignificado» e orientado pelo alcorão.

Portanto, no plano literário há a «incorporação» de bem simbólico (*alcorão*), e «ressignificação» da bíblia.

4.3.1.6 No Plano Teológico

4.3.1.6.1 Doutrina da Trindade

Tabela 22 – Crença na doutrina trindade antes da reversão.

	Qtd.	%
Acreditava na doutrina na trindade	2	9%
Tinha dúvidas quanto a doutrina da trindade	17	77%
Era indiferente crer ou não na doutrina da trindade	3	14%
TOTAL	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari

Tabela 23 – Crença na doutrina da trindade depois da reversão

	Qtd.	%
Continua crendo na doutrina da trindade	0	0%
Crê em um Deus único	21	95%
É indiferente crer ou não na doutrina da trindade	1	5%
TOTAL	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari

Tabela 24 – Você não crê na doutrina da trindade porque:

	Qtd.	%
Leu vários livros	16	72%
Você é muçulmano	6	28%
TOTAL	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

A doutrina da trindade é um dos pilares do cristianismo (*católicos e protestantes*), excluindo-se uma ínfima minoria, os cristãos creem em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A doutrina foi construída e cristalizada a partir do concílio ecumênico de Nicéia (325 d.C.) até o concílio de Constantinopla III (681 d.C.), quando os principais fundamentos da doutrina foram assentados. A doutrina virou “dogma” e é parte constituinte dos ensinamentos cristãos.

Qualquer grupo cristão que não creia na doutrina da trindade é considerado “seita” pelos demais. De acordo com a Tabela 22 apenas 9% dos entrevistados criam na doutrina da trindade antes da reversão e 77% tinham dúvidas sobre a esta doutrina. Após a reversão, conforme Tabela 23, 95% da amostra passa a crer em um Deus único (Allah). Esta mudança de paradigma, conforme Tabela 24, deve-se porque 72% da amostra adquiriu capital cultural através de literatura produzida pelos especialistas, e 28% porque entende que é fundamental na identidade do muçulmano.

A unicidade de Allah é a espinha dorsal da teologia islâmica. É reafirmada através das inúmeras repetições (*orais, audíveis e visualizadas*) da expressão: “Ach hadu an la ilaha illa Allah”¹⁵⁹; na *shahada* (SAIFI, 2012, p.8); na *Adhan* (SAIFI, 2012, p.25); nas abluções (ABDALATI, 2008, p.82); e, na *salat* (ABDALATI, 2008, p.90); como ritos de passagem, margem ou agregação. E, a ideia da unicidade repete-se no alcorão mais de 117 vezes (ISBELLE, 2003, p.197).

Como a crença na unicidade de Allah é básica no Islã, a maior parte das suas publicações contém um capítulo tratando do assunto. Noutros casos, obras inteiras são destinadas a desconstrução da ideia cristã da trindade (UR-RAHIM, 1979; CAVE, 1996; CARABALLO, s/d). É o caso da obra de Caraballo, onde o anônimo prefaciante afirma:

¹⁵⁹ Testemunho de que não há outra divindade além de Allah.

Esta publicação, «A Doutrina da TRINDADE é realmente DIVINA?», deveria servir como alimento para o pensamento de todas as pessoas com um correto entendimento e os seguidores do Cristianismo Moderno. O conceito da Trindade tem confundido todas as denominações cristãs. Embora o Sr. M.A.C. Cave estabeleça evidências de que a Trindade é nada mais do que uma doutrina desenvolvida por homens e que está longe de ser revelada por Deus. Subsequentemente, esta doutrina feita sob encomenda perdeu a sua acutilância por causa das suas contradições internas e provou-se espinhosa para o lado da hierarquia cristã em geral e do clero em particular, que tentam sustentá-la. É inaceitável da parte de uma pessoa sensata que mantenha este dogma, apesar de todas as suas falhas. O homem, sendo racional, deveria ser mais crítico nas questões de aspecto espiritual que são vitais para a sua existência. Ele deveria vasculhar em outras escrituras religiosas disponíveis em busca de uma verdade convincente e não ser uma vítima da complacência e da fé cega como no passado. Tente refletir nos versos das Escrituras. Apelo ao leitor que examine este livro com uma mente imparcial e com um coração aberto para a verdade porque está é a única maneira que pode conduzir a uma decisão correta que pode moldar a vida neste mundo e no Outro (CAVE, 1996, p.8).

A desconstrução pode ser percebida nas frases: «O conceito da Trindade tem confundido todas as denominações cristãs.» e «É inaceitável da parte de uma pessoa sensata que mantenha este dogma, apesar de todas as suas falhas», onde as suas apreciações referenciadas «Trindade» e «Unicidade» são posicionadas de forma excludente.

Desta forma, podemos postular, que no Campo Teológico, não houve incorporação ou ressignificação de bem simbólico, mas a «exclusão» da ideia da trindade (*Pai, Filho e Espírito Santo*), e a construção da Unicidade de Allah.

4.3.1.6.2 Doutrina da Divindade

Tabela 25 – Crença em Jesus antes e depois da reversão

JESUS É:	Antes da Reversão		Depois da Reversão	
	Qtd.	Porc.	Qtd.	Porc.
Filho de Deus	13	59%	0	0%
Um homem exemplar	1	5%	0	0%
Profeta enviado por Deus	8	36%	22	100%
TOTAL	22	100%	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Tabela 26 – Quando houver divergência entre Jesus e Mohammed?

	Qtd	%
Tomo como verdade as palavras de Jesus	0	0%
Tomo como verdade as palavras de Mohammed	13	59%
Examino as posições diferentes e escolho a mais razoável	3	14%
Não existe divergências entre Jesus e Mohammed	6	27%
TOTAL	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Conforme Tabela 25, 59% da amostra cria, antes da reversão, que Jesus é filho de Deus; seguido de 36% que cria ser Jesus um profeta enviado por Deus. Após a reversão 100% da amostra crê que Jesus é um profeta enviado por Deus.

Como Jesus é figura central do cristianismo, o capital simbólico oferecido pelo Islã para transformar o filho de Deus em apenas um profeta é de grosso calibre. As obras citadas que trabalham a desconstrução do conceito de trindade (*no item anterior*), também trabalham a desconstrução da divindade. O processo não se dá através da negação, mas da ressignificação.

Maria, no Islã, continua sendo uma mulher de alta posição, eleita e agraciada por Deus (ABDUSALAM, 2012, p.2,10). Esta, sendo casta, foi informada que conceberia (ALCORÃO 19.20,21), através do Espírito (*Gabriel*) (ALCORÃO 66.12), mas preocupada com a sua reputação isolou-se e partiu para outra terra (ALCORÃO 19.22,23). “Ao contrário da crença cristã de que Maria era casada com José, o Islam mantém que ela não era noiva ou casada, e foi isso que causou a ela tal angústia” (ABDUSALAM, 2012, p.7).

Ao retornar para casa, Maria foi questionada por estar com o filho nos braços. “Então ela lhes indicou que interrogassem o menino. Disseram: Como falaremos a uma criança que ainda está no berço? Ele lhes disse: Sou servo de Allah, o Qual me concedeu o Livro e me designou como profeta” (ALCORÃO 19.29,30).

A partir deste ponto (*história de Maria*), em termos didáticos, inicia-se o processo da desconstrução/reconstrução da imagem de Jesus sob o viés profético. Fome, sede, sono, choro e dor são condições que exprimem a sua condição humana e profética.

Caraballo realiza a desconstrução do dogma da divindade de Cristo, afirmando que:

Todas estas palavras que a Bíblia põe na boca de Jesus nos mostram que, em sua relação com Deus não se considerava mais do que qualquer outro ser humano. Ele não era o Criador, mas sim criatura, nada diferente de Adão. Que outra conclusão podemos obter quando vemos rezar para Deus por exemplo, em Marcos 1:35, 14:35 e Lucas 5:16. Por acaso não é o profeta que reza para Deus ou Deus que reza para si mesmo? Jesus também louvou a Deus como fica evidente em Mateus 11:25: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra.” Concluímos, então, que este dogma da divindade não é apoiado pelas palavras de Jesus, como está escrito nos evangelhos. Como a doutrina da Trindade e da Encarnação, esse também surgiu após a partida de Jesus. Uma vez mais nos encontramos diante de uma concessão cristã ao paganismo (CARABALLO, s/d, p.48,49).

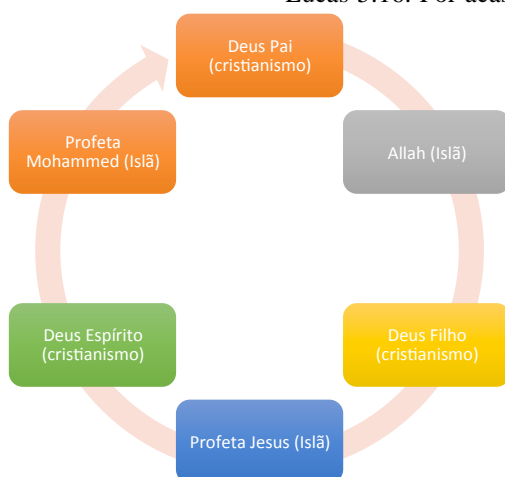


Figura 14 - Desconstrução islâmica da Trindade

Por fim, todos os conceitos interpretados pelos cristãos a respeito do “Paraclito”¹⁶⁰, como sendo a terceira pessoa da trindade, são ressignificados na pessoa do profeta Mohammed (ISBELLE, 2003,

¹⁶⁰ Termo grego que significa «consolo», «conforto», que, segundo a teologia cristã, está relacionado à pessoa do Espírito Santo – terceira pessoa da Trindade (BERKHOF, 1987, p.87,394,395).

p.164). Desta forma, a trindade é desmantelada (Figura 14). Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (*parakletos*), são ressignificados no Islã por Allah, o profeta Jesus e o Profeta Mohammed.

A tabela 26 aponta para a realidade da ressignificação. Em potencial divergência entre Jesus e Mohammed (*bíblia e alcorão*), 59% da amostra toma como verdade as palavras de Mohammed (*alcorão*), 14% se propõe a buscar a solução de forma racionalizada; e 27% acredita não existir esta divergência entre os “dois profetas”. Contudo, 0% tomaria as palavras de Jesus como “ponto final” da questão.

A «ressignificação» de Jesus (*de filho de Deus à profeta*), torna o consumo do novo capital cultural mais palatável, à medida que não se nega nem se rejeita, apenas se transforma.

É digno de nota pontuar que o cristianismo também ressignificou muitos conceitos do judaísmo, dando nova roupagem e novas interpretações.

4.3.1.7 No Plano Iconográfico

Tabela 27 – Utilização de cruz e crucifixos (adornos), antes e após a reversão.

	Antes da Reversão		Depois da Reversão	
	Qtd.	Porc.	Qtd.	Porc.
Sim	7	32%	0	0%
Não	15	68%	22	100%
TOTAL	22	100%	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari

Tabela 28 – A Lua e a Estrela para você são:

	Qtd.	%
Um satélite natural e um sol muito distantes	8	36%
Um ícone da minha bandeira de fé	8	36%
Símbolos que utilizo em pertences e adornos	2	9%
A posição geo. dos países árabes e sua principal cidade	4	18%
TOTAL	22	100%

Fonte: Amostra de 22 revertidos da Mesquita do Pari.

Na Tabela 27, 32% da amostra utilizava a cruz ou crucifixo como adornos antes da reversão, sendo que após a reversão esta prática foi abolida.

A Tabela 28 demonstra que a Lua e Estrela para os muçulmanos não tem o mesmo valor simbólico que a cruz para os cristãos. Pois 36% dos muçulmanos veem nestes símbolos islâmicos “um ícone da bandeira de fé”, outros 36% entendem os símbolos literalmente, 9% utiliza como adornos e 18% remete-os a posição geográfica dos países árabes.

No plano Iconográfico percebemos a «exclusão» de bem simbólico. A cruz não é ressignificada e a lua e estrela substituem-na.

4.3.2 Da Circulação de bens simbólicos

Apesar do dinamismo da circulação de bens simbólicos, através das perguntas elaboradas no questionário (ANEXO D) criou-se instrumental teórico para realizar a intersecção no espaço/tempo, na procura de, na forma imaginária, destacar dois momentos na história de vida do revertido: «antes» e «depois» da reversão. Listando, assim, um inventário de bens simbólicos em cada um destes momentos.

Comparando-os, percebe-se que o processo de reversão ao Islã não representa a exclusão total dos bens simbólicos outrora acumulados (*na cosmovisão cristã*). Mas há uma espécie de *bricolagem*¹⁶¹, onde a cosmovisão islâmica do revertido apropria-se de bens simbólicos utilizados pelo cristianismo, combinando-os – numa forma de reaproveitamento de material simbólico.

Este, não é fenómeno peculiar na reversão ao Islã, pois o cristianismo serviu-se de bens simbólicos do judaísmo e o protestantismo do catolicismo, e assim por diante, numa cadeia inumerável.

Tal como os átomos que compõe os nossos corpos estão agregados de forma temporária, os bens simbólicos não se cristalizam eternamente nas pessoas ou instituições. Por meio das tensões, novos bens são incorporados, outros ressignificados e alguns excluídos.

No ANEXO C estão condensados os resultados, da economia de bens simbólicos, obtidos através da aplicação do questionário e análise das respostas da amostra.

Encontramos, nos resultados, quatro possibilidades possíveis quanto a circulação dos bens simbólicos, sendo elas: «a incorporação»; «a substituição»; «a ressignificação»; e «a exclusão».

Outra possibilidade não listada é a «não circulação de bens simbólicos», quando não há «incorporação» e nem a «substituição».

De forma empírica, concluímos que as possibilidades de circulação podem não operar de forma estanque, mas podem estar associadas.

A Figura 15 representa as categorias dos resultados da circulação de bens simbólicos encontrados neste estudo:

- «**Incorporação**»¹⁶² – quando um bem simbólico é agrupado a outro de categoria equivalente, ambos passam a ser utilizados;

¹⁶¹ Expressão levistrossiana.

¹⁶² Não é objetivo desta pesquisa mensurar o grau da incorporação de cada «bem simbólico» listado. Pois, para tal mister seria necessário a expansão das perguntas de cada categoria no questionário (ANEXO D). Quando a maioria dos entrevistados assume, nas respostas ao questionário, a prática de um novo *habitus*, sem a exclusão ou ressignificação do anterior (*habitus* cristão), tomamos como plausível a categoria da «incorporação».

- «**Substituição com resignificação**» – quando um bem simbólico substitui outro de categoria equivalente, mas não o exclui, esvaziando-lhe de seus elementos fundamentais e conferindo-lhe outras propriedades; e,
- «**Substituição com exclusão**» – quando o novo bem simbólico possui características diametralmente opostas aos da categoria equivalente, excluindo-lhe para o equilíbrio do sistema.

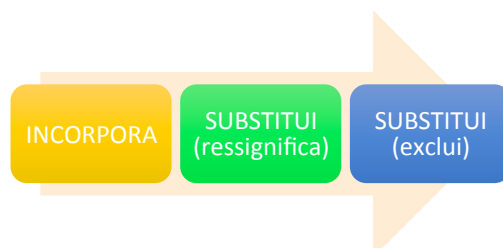


Figura 15 - Movimentação de bens simbólicos

A fim de compreender melhor a circulação dos bens simbólicos passaremos a elencar os resultados nas categorias propostas.

4.3.2.1 *Incorporação de Capital Simbólico*

O aprendizado da língua é o fundamento básico da construção da identidade do revertido. Ele está ligado a tessitura primária dos aspectos cognitivos da formação do ser humano à vida social. E, uma vez que a língua é condição fundamental¹⁶³ para a compreensão da cultura, e que, no Islã se fundem valores religiosos e culturais; para o revertido o estudo da língua árabe é a porta de entrada que dá acesso às experiências mais profundas.

Conforme resultados do processo de reversão (ANEXO C) houve a incorporação da língua árabe como capital simbólico. E, embora não se tenha definido o grau desta incorporação; considerando-se que para o exercício consciente dos rituais islâmicos há necessidade de conhecimento básico da língua, concluímos que: ao menos, um conhecimento mínimo tenha sido incorporado.

Concebendo-se também que, como dito alhures, todo conjunto de rituais islâmicos são oralizados em língua árabe, é presumível que à medida que o revertido inicia a sua incursão islâmica aos ambientes mais profundos faz-se mister maior estudo desta língua.

A incorporação da língua presume também a utilização da língua portuguesa quando necessário, em ambientes islâmicos.

Na Mesquita do Pari, as aulas de teologia são veiculadas em língua portuguesa. Mas, alguns termos específicos da simbologia islâmica são colocados na língua árabe. As orações, alguns termos e o momento da shahada (testemunho), alguns termos em árabe são incorporados à língua portuguesa numa espécie de aportuguesamento.

¹⁶³ “Pode-se, inicialmente, tratar a linguagem como um produto da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral da população. Mas, num outro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; constitui um dos seus elementos, dentre outros.” (LÉVISTRAUSS, 2003, p.86).

4.3.2.2 *Substituição de Capital Simbólico com Exclusão*

Nos planos indumentário, teológico e iconográfico houve a exclusão do capital simbólico cristão. Nas palavras de Bourdieu, trata-se de conflitos simbólicos da vida cotidiana, que são realizados, quer por procuração, ou por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica, transformando-se em espécie de iconoclastia simbólica (BOURDIEU, 1989, p.11,12,48). Lembrando que a violência simbólica pode ser ignorada ou reconhecida, manifestando-se em poder simbólico capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia, domesticando os sujeitos sociais por eles operados.

As calças *jeans*, símbolo de nivelamento de classe e liberdade, universalmente populares no Ocidente, que conferem ao utilizador uma aura de sexualidade (AHMED, 1992, p.227,228), deram espaço (*no gênero feminino*) para o *hijab* com calças largas, acompanhadas de vestidos ao joelho ou *niqabs*.

O conceito de trindade, adotado pelos cristãos a partir da palavra *trinitas*, nos escritos de Tertuliano (TILLICH, 2004, p.61), é excluído e substituído pela unicidade de Allah – único Deus, Clemente e Misericordioso. Segundo o Islã, a elevação de Jesus como filho de Deus e do Espírito Santo, como terceira pessoa da trindade é uma forma de idolatria, que deve ser combatida através da constante produção do real conceito da unicidade de Allah.

E a cruz e o crucifixo, objetos comuns de adorno entre os cristãos, como forma universal de comunicação visual (*lápides, cemitérios, certidões, repartições públicas e etc.*), são excluídos dando lugar para a lua e a estrela. Pois, a cruz aponta para a crucificação de Cristo, e:

o Islam rejeita a doutrina da crucificação de Jesus pelos inimigos de Deus. Esta rejeição baseia-se na autoridade do próprio Deus tal como revelada no Alcorão, numa rejeição mais profunda do sacrifício do sangue e da expiação dos pecados alheios. O Islam ensina que o Primeiro Pecado de Adão foi perdoado depois dele próprio o ter expiado; que cada pecador, se não for perdoado por Deus, será responsável pelos próprios pecados; e que ninguém pode expiar os pecados alheios. Isso não deixa lugar ao apoio da doutrina do Sacrifício do Sangue ou da expiação em nome de outra pessoa (ABDALATI, 2008, p.109).

4.3.2.3 *Substituição de Capital Simbólico com Ressignificação*

A circulação de bens simbólicos entre campos diferentes consiste num “conjunto de operações que tendem a assegurar a promoção ontológica e a transubstanciação do produto” (BOURDIEU, 2006, p.168).

Pois, considerando-se a universalidade de determinados bens simbólicos, a energia social acumulada em função da sua fonte criadora, o poder carismático gerado pelo campo que o

produz e o custo da sua fabricação (*custo social*). Estes bens são altamente palatáveis para o consumo de outros sistemas, mas certamente serão redefinidos para a sua adequação nestes.

De acordo com (ANEXO C), no plano geográfico, literário e profético houve a substituição de capital simbólico com a ressignificação do anterior. Para o revertido a partir do cristianismo, Jerusalém – cidade sagrada dos cristãos, não perde a sua sacralidade, mas é redefinida. Os sujeitos sociais que tornaram-na proeminente - Jesus, Davi, Salomão, perdem o foco para Abraão, Ismael e Mohammed. Jerusalém continua sagrada, mas por motivos islâmicos, e Makkah a precede em importância. A bíblia sagrada, perde a sua áurea, tornando-se um livro histórico, com erros que são detectados pelo alcorão. E, Jesus, o filho de Deus, torna-se humano, pecador, com falhas e prepara o caminho para Mohammed.

Deve-se pontuar que o processo de ressignificação de um bem simbólico demanda grandes gastos de energia, exigindo maior dedicação de seus especialistas nesta reconstrução. Pode-se tomar, como exemplo, os folhetins produzidos pela Editora Makkah na divulgação do Islã; de dez, quatro são destinados à ressignificação de bens simbólicos, os boletins número: 2 – Alcorão Sagrado; 4 – O conceito de Deus no Islã; 7 – O que é um profeta no Islam; e 8 – Maria no Islam, trabalham, respectivamente: a ressignificação da bíblia (*livro com erros*); a ressignificação do Deus Trino pelo Deus uno; e, a ressignificação de Jesus filho de Deus por Jesus profeta de Deus.

Isabelle (*especialista*) desconstrói a ideia de Jesus como filho de Deus utilizando-se de textos bíblicos, afirmando que Jesus é um deus: que tem sexo (*Lucas 2.21*); que teria sido amamentado (*Lucas 11.27*); que seria originário de um país (*Mateus 2.1*); que teria se desenvolvido (*Lucas 2.52*); que come e bebe (*Mateus 11.9*), que sente fome (*Mateus 4.2; 21.18; 11.12*); que sente sede (*João 19.28*); que dorme (*Mateus 8.24*); que se cansa (*João 4.6*); que chora (*João 11.35*); que tem uma profissão (*Marcos 6.3*); que utiliza meio de transporte (*Mateus 21.5*); que não tem poder (*Mateus 21.5*); e etc (ISBELLE, 2003, p.40-56).

E, ao mesmo tempo que este bem simbólico é desconstruído, Ur-rahim o reconstrói sob uma nova ótica. Afirmando que

[...] o Alcorão é muito específico no que diz respeito às intenções de Jesus, à maneira como apareceu na terra, quem foi e quem não foi, e como acabou sua missão. Aliás, antes de olharmos para a vida de Jesus, seria proveitoso examinar qual era a sua missão na terra e como se encaixa na matriz do que veio antes dele e no que viria depois dele: é dito uma e outra vez que Jesus pertencia à longa linhagem de Profetas que tinham sido enviados aos povos desta terra; que ele era um Mensageiro (*sic*) cuja doutrina e ensinamentos constituíam uma reafirmação e um aprofundamento dos mandamentos que os Profetas anteriores tinham trazido, e uma preparação para a mensagem que o Profeta a seguir a ele traria (UR-RAHIM, 1979, p.205).

E ainda,

Faz parte da crença do Islam acreditar e respeitar Jesus (a paz esteja sobre ele), o mensageiro e profeta enviado por Allah. O Alcorão esclarece que ele (a paz esteja sobre ele) nunca reivindicou a divindade para si mesmo os muçulmanos também aguardam a sua segunda vinda na terra. E é considerado um dos grandes mensageiros de Allah, o muçulmano nunca se refere a ele simplesmente como “Jesus”, mas sempre acrescenta a frase “a paz esteja sobre ele”, em respeito à sua pessoa (SAIFI, 2012, p.15).

Este processo de desconstrução e reconstrução de bens simbólicos opera como o metal que é submetido às altas temperaturas e logo após é resfriado em água ou óleo, constituindo assim uma espécie de tempera que transforma as propriedades moldáveis do sistema anterior em propriedades dúcteis para o novo sistema.

4.3.3 Bens Simbólicos: Islâmicos e/ou Árabes?

Na última década, pesquisadores têm se deparado com algumas tensões surgidas entre os revertidos (*não árabes*) e os muçulmanos ben-árabes no Brasil (CASTRO, 2007; FERREIRA, 2009a). E, embora o Islã se veja como “religião universal”, isto é, praticável em qualquer tempo, espaço e cultura (PHILIPS, 2007, p.7); as tensões entre os muçulmanos revertidos e ben-árabes demonstram que a “prática islâmica” tende a sofrer mutações com seus novos “atores sociais”.

Estes conflitos são percebidos não somente nos espaços físicos, mas também nos espaços virtuais. Há, no *facebook* (rede social), uma comunidade (*grupo fechado*) com o nome: “Muçulmanos Revertidos”, que foi criada para tratar destes conflitos. Na sua página de entrada há o seguinte texto para a identificação do grupo:

Muçulmanos Revertidos:
 Eu sei, eu sei... somos muito discriminados nas Mesquitas...
 Ao invés de ficarem se rastejando pelos homens árabes para conseguir uma "vagui-
 nha", que tal se valorizar e mostrar de quem é o país?
 Esse grupo É NOSSO ... aqui só dá a gente galera!
 Chega de ser rejeitado na Mesquita...
 Vamos nos unir e estudar juntos, pois Muçulmano é quem segue o ISLAM, e não os
 passos do povo árabe!
 Ser árabe não é sinônimo de ser bom muçulmano, e se fosse, ninguém tem o direito
 de nos mal tratar por sermos revertidos, pelo contrário...
 Se você é revertido, mas é árabe não sabe o que passamos é muito bem-vindo pra
 nos dar uma forcinha... =D
 salaam alaikom ♥¹⁶⁴

Segundo Ferreira, “a postura dos revertidos brasileiros em geral, sem ascendência árabe, é a de negar o árabe e tudo o que procede dessa cultura.” (FERREIRA, 2009a, p.17). Nestes dilemas identitários há, por parte de um grupo¹⁶⁵, a tentativa de uma espécie de “desarabização” da religião.

¹⁶⁴ <https://www.facebook.com/groups/278210762294815/?fref=ts> - data de acesso em 15/06/2013.

¹⁶⁵ Ferreira faz menção à comunidade Islâmica do Rio de Janeiro (FERREIRA, 2009a, p.4).

Como esta pesquisa está enviesada pela análise de bens simbólicos; e estes, apesar de estarem no plano abstrato, têm muito a dizer dos elementos sociais concretos; propusemo-nos à adoção de instrumento para a separação deste bens, nas categorias de bens simbólicos: árabes e islâmicos.

É digno de nota pontuar que esta classificação é apenas teórica, pois há profunda fusão do Islã na cultura árabe, e podemos entender «a religião como sistema cultural», como descreveu Geertz (2008, p.65-92).

Todavia, com a finalidade de executar tal tarefa, considerando-se que o Islã tem como base o alcorão, tomaremos este como eixo articulador daquilo que é construído como religião islâmica. Entendendo que os preceitos exigidos por ele devem ser considerados como elementos da religião.

4.3.3.1 Plano Identitário

Os três revertidos entrevistados (*nesta pesquisa*) foram unânimes em afirmar que não há necessidade da troca do nome após a reversão: “Não troquei, não é uma coisa obrigatória”, C.D. (ANEXO H); “Não é obrigatório a mudança do nome, ela é opcional”, E.C. (ANEXO F); “Não troquei meu nome, não há nada que me obrigue a isso, [...]”, B.K.L.(ANEXO G).

Estas afirmações refletem a inexistência no alcorão, *sunnahs* e *hadiths* da obrigatoriedade da adoção de nome islâmico. Como dito alhures, somente em caso de nome batismal com a conotação negativa.

Desta forma, compreende-se que a adoção de nome islâmico por parte do revertido, trata-se de forma de arabização e não de prática islâmica. Prova disso são os resultados da pesquisa onde não houve a incorporação da língua árabe no plano linguístico. Pois, apenas 36% da amostra, conforme Tabela 9, adotou esta forma de arabização, identificando-se através de um nome árabe, com vocalização e significado específico nesta língua.

4.3.3.2 Plano Linguístico

No Islã a religião e a cultura estão fundidas de tal forma que se faz mister o conhecimento da língua árabe para o exercício consciente¹⁶⁶ da prática islâmica. Diferentemente do cristianismo hodierno, em que o fiel, para praticá-lo, não precisa conhecer as línguas grega, hebraica, aramaica (*ou latim*). No Islã o conhecimento do árabe é indispensável, pois o próprio alcorão legitima sua autoridade na língua árabe:

¹⁶⁶ Utilizei a expressão “exercício consciente”, pois é possível decorar frases e orações em árabe sem o conhecimento de uma só palavra, apenas pelo ditado sonoro. No passado muitos fiéis católicos rezavam a missa em latim sem o conhecimento da língua, apenas por memorização silábica. [Nota do Autor].

Deste modo to temos revelado, para que seja um código de autoridade, em língua árabe. E se te renderes às suas ganâncias, depois de teres recebido a ciência, não terás protetor, nem defensor, em Allah (ALCORÃO 13.37).

Afirmando ser o árabe forma elucidativa de apresentar o conteúdo corânico:

Bem sabemos que dizem: Foi um ser humano que lho ensina (o Alcorão a Mohamad). Porém, o idioma daquele a quem aludem tê-lo ensinado é o não árabe, enquanto que a deste (Alcorão) é a elucidativa língua árabe (ALCORÃO 16.103).

Em elucidativa língua árabe (ALCORÃO 26.195).

E, como opção de conhecimento da revelação divina ao povo árabe:

E se houvéssemos revelado um Alcorão em língua persa, teriam dito: Por que não nos foram detalhados os versículos? Como! Um (livro) persa e um (Mensageiro) árabe? Diz-lhes: Para os crentes, é orientação e bálsamo; porém, para aqueles que não creem e estão surdos, é incompreensível, como se fossem chamados (para algo) de um lugar longínquo (ALCORÃO 41.44).

Em verdade, temos-te facilitado (o Alcorão) em tua língua, para que meditem (ALCORÃO 44.58).

Porém, antes deste, já existia o Livro de Moisés, o qual era guia e misericórdia. E este (Alcorão) é um Livro que o corrobora, em língua árabe, para admoestar os injustos, e é boas-novas para os benfeitores (ALCORÃO 46.12).

Segundo Isabelle, as traduções do alcorão, “por mais perfeitas e precisas que possam parecer, não são chamadas de Alcorão e sim de explicações dos significados do Alcorão” (ISBELLE, 2003, p.115). Por isso, “homens, mulheres, velhos, crianças, árabes e não-árabes (mesmo sem saber nada da língua árabe), todos memorizando este Livro e recitando os seus versículos nas suas casas e mesquitas (*sic*)” (ISBELLE, 2003, p.116).

Como observado, o uso da língua árabe é algo requerido pelo alcorão e especialistas islâmicos como condição básica para compreendê-lo melhor; e ainda que não se saiba esta língua, a oralização deste (*memorização dos fonemas*) deve fazer parte da experiência do não-árabe não falante.

Desta forma, o aprendizado da língua árabe e a constante utilização desta em seus ritos religiosos estão de acordo com os preceitos da religião islâmica, visto que são exigências do alcorão. Portanto, não se trata de arabismo, mas de preceito corânico.

4.3.3.3 Plano Indumentário

Segundo o alcorão, as mulheres, ao saírem de suas casas, devem estar cobertas com mantas a fim de não serem molestadas (ALCORÃO 33.59) e/ou com seus colos cobertos com véus.

Dize às crentes que recatem os seus olhares e conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulhe-

res suas servas, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para não chamarem a atenção sobre seus atrativos ocultos. Ó crentes, voltai-vos todos, arrependidos, a Allah, a fim de que vos salveis! (ALCORÃO 24.31).

Sendo assim, o uso do *hijab* (véu) é preceito corânico imposto às mulheres. O *niqab* e a burca são construções fundamentalistas no indumentário feminino, não possuindo vínculo estreito com a cultura árabe.

Lembramos que, conforme a Tabela 17, 95% das mulheres usam o *hijab*, cumprindo os preceitos do alcorão.

Com relação aos revertidos (*sexo masculino*), há uma forma de arabização na utilização da *Taqiyah* (Chapéu), *Kufiya* (Lenços Árabes) e mantos.

Parece haver propensão dos revertidos adotarem “roupas árabes”, a fim de estabelecerem certa harmonia com as suas mulheres no uso do *hijab*. Desta forma os revertidos estariam adotando a cultura árabe no quesito da indumentária, e as mulheres atendendo as prescrições do alcorão.

4.3.3.4 Plano Geográfico

Como tratado em tópicos anteriores, a peregrinação à Makkah é um mandamento do Alcorão (3.96,97), e deve ser cumprida por todo muçulmano que possuir condições físicas, mentais e financeiras para tal.

A peregrinação constitui-se numa espécie de «cultura nacional», onde no imaginário, o revertido torna-se cidadão daquela região.

De acordo com Hall, três elementos são ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional: a) as memórias do passado; b) o desejo por viver em conjunto, e; c) a perpetuação da herança (HALL, 2009, p.58).

Estes elementos encontram-se na *hajj*, respectivamente: a) na “visita ao túmulo do profeta em Madina”¹⁶⁷ e “sacrifício em homenagem ao profeta Abraão” (*Ide*); b) no congratamento dos muçulmanos de toda parte do mundo, segundo o Islã, demonstrando a integral universalidade, fraternidade e igualdade dos muçulmanos (ABDALATI, 2008, p.132); c) na certeza de que “não há recompensa para uma Hajj sem pecados a não ser o Paraíso” (ALVORADA, 2012, p.3).

¹⁶⁷ “A visita ao túmulo do Profeta Muhammad em Madina (outra cidade da Arábia Saudita) não é uma obrigação essencial para que a “Hajj” seja válida e completa. No entanto, é sempre aconselhável e recomendado com insistência que quem conseguir ir a Madina, visite o túmulo do Profeta Muhammad.” (ABDALATI, 2008, p.133).

Sendo assim, no plano geográfico, há a construção identitária, por parte do revertido, de Makkah como cidade ideal, cercando-se de elementos (*bens simbólicos*), para o exercício da “cultura nacional”.

Contudo, a viagem à Makkah, em si, não se trata de arabismo ou arabização, mas cumprimento da prescrição corânica.

4.3.3.5 *Plano Literário e Teológico*

A doutrina da unicidade e a adoção de Jesus (*como profeta*) são bens simbólicos islâmicos, não estão vinculados à cultura árabe, mas à lei islâmica e o seu cumprimento.

Contudo, o alcorão (*instrumento que estamos utilizando como bisturi para separar religião de cultura*) é um substrato da cultura árabe por ser escrito: em língua árabe; nas cidades de Makkah e Madina (árabes); e, por um árabe – Mohammad.

Esta última consideração constitui-se em um «nó» na compreensão do que seria cultura e/ou religião. Se, sob o viés antropológico, tomarmos o alcorão como uma expressão da cultura árabe, então, todo o Islã é um arabismo. Se, sob o viés teológico, tomarmos o alcorão como a sistematização do Islã (*como foi tomado neste último item*), então podemos separar teoricamente bens simbólicos islâmicos e árabes.

4.3.3.6 *Plano Iconográfico*

A lua e a estrela, símbolos do Islã, não possuem qualquer respaldo corânico, todavia – como símbolos – apontam para a religião islâmica. Apontam para a cosmovisão islâmica quando insertos nas bandeiras de países árabes. Estão mais ligados à religião do que à cultura árabe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que no Brasil existe pequena, porém bem estruturada cadeia na produção, divulgação e circulação de bens simbólicos islâmicos;

Que nos resultados da pesquisa (*a circulação de bens simbólicos em 22 cristãos revertidos ao Islã*), houve a incorporação, exclusão, substituição e ressignificação de capital simbólico (*cristão e islâmico*);

Que na classificação de bens simbólicos islâmicos ou da cultura árabe, tomou-se como bem simbólico com “propriedades de arabização” apenas a “adoção do nome islâmico”;

E, que, em última análise, o próprio alcorão é fruto da cultura árabe, concluímos:

Que um grupo de especialistas eruditos, objetivando o crescimento do Islã no Brasil, têm investido em sua divulgação, com diversa gama de material (*bens simbólicos islâmicos*), em língua portuguesa, gratuito e à disposição em local de trânsito dos potenciais revertidos. Oferecendo-lhes, curso de árabe (*também gratuito*) e suporte para a incorporação do *ethos* islâmico.

Ser contraditória a ideia da “desarabização” do Islã – tensão estabelecida pelos revertidos e árabes/ben-árabes islâmicos apontada por Ferreira (2009a). Pois, como seria possível a exclusão dos “elementos arabizados do Islã” sem comprometer a integridade do alcorão? Se o próprio alcorão é produto da cultura árabe, como desarabizá-lo? Pois, retirar os elementos da cultura árabe, constituiria numa mutilação dos preceitos islâmicos.

Que os revertidos a partir do cristianismo estão submetidos em processo de *enculturação*, pois demonstram – no consumo de bens simbólicos – não terem adotado integralmente (*100% da amostra*) as práticas islâmicas (*no uso contínuo do hijab, de barba/bigodes, na*

adoção do conceito da superioridade corânica e etc). Consequência das tensões estabelecidas entre a identidade pessoal/étnica e a religiosa, como a vivenciada aos finais de ano por E.C.:

A minha família é cristã (*ainda*). E no Natal, por exemplo, minha mãe quer ver todos aqui. O Islã é uma religião que respeita as outras. Inclusive uma das esposas do profeta Mohammed (*que a paz esteja com ele*), era judia. Então o viver em harmonia é fundamental, nós acreditamos nisso. Por quê? Nós acreditamos que só Deus encaminha ou desencaminha a pessoa. Então não sou eu. Quanto a data de natal eu procuro estar com a minha mãe, mas não pelo significado do natal, nascimento de Jesus Cristo, isso pra mim já é passado. Mas, por respeitar a opinião e a decisão da minha mãe de querer estar com a família naquele momento (E.C. - ANEXO F).

Que, os revertidos, não podendo negar a sua identidade étnica/cultural, contribuem para o «abrasileiramento do Islã»¹⁶⁸, através da sua etnia (*indígena/negra/europeia*); uso da língua portuguesa¹⁶⁹, e das manifestações artísticas (*exemplo do hip-hop incorporado à religião*). Nesta última, Lucena descreve que se interessou pelo Islã ao ler uma matéria na “Revista Época” que tratava do Islã e hip-hop:

Um dia, quando fui ao dentista, na sala de espera abri a “Revista Época” numa matéria falando como os jovens da periferia, curtidores de *hip-hop* estavam abraçando o Islã. Pensei, “isto aqui dá um documentário.” Então sai à consulta esta informação na mente. Logo, li a matéria, baixei na internet, li bastante, comecei a pesquisar. Então decidi fazer, de forma independente, os primeiros contatos. No início eu fui recebido com receio por parte dos muçulmanos, mas depois das primeiras entrevistas (*um vai indicando para outro*), consegui fazer um panorama breve de como realmente estes grupos de jovens (*principalmente grupo de gente negra ligado as posses de hip hop*), começaram a se envolver com islamismo (Lucena - ANEXO I).

Que as tensões são bilaterais, à medida que, outros grupos islâmicos mais conservadores, com receio da *assimilação*¹⁷⁰ e *aculturação*¹⁷¹ (fenômenos descritos por Willems), restringem seus espaços aos revertidos:

Eu sei, eu sei... somos muito discriminados nas Mesquitas... Ao invés de ficarem se rastejando pelos homens árabes para conseguir uma "vaguinha", que tal se valorizar

¹⁶⁸ O fato de a Mesquita do Pari não possuir na sua estrutura arquitetônica as linhas e estilos árabes, com minaretes islâmicos, pode constituir-se num indício deste abrasileiramento [Nota do Autor].

¹⁶⁹ Um grupo de comunidade muçulmana de São Paulo decidiu que seria uma boa ideia formar sheiks brasileiros em universidades islâmicas. O conhecimento da língua e cultura brasileira permitiria a aproximação e comunicação mais eficaz com as novas gerações. Este grupo se organizou solicitando ajuda ao Centro Islâmico e agências internacionais. Como resultado desta iniciativa, em 1980, alguns estudantes brasileiros, ben-árabes, ganharam bolsas para estudar na Arábia Saudita em uma universidade islâmica. Do grupo, apenas dois se formaram e se tornaram os primeiros *sheikhs* brasileiros (OLIVEIRA, 2006, p.7).

¹⁷⁰ Conforme Willems, a assimilação é de caráter subjetivo, transforma a personalidade do grupo, ou seja, “os reajustamentos da personalidade que ocorrem em virtude das expectativas de comportamento diferentes. Atitudes novas em combinação com valores novos são índices de reajustamentos consumados e fases do processo de assimilação.” (WILLEMS, 1946, p.17).

¹⁷¹ De forma complementar, para Willems, a aculturação representa o aspecto objetivo que afeta os valores culturais, uma vez que no: processo de assimilação, o conceito de mudança cultural já está implicitamente contido, pois a substituição de atitudes-valores denota que certos elementos da cultura originária perdem o significado deixando de ser valores. A perda do significado envolve, pouco a pouco, o esquecimento do elemento que desaparece do horizonte cultural da pessoa que o substituiu. Desta maneira, línguas, ideias, conhecimentos e costumes são esquecidos e deixam de fazer parte do patrimônio cultural de um dado grupo social. Quem assimila, perde e adquire cultura” (WILLEMS, 1946, p.36).

e mostrar de quem é o país? Esse grupo É NOSSO ... aqui só dá a gente galera! Chega de ser rejeitado na Mesquita...¹⁷²

Desta forma, forjado pela identidade cultural brasileira, pela influência do cristianismo, pelo imaginário da cultura árabe, pelos especialistas eruditos islâmicos, vai se redefinindo o Islã no Brasil, “uma vez que uma construção cultural é a soma total dos modos dos vários padrões que compõem uma cultura real, e que o modo de cada padrão está estreitamente relacionado com o tipo de experiência que os indivíduos obtêm de seus contatos com ele.” (LINTON, 1973, p.59).

Faz-se mister pontuar, que toda a gama de categorias que foram incorporadas, excluídas e ressignificadas da amostra, constituem-se em novo *habitus* adquirido. *Habitus*

concebido como sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções do agir cotidiano (SETTON, 2002, p.63).

Portanto, por mais que o revertido procure incorporar o *ethos* islâmico, sua trajetória de vida lhe conferirá valores próprios, não experimentados por um muçulmano árabe ou ben-árabe. “Desta maneira, mesmo que existam discursos de «igualdade» entre os muçulmanos estabelecidos no Brasil, é na «diferença» que os convertidos [revertidos] têm se destacado.” (MARQUES, 2010, p.132).

O interesse feminino majoritário constitui-se numa destas diferenças que vem solucionar o problema dos ben-árabes solteiros. Contudo, na mesma proporção, traz em seu bojo a intolerância, conforme descrição de Ferreira: “Essas brasileiras estão fantasiadas de muçulmanas”, não passam de interesseiras em busca de marido. (FERREIRA, 2007, p.125).

Estas diferenças conferem características próprias ao grupo, o qual, por sua vez torna-se e/ou tornar-se-á produtor de bens simbólicos construindo, de forma natural, pontes mais eficazes para transpor o abismo cultural entre o Islã árabe e o Islã brasileiro.

As possibilidades do crescimento do Islã no Brasil estão intimamente ligadas às diferenças dos revertidos. Elas tendem a conferir ao Islã nova dinâmica, eficaz, em torno de uma mudança que poderá render-lhe mais adeptos.

Este fenômeno, ocorrido em alguns países da Europa, vem traçando os seus contornos na realidade brasileira de forma tímida, mas paulatina. E poderá despertar maior interesse dos pesquisadores a partir dos resultados do próximo censo (2020).

¹⁷² <https://www.facebook.com/groups/278210762294815/?fref=ts> - data de acesso: dia 15/06/2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALATI, H. **O Islam em foco**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah, 2008. 216p.

ABDUSALAM, M. **Maria, mãe de Jesus**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah, 2012. 11p.

AHMED, A. S. **Pós-modernismo e o Islão**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. 339p.

AL-'ABBAASI, A. I. A.-H. A.-S. As diferenças principais entre os Sunitas e os Xiitas - em assuntos de fé e doutrina. **Al-khutut al-'aridah**, United States, v. 2, p. 1-15, 2011.

AL-KARADHAWI, Y. **O lícito e o ilícito no Islam**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Alvorada, s/d. 534p.

AL-KHAZRAJI, T. H. **Islam em seus princípios**. São Paulo: Editora Arresala, 2004a. 56p.

_____. **O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait**. 2. ed. São Paulo: Editora Arresala, 2004b. 239p.

AL-MUKARAMA, R. M. Revista "Makka Al-Mukarama". **Revista "Makka Al-Mukarama"**. São Bernardo do Campo: Editora Makkah. n. 119, p. 1-60, 2009.

AL-ODHMA, A.; FADLULLAH, A. M. H. **Islam, a religião do diálogo**. São Paulo - SP: Editora Arresala. 2007. 400p

ALCORÃO SAGRADO. São Paulo: FAMBRAS. 539p.

ALMEIDA, R. Religião na metrópole paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 19, n. 56, p. 15-27, 2004.

ALVORADA, J. **Jornal "A Alvorada"**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah. v. 5, n. 84, p. 1-16, 2010.

_____. **Jornal "A Alvorada"**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah. v. 6, n. 88, p. 1-16, 2011a.

_____. **Jornal "A Alvorada"**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah. v. 6, n. 85, p. 1-16, 2011b.

_____. **Jornal "A Alvorada"**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah. v. 7, n. 93, p. 1-16, 2012.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. 240p.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 2012. 194p.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. São Paulo - SP: Editora Cultura Cristã, 1987. 840p.

BOURDIEU, P. F. **Ce que parler vent dire: l'économie des échanges linguistiques**. Paris: Fayard: 1987. 244p.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro - RJ: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989. 311p.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2005. 361p.

_____. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre - RS: Editora Zouk, 2006. 219p.

CAMPOS, L. S. **Bíblia no Mercado: o poder dos consumidores e a competição entre os editores – o caso da sociedade bíblica do Brasil**. **REVER**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 35-61, 2012.

CARABALLO, S. A. **Meu grande amor por Jesus me conduziu ao Islã**. Alex - Egypt: Conveying Islamic Message Society, s/d. 102p.

CARRIKER, T. C. **Mecanismos sociais de desconversão**. In: CARRIKER, T. C. (Org). **Evangelho e cultura: leituras para a antropologia missionária**. São Paulo - SP: Sociedade Bíblica Brasileira, 2008. pp. 31-44.

CASTRO, C. M. D. **A construção de identidades muçulmanas no Brasil: um estudo das comunidade sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás**. 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, São Carlos – SP, 2007.

CAVE, M. A. C. **A doutrina da trindade é realmente divina?** São Paulo: FAMBRAS, 1996. 104p.

CDIAL. **Bienal do Livro de Minas, 2012**. **Jornal "A Alvorada"**. São Bernardo do Campo: Editora Makkah. v. 7, n. 91, p. 1-12, 2012a.

_____. **ISLAMbr**. São Bernardo do Campo - SP, 2012b. Disponível em: http://www.islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=58&Itemid=34
Acesso em: 16 nov. 2012.

_____. **o Islam em minha vida**. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah, 2012c.

19p.

CORTES, V. A. Pierre Bourdieu, notas acerca de uma sociologia dos campos. In: PRAUN, L. (Org). **Relações mundializadas, neoliberalismo e sociedade humana**. São Bernardo do Campo-SP: UMESP, 2009. pp.75-78.

COSTA, V. **História da imigração no Brasil: as famílias**. 7. ed. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, s/d.

DUARTE, L. F. D. Classificação e valor na reflexão sobre identidade social. In: CARDOSO, R. V. C. L. (Org). **A aventura antropológica**. 4. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2004. pp. 69-92.

DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. V. C. L. (Org). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2004. pp.17-34.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008. 155p.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Lisboa-Portugal: Editora Arcádia, 1979. 173p.

_____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109p.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1995. 649p.

FERREIRA, F. C. B. **Entre Arabescos, Luas e Tâmaras** – Performances Islâmicas em São Paulo. 2007. 372 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo – SP, 2007.

_____. Redes Islâmicas em São Paulo: "nascidos muçulmanos" e "revertidos". **Revista Litteris**, n. 3, p. 1-27, 2009a.

_____. Teatralização do sagrado islâmico: a palavra, a voz e o gesto. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro. v. 29, p. 95-125, 2009b.

GATTAZ, A. **Do Libano ao Brasil: história oral de imigrantes**. São Paulo: Gandalf Editora, 2005. 173p.

GEERTZ, C. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001. 247p.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: 2008. 213p.

GEHRKE-WHITE, D. **O Rosto Atrás do véu: as várias faces das mulheres muçulmanas**. São Paulo: Editora Arx, 383p.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012. 184p.

GOMES, I. Em foco as representações do Islã nos Jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. **Razón y Palabra**, México, n. 80, p. 1-28, 2012.

GONZALEZ, J. L. **A era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988. 182p.

_____. **A era dos mártires**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989. 177p.

HAJJAR, C. F. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão**. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2009. 97p.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999. 238p.

HIPÓLITO, S.; NOVAK, M. D. G. **Tradição apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III**. 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2004. 119p.

HOEBEL, A. E.; FROST, E. L. **Antropologia Cultural e Social**. 9. ed. São Paulo: Editora Cutrix, 1999. 470p.

HÄGGLUND, B. **História da Teologia**. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia Editora Ltda., 2003. 370p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo Demográfico 2000: características gerais da população, resultado da amostra**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/> Acesso em 23 abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, resultado da amostra**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/> Acesso em 23 abr. 2013.

IQRA, J. **Jornal IQRA. IQRA**. São Paulo, 2013. 16p.

ISBELLE, S. A. **Islam: a sua crença e a sua prática**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora Ltda, 2003. 272p.

JAFFË, A. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, C. G. (Ed.). **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. pp.312-367.

LIMA, C. R. **Igreja Evangélica Árabe de São Paulo: etnicidade e sincretismo cultural**. 2010. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Metodista de São Paulo-UMESP, São Bernardo do Campo-SP, 2010.

LINTON, R. **Cultura e Personalidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973. 156p.

LUCENA, L. C. P. **Nem tudo é verdade!** São Paulo: Ativa Edições e Serviços, 2007. 172p.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MAIOR, M. S. Contribuição à antroponímia brasileira: nomes em números. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 1, n. 2, p. 335-339, 1973.

MARQUES, V. L. M. Convertidos ao Islã: brasileiros e portugueses. **Temática Livre**, Belo

Horizonte, v. 8, n. 17, p. 125-145, 2010.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 536p.

MENDONÇA, A. G. **Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos**. São Bernardo do Campo-SP: UMESP, 2008. 222p.

NAME, P. C. Análise da história de vida dos primeiros imigrantes sírio-libaneses e sua trajetória no Brasil. In: XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2009, Rio de Janeiro: **Grupo de Trabalho 09: estratificação e mobilidade social**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=225&Itemid=171 Acesso em: 16 jan. 2013.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, etnia e estrutura**. São Paulo - SP: Livraria Pioneira Editora, 1976. 118p.

OLIVEIRA, V. P. A comida e a bebida no Islã. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo-SP: UMESP, v. 19, n. 28, p. 89-105, 2005.

_____. Islam in Brazil or the Islam of Brazil? **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. SE, p. 1-23, 2006.

OS MANOS DE ALÁ. Produção Luiz Carlos Pereira Lucena. Coordenação Luiz Carlos Pereira Lucena. São Paulo: Ativa Cinema Digital, 2011. 1 DVD (59 min), DVD, son., color.

OSMAN, S. A. Mascates árabes em São Paulo: concentração urbana e inserção econômica. **Revista Cordis**, São Paulo, n. 2, p. 1-17, 2009.

PACCA, P. E. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI – o caso do Pari**. São Paulo, 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUSP.

PEREIRA, J. B. B. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. **Revista USP**, São Paulo, n. 46, p. 6-29, 2000.

PHILIPS, A. A. B. **A Verdadeira Religião de Deus**. Riyadh, Saudi Arabia: The Islamic Propagation Office in Rabawah, 2007. 30p.

POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998, p. 86.

PROFECIAS BÍBLICAS SOBRE O PROFETA MUHAMMAD. São Bernardo do Campo - SP: Editora Makkah, 2012.

PROUST, M. **Sodome et Gomorrhe**. EPUB s/d.

RAMOS, A. **As culturas negras**. Guanabara-RJ: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971. 222p.

RAMOS, V. L. **Conversão ao Islã: uma análise sociológica da assimilação do ethos religioso na sociedade muçulmana sunita em São Bernardo do Campo na região do Grande ABC**. 2003.

403 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo-SP, 2003.

_____. Islamismo e periferia: aproximações e distanciamentos. In: RIVERA, D. P. B. (Org). **Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro Estudos de sociologia e antropologia urbanas**. Curitiba-PR: Editora CRV, 2012. pp. 215-244.

REIS, J. C. Anos 1960: Caio Prado Jr. e "A Revolução Brasileira". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 245-277, 1999.

RIBEIRO, L. M. P. Uma análise antropológica dos símbolos da Igreja Presbiteriana do Brasil. In: LOPES, E. P. (Org). **Protestantismo e Religiosidade Brasileira**. São Paulo: Editora Reflexão, 2011. pp. 197-226.

_____. A implantação e o crescimento do islã no Brasil. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo - SP: UMESP. v. 26, n. 43, p. 106-135, 2012.

RIO, J. D. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro, 1906. 245p.

RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais 2010. 303p.

ROMERO, S. **História da Literatura Brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1960. 344p.

SAIFI, Z. A. **Islam - O caminho para a felicidade**. São Bernardo do Campo: Editora Makkah, 2012. 29p.

SALAWDEH, O. K. **Manutenção e mudança de língua: um estudo da comunidade árabe de São Paulo**. 1997. 92f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem-IEL, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas-SP. 1997.

SCARPIM, F. A. Nomes de batismo, um bem simbólico: valores étnicos e culturais nas práticas de nomeação de um grupo de imigrantes italianos. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Maringá-PR: UEM, 2009. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/> Acesso em: 16 jan. 2013.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 20, p. 60-70, 2002.

SHIRAZI, M. **Xiismo e Xiitas**. London: Fountain Books, 2009. 110p.

SINDICARO DAS INDÚSTRIAS DE PRODUTOS AVÍCOLAS DO ESTADO DO PARANÁ-SINDIAVIPAR. Abate Halal abre mercado. **Informativo do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná**, Curitiba, v. 3, n. 6, p. 20,21, 2010.

SOB O VÉU DO ISLÃ. Produção Luiz Carlos Pereira Lucena. Coordenação Luis Carlos Pereira Lucena. São Paulo: Ativa Cinema Digital, 2012. 1 DVD (71 min), DVD, son., color.

THE PEW FORUM. **On religion & public life**, 2010. Disponível em: <http://www.pewforum.org/> Acesso em: 23 abr. 2013.

- TILLICH, P. **Dinâmica da Fé**. 3. ed. São Leopoldo-RS: Editora Sinodal, 1985. 87p.
- _____. **História do Pensamento Cristão**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004. 293p.
- UR-RAHIM, M. A. **Jesus, um profeta do Islam**. São Paulo: FAMBRAS, 1979. 237p.
- WAGNER, Peter. **Derrubando fortalezas em sua cidade**. São Paulo: Bompastor, s/d. 228p.
- WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982. 530p.
- WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. Estados Unidos: Companhia Editora Nacional, 1946. 465p.
- YASSIN, K. **O propósito da vida**. São Paulo - SP: FAMBRAS, s/d. 52p.
- YKEGAYA, T. G. **Imigração Árabe em Foz do Iguaçu: a construção de uma identidade étnica**. 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná.
- ZARABOZO, J. A. D. M. **A mensagem do Anjo Gabriel para a humanidade: os fundamentos do Islam**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editor Ltda, 2002. 188p.
- _____. **Manual para o novo muçulmano**. Brasil: Islam House, 2011. 265p.

ANEXO A – Mesquitas e Centros Islâmicos no Brasil

Região	Estado	Mesquita	Soc. Beneficente	Centros Islâmicos
Centro Oeste	DF			Centro Islâmico de Brasília
	MT	Mesquita de Cuiabá		
	GO		Sociedade Beneficente Muçulmana de Anápolis; Sociedade Beneficente Muçulmana de Jataí;	Centro Islâmico de Goiânia
	MS	Mesquita de Campo Grande	Sociedade Beneficente Muçulmana da Grande Dourados	
Nordeste	BA			Centro Cultural Islâmico da Bahia
	CE			Centro Islâmico do Ceará
	PB			Centro Islâmico do Recife
	RN			
	SE			Centro Islâmico de Sergipe
Norte	PA			Centro Islâmico de Belém
	AM	Mesquita do Amazonas		
Sudeste	ES			Centro Islâmico do Espírito Santo
	MG		Sociedade Beneficente Muçulmana de Belo Horizonte	Centro de Estudos Islâmicos de Belo Horizonte
	RJ	Mesquita da Luz	Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro	
	SP	Mesquita de Guarulhos Mesquita de São José dos Campos Mesquita de Taubaté Mesquita de Barretos Mesquita de Mogi das Cruzes Mesquita de Santos Mesquita de São Miguel Mesquita de Vila Rica Mesquita de Santo Amaro Mesquita Brasil Mesquita do Pari Mesquita de São Bernardo do Campo	União Beneficente Muçulmana de Colina; União Beneficente Muçulmana de Barretos;	Associação Islâmica de São Paulo; Centro Islâmico de Jundiaí; Centro Islâmico de Campinas; Centro Islâmico de Santo Amaro; CDIAL - Centro de Divulgação do Islã para a América Latina;
Sul	PR	Mesquita de Londrina Mesquita de Maringá Mesquita de Guarapuava Mesquita de Ponta Grossa Mesquita de Paranaguá Mesquita de Foz do Iguaçu	Sociedade Beneficente Islâmica de Curitiba; Centro Cultural Beneficente de Foz do Iguaçu;	
	SC	Mesquita de Lages Mesquita de Criciúma		Centro Islâmico de Florianópolis

Fonte: ISLAM-br (CDIAL, 2012).

ANEXO B – Movimentos Imigratórios – Sírio-libaneses

	ETAPA	PERÍODO	PRINCIPAL MOTIVO DE EMIGRAÇÃO	GRUPO SOCIAL	PRINCIPAL DESTINO	PRINCIPAL ATIVIDADE
1.º MOVIMENTO	1. ^a	1860-1900	Conflito Político	Na maioria, cristãos protestantes	Rio de Janeiro São Paulo Foz do Iguaçu	Mascates
	2. ^a	1900-1914	Convite dos patrícios da 1. ^a etapa migratória	Camponeses	Rio de Janeiro	Fazendas de Café
	3. ^a	1918-1938	Conflito Político e Guerra	Famílias inteiras	Minas Gerais Rio de Janeiro São Paulo	Fazendas de Café
2.º MOVIMENTO	1. ^a	1945-1955	Fome do pós-guerra, consequências negativas da organização do Estado de Israel e da independência do Líbano.	Libaneses muçulmanos insatisfeitos com a realidade do novo país.	Minas Gerais Rio de Janeiro São Paulo	Comércio
	2. ^a	1956-1970	Consequências da Guerra dos seis dias e da derrocada do nasserismo.	Sírio-libaneses com pouca qualificação. Pois, os qualificados foram para o Golfo Pérsico e alguns jovens conseguiram estudar nos EUA.	Bahia Paraná Rio de Janeiro São Paulo	Mascates Comércio
	3. ^a	1979-1985	Conflitos entre a Palestina e Israel	Sírio-Libaneses	Bahia Paraná Rio de Janeiro São Paulo	Comércio Indústria

Fonte: (YKEGAYA, 2006, p.48-57).

ANEXO C – Economia das trocas simbólicas no processo de reversão ao Islã

Plano Identitário	<ul style="list-style-type: none"> •NÃO INCORPOROU, NEM SUBSTITUIU •nome árabe (islâmico)
Plano Linguístico	<ul style="list-style-type: none"> •INCORPOROU •língua árabe
Plano Indumentário	<ul style="list-style-type: none"> •SUBSTITUIU (excluindo) •adotou-se o <i>hijab</i> (barba), excluindo as roupas comuns
Plano Geográfico	<ul style="list-style-type: none"> •SUBSTITUIU (ressignificando) •substituiu-se Jerusalém por Makkah (ressignificando Jerusalém)
Plano Literário	<ul style="list-style-type: none"> •SUBSTITUIU (ressignificando) •substituiu a bíblia pelo alcorão, resignificando a bíblia
Plano Profético	<ul style="list-style-type: none"> •SUBSTITUIU (ressignificando) •substituiu-se Jesus por Mohammed , resignificando Jesus
Plano Teológico	<ul style="list-style-type: none"> •SUBSTITUIU (excluindo) •substituiu a trindade pela unicidade
Plano Iconográfico	<ul style="list-style-type: none"> •SUBSTITUIU (excluindo) •substituiu a cruz pela lua e estrela

ANEXO D - Questionário

1. IDENTIFICAÇÃO (NOME):

- a. Qual o nome? (de batismo)
-
- b. Sua idade está entre:
 18-30 anos 31-50 anos
 mais de 51 anos
- c. Formação Acadêmica:
 1.o grau 2.o grau
 superior incompleto superior completo
 pós-graduação (lato-senso) mestrado
 doutorado pós-doutorado
- d. Profissão?
-
- e. Há quantos anos (ou meses) você está revertido?
-
- f. Qual a(s) sua(s) religião(ões) de origem, antes da reversão?
-
- g. Você adotou um novo nome após a sua reversão?
 sim não
- h. Qual é o seu novo nome (islâmico)?
-
- i. Porque você adotou novo nome (Islâmico)?
 Nunca gostei do meu nome de registro;
 O significado do meu nome de registro tem implicações negativas;
 É comum no Islã a adoção de um novo nome.
- j. Se você adotou um nome islâmico, como você se identifica em ambientes não islâmicos?
 Com meu nome de registro;
 Com o nome de registro e em seguida o meu nome islâmico;
 Com meu nome islâmico e se perguntarem, o nome de registro;
 Com meu nome islâmico.
- k. Se você adotou um nome islâmico, como gosta de ser chamado?
 No ambiente islâmico pelo nome islâmico, e no ambiente não islâmico pelo nome de registro;
 Apenas pelo meu nome de registro;
 Apenas pelo meu nome islâmico;
 Tanto faz, uso as duas formas permutadas.
- l. Se fosse possível você mudaria em cartório o seu nome de registro pelo nome islâmico?
 sim não

2. IDIOMA

- a. Antes da reversão, quais idiomas você falava, lia ou escrevia?
 Inglês Espanhol
 Francês Alemão
 Árabe Português
- b. Após a reversão, quais idiomas você fala, lê ou escreve?
 Inglês Espanhol
 Francês Alemão
 Árabe Português
- c. Numere de 1-6 os idiomas abaixo de acordo com a relevância que eles têm para você .
 (1= mais importante / 6=menos importante)
 Inglês Espanhol
 Francês Alemão
 Árabe Português

3. INDUMENTÁRIAS

- a. HOMENS - Quanto ao uso de barba e bigodes:

- USA
- () Sempre usou()barba ()bigodes
 () Passou a usar esporadicamente depois da reversão...()barba ()bigodes
 () Passou a usar continuamente depois da reversão..... ()barba ()bigodes
- NÃO USA
- () Não usa por que não quer.....()barba ()bigodes
 () Não usa por causa da profissão escolhida()barba ()bigodes
 () Não usa por causa de algum problema de saúde.....()barba ()bigodes
- b. MULHERES - Quanto ao uso do hijab:
- USA
- () Sempre usou
 () Passou a usar esporadicamente depois da reversão
 () Passou a usar continuamente depois da reversão
- NÃO USA
- () Não usa por que não quer
 () Não usa por causa da profissão escolhida
 () Não usa por causa de algum problema de saúde
- c. Quanto aos conflitos entre o uso do Hijab e a moda feminina:
- O Hijab e a moda feminina são excludentes;
 Dá pra combinar o Hijab com a moda feminina;

4. PLANO GEOGRÁFICO

- a. Assinale DOIS lugares que você gostaria de visitar ou visitou antes da sua reversão:
- Fortaleza Gramado e Canela (RS)
 Disney (Orlando) Jerusalém
 Meca (Arábia Saudita) New York
 Paris
- b. Assinale DOIS lugares que você gostaria de visitar ou visitou depois da sua reversão:
- Fortaleza Gramado e Canela (RS)
 Disney (Orlando) Jerusalém
 Meca (Arábia Saudita) New York
 Paris

5. PLANO LITERÁRIO

- a. Antes da sua reversão, para você, a bíblia:
- era apenas um livro como os outros
 era um livro divino e sem falhas (erros)
 era um livro ultrapassado
 era um livro divino que poderia conter alguns erros
- b. Depois da sua reversão, para você, a bíblia:
- é, apenas, um livro como os outros
 é um livro sem falhas e divino
 é um livro ultrapassado
 é um livro divino, mas pode conter alguns erros
- c. Qual a relação de importância entre a bíblia e o alcorão?
- a bíblia é mais importante do que o alcorão
 o alcorão é mais importante do que a bíblia
 o alcorão e a bíblia têm a mesma importância
 a bíblia e o alcorão não são tão importantes

6. PLANO TEOLÓGICO - Quanto ao conceito de TRINDADE (Deus Pai, Filho e Espírito Santo)

- a. Antes da sua reversão
- eu acreditava na doutrina da Trindade
 eu tinha dúvidas quanto a doutrina da Trindade
 era indiferente crer ou não na doutrina da Trindade
- b. Depois da sua reversão
- eu continuo crendo na doutrina da Trindade
 eu creio em um Deus único
 continua sendo indiferente crer ou não na doutrina da Trindade
- c. Se você NÃO crê na Trindade, você pensa assim por que:

- eu li vários livros, estudei, ouvi palestras e tenho certeza de que a doutrina da Trindade foi socialmente construída;
- eu sou muçulmano, e minha doutrina não aceita a trindade;

7. PLANO PROFÉTICO

- a. Antes da sua reversão você cria:
- Jesus era filho de Deus;
- Jesus era um homem comum com procedimento exemplar;
- Jesus era um profeta enviado por Deus;
- b. Após a sua reversão você crê:
- Jesus é filho de Deus;
- Jesus é um homem comum com procedimento exemplar;
- Jesus é um profeta enviado por Deus;
- c. Quando houver divergência entre Jesus (bíblia) e Mohamed (alcorão):
- Você toma como verdade as palavras de Jesus (Bíblia)
- Você toma como verdade as palavras de Mohamed (alcorão)
- Você examina o conteúdo destes posicionamentos divergentes e escolhe o mais razoável e lógico;
- Não existem divergências entre as palavras de Jesus (bíblia) e as de Mohamed (alcorão);

8. PLANO ICONOGRÁFICO

- a. Antes da reversão você utilizava adornos com a cruz ou crucifixo?
- sim não
- b. Após a reversão você utiliza adornos com a cruz ou crucifixo?
- sim não
- c. A lua e a estrela, são para você:
- um satélite natural e um sol muito distante;
- apenas um ícone da minha bandeira de fé;
- símbolos que eu utilizo nos meus pertences e adornos;
- a posição geográfica dos países árabes e sua principal cidade.

ANEXO E - Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O Estudo das desconstruções e (re)construções simbólicas no Processo de Reversão ao Islã

Pesquisador: LIDICE MEYER PINTO RIBEIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 08869812.0.0000.0084

Instituição Proponente: Universidade Presbiteriana Mackenzie

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 157.920 **Data**

da Relatoria: 31/10/2012

Apresentação do Projeto:

Adequado.

Objetivo da Pesquisa:

Adequado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Não há.

Recomendações:

Nada a acrescentar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Recomenda-se uma melhor descrição dos participantes no projeto de pesquisa, bem como detalha-

UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE



mento dos instrumentos a serem usados para entrevista.

SAO PAULO, 29 de Novembro de 2012

Assinador por:
Elizeu Coutinho de Macedo
(Coordenador)

Endereço: Rua da Consolação, 896 - Mezino

Bairro: Edifício João Calvino

UF: SP Município: SAO PAULO

CEP: 1302907

Telefone: (11-)2114-8144

E-mail: copq@mackenzie.br

ANEXO F - Entrevista ao Sr. E.C.

Nome:	E. C.
Sexo:	Masculino
Idade:	25 anos
Profissão:	Analista de Marketing
Instrução:	Superior Completo
Tempo de Reversão:	3 anos

1. Fale da sua experiência religiosa antes de sua reversão ao Islã.

Minha família era de base católica; meu pai católico, meu avô católico. Eu cheguei a fazer aulas de catecismo e fiz a crisma. Mas, sempre com uma interrogação de que uma coisa não estava clara. De modo que, aos treze anos, comecei a questionar mais. Idade, inclusive, em que a pessoa começa a ter discernimento da vida, mais clareza.

Depois da pré-adolescência eu comecei a questionar mais profundamente. Porque o padre não pode casar? Porque ele aconselha um casal se ele nunca foi casado? Então eu decidi afastar-me do catolicismo, até que me desliguei por completo. Se alguém me perguntasse, eu dizia que era católico, mas não praticante.

2. Conte como se deu o seu processo de reversão ao Islã?

O processo de reversão ao islã foi bastante interessante, porque dentro destes meus questionamentos, comecei a procurar uma religião que me trouxesse respostas. Do “por que” de muitas coisas que acontecem no mundo. Desde as guerras, o porquê das estrelas, o porquê do sol, o porquê da terra e qual é a nossa função aqui. Então comecei a aprofundar-me no estudo das religiões de matriz africana por questão de identidade étnica. Comecei a ler bastante: porque e quais as nações africanas que vieram pro Brasil. E quais as influências que cada uma trouxe. Pois, se você voltar à África não encontrará o candomblé. Um deus era adorado pela população *Gegê* ou *Nagô*, outro era adorado por *Ketus*, *Bantus* e os *Iorubas*. E, quando chegaram aqui, fez-se uma mistura, vindo a chegar no candomblé. Estudando o candomblé, cheguei a ir a alguns lugares, a presenciar e participar dos cultos deles. Porém, nesta leitura, percebi que algumas questões estavam ficando sem respostas. Ora, fui buscar nesta religião respostas. E, não entendia o porquê (*se Deus fez homens e mulheres*), o orixá, daquela pessoa que frequentasse (*se fosse mulher*), ele teria gestos femininos. Então encontrei algumas pessoas, lá

dentro, com gestos homossexuais e por ai vai... Eu falei: Não! se fosse para eu ter nascido mulher, Deus teria me feito mulher e não homem, então foi que decidi afastar-me. Não encontrei respostas no candomblé.

Eu acreditava que Deus é clemente e misericordioso, e que criou o céu e a terra; mas continuava buscando uma religião que me desse respostas. Então encontrei um *cherr* fazendo *dawah*¹⁷³, que é a divulgação – nós chamamos “divulgação do Islã”. Foi em frente à prefeitura de São Paulo, e já tinha passado pela minha mente buscar uma mesquita (*isso foi em 2001 quando eu me afastei do catolicismo*).

Por consequência do ataque do 11 de setembro, como ficou muito falado (*falam que é a religião do mal*). Eu pensava o seguinte: preciso entender o que é. O que a mídia fala é uma coisa, só que eu preciso entender o que é. Então eu procurei uma mesquita; mas, como eu sou do interior de Minas Gerais (*sul de Minas*), a mesquita mais próxima estava em Taubaté e outra em Campinas. Eu pensava, ah não tem como eu ir pra lá com treze anos, não sou economicamente independente. Não tem como.

Naquela ocasião descartei. Mais tarde, andando por São Paulo, em frente a prefeitura, eu vi eles fazendo *dawah* e deu um *flash* na minha mente. Pô, tanto tempo atrás eu queria saber o que era o Islã (*pensei comigo*), e agora estão distribuindo livros. E ai fui, e ai fui, conversei com o *sherr*, ele falou: “nós estamos distribuindo livros. Você sabe o que é o islã? Falei: Não. “Então leva um livro pra você conhecer, tem o endereço da mesquita.” E era um livro que falava também sobre Jesus Cristo, o nome do livro era: “Jesus um profeta do Islão”. Islão porque estava no português de Portugal. E ai li, achei bastante interessante, e atrás do livro tinha o endereço da mesquita. Pensei, quero ir lá, porque a princípio, tá indo de encontro com aquilo que eu procurava.

Algumas perguntas ali estavam sendo respondidas. Procurei a mesquita, frequentei algumas aulas, inclusive foram aulas do *sherr* Juma, onde eu senti que, aquilo que eu tinha dúvida (*dentro do catolicismo e da religião de matriz africana*), aqui estavam sendo respondidas de maneira coerente. Não responder por responder. Não, olha isto aqui é assim por causa disso, disso, disso, disso... Sempre quando nós temos aula e é perguntado algo; opa, vamos correr ao Alcorão para entender o porquê disso. Então foi dessa maneira que eu encontrei o Islã.

3. E como aconteceu a sua *shahada*?

¹⁷³ A palavra árabe *Dawah* significa simplesmente convidar para alguma coisa. Quando ela é usada em conjunto com o Islã é entendida como “convidar para o caminho da submissão e entrega a Deus”.

A minha *shahada* foi há três anos e foi aqui (*Mesquita do Pari*). Frequentei algumas aulas do *sherr* Juma, depois de já ter lido o livro. Então, ganhei um alcorão, e ao lê-lo fui entendendo que tinha mais sentido o que estava sendo dito; desta forma, resolvi fazer a minha *shahada* aqui mesmo na aula do *sherr* Juma.

4. Sua família aceitou sua nova religião? Como isso ocorreu ou tem ocorrido?

A minha família sempre foi religiosa, bastante religiosa, principalmente a minha mãe. Então por se tratar de uma pessoa simples, dona de casa do interior de Minas Gerais (*sul de Minas*), ela questionou: “Poxa (*conversão*) ao Islã, mas o que é o Islã?”

E aí? como que você explicava? Nós acreditamos em só um Deus, não acreditamos que existe um intermediário. Se você tá bem, agradeça a Deus; se você tá mal, peça ajuda a Deus. Deus é único, não tem uma pessoa que faleceu que os humanos devam considerarem santa, que eu deva pedir pra ela, para ela pedir a Deus, para oferecer o paraíso no Juízo final.

Enfim, a aceitação foi tranquila, não houve mais problemas, ela entendeu e disse o seguinte: “Se é pra Deus não tem problema.”

5. Você tem algum tipo de conflito entre identidade religiosa e vida profissional? Como você tem procurado resolvê-lo?

Infelizmente a mídia tem uma visão distorcida do que é o Islã. “Ah! São homens bomba”. E infelizmente a sociedade brasileira tende a absorver o que a mídia fala.

Então, quando eu fiz a *shahada*; ora, você tem que cumprir com as cinco orações diárias. Então eu pensei (*estava num momento de transição de trabalho, quando eu fiz a «shahada», eu estava recebendo o seguro desemprego*), poxa agora que eu encontrei uma religião que está fazendo sentido para mim eu não vou largar e deixar de cumprir com aquilo que a religião pede por conta de um trabalho. Eu posso procurar outro trabalho.

Eu tinha passado no processo seletivo. Ora, eu sou muçulmano e preciso fazer cinco orações. “Ah! Não pode!” Então eu vou procurar outro.

Mas, quando eu entrei na empresa em que estou hoje (*na verdade uma multinacional*), eu fiz todo o processo. E, quando foi o primeiro dia, fui conversar com o diretor, para receber as boas-vindas. O diretor chamou-me pra uma conversa, para saber se eu tinha algumas dúvidas. Falei: “só quero dizer que eu sou muçulmano e cumpro com cinco orações diárias, dessas cinco duas caem no horário de trabalho. Então, quero deixar claro que eu preciso de dez minutos para ausentar-me e fazer minha oração.” Então, ele me questionou: “Como é que é isso?” Então eu disse: “Calma! Não vou ficar gritando! Não preciso fazer barulho nenhum. Ba-

sicamente vou pegar meu tapete, vou lá pro térreo (*tem um jardim lá*), ou pro terraço e faço a oração ali no cantinho (*em silencio*), orientado à Meca, sem atrapalhar ninguém.” Desta forma, não teve problema nenhum.

Mas, eu falei só depois que eu tinha sido aprovado, porque (*pensei comigo*) as pessoas têm a ideia de que muçulmano é loco, é homem bomba. Caso eu tivesse falado antes teria sido reprovado. Então, é isso...

6. Você trocou o seu nome? Conte como isso se deu?

Na realidade quando alguém abraça o Islã, serve Deus como único, sem intermediários; como é dito no alcorão: “os seus pecados são apagados”. Os pecados da vida passada, o que você fez na vida passada é apagado.

Não é obrigatório a mudança do nome, ela é opcional. Mas, os companheiros do Profeta, a maioria dos companheiros do Profeta, aliás todos os companheiros do Profeta que foram revertidos ao Islã, resolveram: alguns mudar de nome, alguns receberam o nome em função da característica comportamental que tinha, e por ai vai...

Então não é obrigatório, é opcional. É como se fosse um marco, a partir deste momento a vida é nova – «Eddie Fayad»¹⁷⁴.

7. Foi decisão sua, você escolheu este nome?

Foi decisão minha, eu escolhi este nome. Sabia que tinha de escolher um nome e escolhi este.

8. Você comemora datas especiais do Islã? Quais e como?

No Estado Islâmico a sexta-feira é como se fosse o domingo «pra nós», você não trabalha e tudo mais. O que não é possível aqui (*no Brasil*). A oração principal do Islã é na sexta-feira ao meio dia. Mas, não é possível que eu ore (*na mesquita*), estou no trabalho e não dá pra sair. Para quem trabalha aqui perto da mesquita, fica mais fácil.

Existe basicamente dois feriados no Islã (*calendário islâmico*), que são épocas festivas (*em que há comemorações*). A comunidade muçulmana comemora com churrasco num sítio (*onde tem uma mesquita*). Passamos o dia em comemoração; neste dia mata-se e faz-se o sacrifício de carneiro e doações de alimentos.

¹⁷⁴ Nome árabe adotado pelo entrevistado após a reversão (*shahada*).

9. Fale como você tem lidado com os feriados cristãos.

A minha família é cristã (*ainda*). E no Natal, por exemplo, minha mãe quer ver todos aqui. O Islã é uma religião que respeita as outras. Inclusive uma das esposas do profeta Mohammed (*que a paz esteja com ele*), era judia. Então o viver em harmonia é fundamental, nós acreditamos nisso. Por quê? Nós acreditamos que só Deus encaminha ou desencaminha a pessoa. Então não sou eu.

Quanto a data de natal eu procuro estar com a minha mãe, mas não pelo significado do natal, nascimento de Jesus Cristo, isso pra mim já é passado. Mas, por respeitar a opinião e a decisão da minha mãe de querer estar com a família naquele momento. Mas, não como porco, não bebo champanhe; e deixo claro para a minha mãe: “estou aqui para ficar junto com a senhora, porque, para mim, esta data não é importante”.

10. Você é um muçulmano praticante? Quais reuniões pratica? Vai constantemente à mesquita?

Bom, sempre que possível, às sextas-feiras e aos sábados venho aqui na aula do *sherr Juma* – onde nós aprendemos, cada vez, um pouquinho mais sobre o Islã. Sobre o que aconteceu na época do profeta, sobre o que está acontecendo hoje em dia.

As pessoas do mundo se desligam de tudo. Acham que (*como disse o sherr Juma hoje na aula*): “O fim do mundo é balela! E o mundo não vai acabar.” A questão de que o homem pode tudo – não é por ai, não é?

Então eu procuro praticar. Venho aqui à mesquita aos sábados e próximo ao meu trabalho tem uma mussala. Não sei se você sabe o que é uma mussala. Mussala é um ambiente pra oração, bem pequeno, pequenininho. É como se fosse essa sala aqui, toda acarpetada, já orientada pra Meca, que se acumula em Estados islâmicos. Eu estou na rua e quero fazer uma oração. Opa, onde tem uma Mussala próxima?

A Mussala é aberta a todos muçulmanos que querem fazer oração. Então, eu acostumei com mais frequência próximo ao meu trabalho (*eu trabalho na Brigadeiro Luiz Antônio*), e tem uma mussala ali no Paraíso. Próxima a estação do metrô Paraíso. Eu vou ali na hora do almoço, faço a minha oração. Isso quando dá, devido a correria do serviço, quando não dá eu faço lá mesmo no meu trabalho.

11. Quanto ao uso da indumentária (*barba, bigodes*), como você tem lidado com esta realidade no dia-a-dia?

Eu já usava cavanhaque, gosto bastante de cavanhaque. Só que minha noiva acha que eu não fica legal. Contudo, dentro do Islã o homem deve se diferenciar da mulher. Por isso não é permitido ao homem ficar com gestos afeminados e por ai vai...

E a barba é uma das obrigações do muçulmano. Se é homem tá lá com barba. Não importa, se é bigode, se é apenas um tracinho.

Não tive problemas para praticar, se é uma exigência dentro da religião. Todavia, tem situações em que o Islã é flexível. Se você é militar não pode usar barba (*a não ser que você seja oficial e deixe um bigodinho*), ai tudo bem. Do contrário, não. Então, temos que entender que estamos numa sociedade – o Brasil. Ah! Mas, por conta do Brasil vai se mudar a religião?

É importante o que tem dentro do teu coração. E ninguém melhor pra te entender do que Deus.

Ora, se você tem uma família pra sustentar, tem filhos, e é um militar; sargento – por exemplo – que não é oficial, portanto, não pode usar barba. Dentro da medida possível, se for a sua decisão, pode trocar este trabalho por outro ou continuar nele. Mas, Deus sabe, que não é por: “Eu não quero tirar a barba e vou usar a barba e ponto final. Não!”

12. Você falou da namorada. Ela é islâmica também?

Não. A M. minha noiva não é.

13. E como é que você lida com isso?

Olha, como eu te disse: “não há conflito”. Então eu tenho minha religiosidade, respeito a religiosidade dela. Mas, o que deixo claro pra ela, é: “Você diz que é cristã então cumpra com aquilo que é dito. É o mínimo que você tem que fazer.”

Porque, dentro da minha concepção não existe judeu não praticante, cristão não praticante. Ou “é” ou você “não é”! Se você “é”, então entende-se que você pratica aquilo que está escrito. Que lê o evangelho, faz jejum e por ai vai... E não é jejum de: Ah! Hoje eu não vou tomar *Coca-Cola*. Isso é fácil. O jejum é completo, sem água e sem bebida.

Então o relacionamento é tranquilo. Deus encaminha? Deus encaminha. Se um dia ela falar do Islã, que eu gostaria, seja. Se não for, Deus sabe mais.

14. O que você ganhou e/ou perdeu na sua reversão ao Islã?

Não perdi nada, tudo aquilo que foi embora era ruim. Os amigos ruins se foram. Aquilo que era “perda”, ou seja, não tenho mais comigo, no meu pensamento é um ganho. Deixei de ter amigos ruins e comportamentos ruins, a minha vida mudou bastante. Primeiro, por me

tornar uma pessoa mais religiosa deixei até de temer situações. Ah, tô andando na rua, se vier alguém me assaltar, o que é que eu posso fazer? “Eu não vou dar. Quer me matar? Deus me leva, Deus sabe a hora de me levar, mas não vou te dar!”

Em situações em que antes eu tinha medo: “este lugar está meio estranho, ambiente pesado”; hoje não. Hoje, eu entendo que, se eu passo por algum lugar que sinto estar estranho (*nós muçulmanos acreditamos nisso, ações de satanás e por ai vai...*), faço uma súplica rápida e sigo a vida. “«Vamo que vamo», porque eu sei de Deus.”

Em termos de qualidade de vida (*pensamento até filosófico*). Antes do Islã, (*por ser da área de Marketing e da área de Administração de Empresa*), eu tinha o pensamento de um capitalista qualquer. Se eu queria comprar uma BMW ou comprar uma mansão, teria que batalhar para isso. Fazer uma graduação, pós, e por ai vai... Pra conseguir chegar lá. Do contrário podia esquecer. A não ser se eu ganhasse na “mega sena”, o que não vai acontecer porque eu não jogo (*no alcorão, inclusive, o jogo nos é proibido, jogos de azar são proibidos*). Então, pensava: poxa tenho que estudar!

Mas, quando eu vim para o Islã entendi que o mais importante é ter uma vida digna. O que é a vida digna? Você ter uma casa, seu lar e as condições de manter a sua família. A sua esposa, os seus filhos, ter condições de dar estudo.

Ah! Mas, precisa ser o “Dante Alighiere”¹⁷⁵? Não! Possuir as condições para dar bom estudo (*aos filhos*), isso (*pra mim*) é vida digna. Se Deus me der uma BMW, uma grande casa, uma mansão, que seja! Mas, não é mais o meu objetivo. O que eu quero é ter uma vida digna, o resto é só consequência.

15. O que é o Alcorão pra você?

O Alcorão é um livro sagrado. É a luz e a misericórdia de Allah, de Deus pra nós muçulmanos (*e aqueles, não muçulmanos, desde que acreditem, passem a acreditar e a se tornar muçulmanos*). Esse é o significado maior do Alcorão.

Então houve a misericórdia de Deus no decorrer de milhares de anos. Na época de Abraão, de Noé, enfim até os tempos de hoje. As páginas sagradas de Abraão, os salmos de Davi, o evangelho de Jesus Cristo. A Torah com Moisés (*que a paz de Deus esteja com ele*) e Jesus Cristo também. Deus, e o Alcorão, e o profeta Mohammed entra nos orientando: “cuidado com o inferno! Façam; pratiquem boas ações. Vai chegar um dia em que tudo isso vai acabar.” Então o alcorão pra mim é isso. Um livro sagrado, isento de alterações.

¹⁷⁵ Instituição de Ensino de renome situada na capital paulista.

16. O Islã tem mudado seus hábitos alimentares? Como isso se dá? Há conflitos?

No Brasil muitos alimentos contêm porco. Então o alcorão diz quando é permitido, ou seja, quando não faz mal o consumo da carne suína. Quando ele é compelido àquilo, ou seja, forçado a comer; ou numa situação de extrema fome, ou seja, vou dar um exemplo: estou lá no nordeste, bem no sertão, perdido, não vejo animal nenhum, e passa um porquinho dando sopa. É a única situação em que é permitido se alimentar do animal. Do contrário o animal é sujo, impuro pra alimentação (*religiosamente falando*). Então, por exemplo, gelatina também. Tem gelatina que é feita de porco. Então, sempre que é possível, eu procuro ligar no “0800” (*que já aconteceu*), e pergunto: “está gelatina é feita com que?” E eles falam: “é bovina ou não é suína”. Inclusive, aquela SOL, marca de gelatina, é com bovino. Se eu quero comer gelatina, compro SOL. Não compro outra porque não sei do composto.

Agora, se tiver algum alimento que tenha porco e que eu tenha ingerido; não foi porque eu quis. Mas eu não sabia se tinha porco ou não. Todavia, prefiro dar uma pesquisada para saber melhor.

17. Parece que vocês muçulmanos possuem no Brasil um órgão chamado CDIAL-Halal. O que é isso?

O termo *halal* em árabe quer dizer lícito, ou seja, o animal não pode sofrer no abate. As vezes a gente vê matérias na TV em que dão machadadas no animal, judiam do animal. E Deus disse pra que nós não judiássemos dos animais, nem mesmo de árvores. Então o *halal* quer dizer que: o animal não sofreu durante o processo de abate. Foi abatido conforme os preceitos islâmicos.

Mas, é difícil você encontrar carne *halal* aqui no Brasil. Nós, aqui (*no Pari*), temos facilidade, pois há um açougue próximo a mesquita e outro mais ali. Mas, fora daqui é difícil e a maioria da carne *halal* é exportada para os países como Irã, Iraque, no Oriente Médio.

ANEXO G - Entrevista à Srta. B.K.L.

Nome:	B. K. L.
Sexo:	Feminino
Idade:	21 anos
Profissão:	Técnica de Laboratório
Instrução:	Superior Incompleto (cursando)
Tempo de Reversão:	6 meses

1. Fale da sua experiência religiosa *antes* de sua reversão ao Islã.

Antes da minha reversão ao Islã eu era evangélica, frequentava a igreja ao menos uma vez por semana.

2. Conte como se deu o seu processo de reversão ao Islã? E como aconteceu a sua *shahada*.

Meu processo de conversão se deu quando comecei a indagar muitas coisas que seguia desde criança e as justificativas para continuar à segui-las não me convenceram. Comecei a questionar diversas coisas na igreja e, principalmente, não sentia que estava adorando a Deus da maneira que deveria.

Depois de cerca de 10 meses de estudo (*no Islã*), decidi fazer minha *shahada*, eu tinha certeza do que queria, da decisão que estava tomando. Minha *shahada* não foi filmada ou assistida por muitas pessoas, foi algo mais íntimo, com cerca de 4 muçulmanas.

3. Sua família aceitou sua nova religião? Como isso ocorreu ou tem ocorrido?

Minha família aceitou minha decisão, não imaginava que seria tão simples, mas até hoje minha mãe não aceita muito bem e procura não tocar no assunto.

4. Seus antigos amigos aceitaram seu novo status religioso? Como isso ocorreu ou tem ocorrido?

Meus antigos amigos, que continuam sendo os atuais, aceitaram e aceitam minha decisão, sempre têm muitas dúvidas, curiosidades e gostam de conhecer mais sobre a religião.

5. Você tem algum tipo de conflito(s) entre identidade religiosa e profissional? Como vo-

cê tem procurado resolvê-lo(s)?

Não tenho nenhum conflito com identidade religiosa e profissional.

6. Você trocou seu nome? Conte como isso se deu?

Não troquei meu nome, não há nada que me obrigue a isso, e para mim: Deus me conhece independentemente do meu nome.

7. Você comemora datas especiais do Islã? Quais e como?

Sim, sempre que possível. Caso não haja a possibilidade de comemorá-las na mesquita, as comemoro no meu coração. Por exemplo, na quebra do jejum do Ramadã não pude estar em nenhuma comemoração, mas foi um dia especial para mim.

8. Fale como você tem lidado com os feriados cristãos.

Como nasci evangélica, não comemorava os feriados cristãos tais como natal ou páscoa; sempre acreditei que não há uma data específica, registrada em algum lugar para comemoração destas datas.

9. Você é uma muçulmana praticante? Quais reuniões pratica? Vai constantemente à mesquita?

Sim, sou adepta ao Islã praticante, sempre busco fazer e praticar tudo o que está ao meu alcance. Participo de aulas de árabe e religião na mesquita, quando possível procuro ir para a oração de sexta-feira.

10. Quanto ao uso da indumentária (*hijab* ou *niqab*), como você tem lidado com esta realidade no dia-a-dia? Você gosta de mostrar sua nova identidade nestes quesitos?

Ainda não uso o *hijab* pois não me sinto preparada, afinal é algo pouco comum no nosso país. Um dia pretendo usar.

Após minha reversão comecei a mudar meu jeito de vestir, mas tudo aos poucos, para que tudo o que fizer seja com a certeza e a garantia de não voltar para trás. Quanto ao mostrar minha identidade, as pessoas próximas de mim conhecem quem eu sou, não preciso mostrar pra ninguém isso, como um rótulo, tudo parte da sinceridade do coração com Deus.

11. O Islã tem mudado seu hábitos alimentares? Como isso se dá? Há conflitos?

Após minha reversão deixei de comer carne de porco, não foi difícil, pois nunca apre-

ciei esse tipo de carne. Minha família já conhece minha decisão e respeita, pois a justificativa para isso é mais que plausível. Quando preparam esse tipo de carne em casa sempre há uma alternativa para mim.

12. Como você vê o casamento de um adepto do Islã com outro não islâmico?

Acredito que um casamento assim apresenta grandes chances de não dar certo. É difícil imaginar a convivência com alguém que não possui os mesmos hábitos e crenças que você.

13. Como tem sido a sua relação com as autoridades do Islã aqui no Brasil?

Minha relação com as autoridades islâmicas no Brasil é de muito respeito, como qualquer outra autoridade. Admiro o conhecimento e dedicação dos *sheikhs* em transmitir a mensagem do Islam.

14. Em que o Islã tem ajudado você no quesito da qualidade de vida?

O Islã me proporciona paz, tranquilidade, me ensina a lidar com as dificuldades da vida de maneira racional, me auxilia na tomada de decisões e, acima de tudo me aproxima de Deus, o que proporciona mais do que qualidade de vida, proporciona paz e contentamento.

15. Você poderia falar, de forma breve, sobre o que o Islã tem proporcionado para você na arte, saúde, economia e vida sentimental?

Sempre gostei da cultura do Oriente Médio, desde criança, é algo que não sei explicar, não tenho nenhum parente descendente de lá. Sempre gostei da língua árabe, a tenho como uma arte. Quanto a saúde, aprendi a valorizá-la a cada dia mais, com o jejum aprendi a controlar meu próprio corpo quanto a vontades que podemos dominar. Quanto a economia, o Islã pouco influenciou no meu dia a dia e a vida sentimental, proporcionou amadurecimento e autoconhecimento dos próprios sentimentos.

16. O que você ganhou e/ou perdeu na sua reversão ao Islã?

Eu só tive a ganhar com a minha reversão e a cada dia ganho mais por estar mais próxima de Deus.

17. O que é o alcorão para você?

O alcorão é um livro sagrado, como a bíblia. Foi revelado por Deus, no entanto não apresenta interferência e erro humano quanto a traduções e interpretações de seu conteúdo.

ANEXO H - Entrevista ao Sr. C.D.

Nome:	C. D.
Sexo:	Masculino
Idade:	39 anos
Profissão:	Designer Gráfico
Instrução:	Ensino Médio
Tempo de Reversão:	17 anos

1. Fale da sua experiência religiosa antes de sua reversão ao Islã.

Eu vim de família cristã, pai e mãe cristãos (*católicos*). Minha mãe e meus parentes praticantes. Eu fiz alguns cursos dentro da igreja. Cursei o catecismo e até meus 16 anos eu estava presente em todas as atividades da igreja onde eu frequentava (*próximo a minha residência*). Mas, chegando à adolescência e tendo que trabalhar e estudar, esta frequência diminuiu bastante.

Enfim, não posso dizer que na minha juventude eu fui um cristão praticante, de ir à igreja, eu acho que como a maioria hoje não é.

Às vezes a pessoa está na rua e pergunta pra você: “qual que é a sua religião?” Ai, pra você não ficar sem graça, diz que é católico, mas não tem nenhum hábito e é por nome só. Minha vivencia religiosa foi mais dentro do cristianismo católico.

Depois, na juventude, tive algumas experiências; fui a algumas igrejas protestantes, tive pequena passagem pelo budismo e candomblé também. Mas, não me firmei em nenhuma destas vertentes religiosas. Até então eu me declarava como cristão.

2. Conte como se deu o seu processo de reversão ao Islã? E como aconteceu a sua *shahada*?

Certo dia conheci uma muçulmana, então eu pude distinguir um pouco mais sobre a religião islâmica. Foi onde eu tive meu primeiro contato com o Islã.

Através desta pessoa (*uma senhora, brasileira, muçulmana*), eu conheci seu filho, o qual me convidou para ir à casa dele. Quando fui, eu o encontrei rezando, e achei diferente. Um pouco estranho, porque eu não tinha visto alguém fazer as orações daquela forma.

Aquilo me deixou marcas. No momento eu não perguntei nada, não falei nada, mas fiquei muito curioso. E, posteriormente eu procurei saber o que era ser muçulmano, e por con-

sequência, o que era o Islã. Então comecei a entender um pouco mais sobre essa religião; foi onde me despertou o interesse de querer saber mais, de querer seguir essa religião, então retornei novamente a casa daquela senhora.

Lá, aos sábados, tinha aulas de religião para filhos dela com um *sheikh* aqui de São Bernardo (*que saía daqui para dar aula para os filhos dela lá*). Acabei participando de uma dessas aulas e tudo o que ele disse lá era o que eu estava procurando, moralmente, espiritualmente, enfim. Era muito claro, lúcido, não tinha nada que fosse confuso e que eu não entendesse. Tudo que ele dizia soava muito bom. Eram claras as palavras que ele estava pronunciando ali.

Então, eles me deram alguns livros, os quais eu li e comecei a me aprofundar para saber a origem, como que surgiu, enfim... Eles me deram um livro sobre a vida do Profeta (*biografia*), e outros livros específicos sobre a crença muçulmana (*crença do Islã*). Pilares de crença, pilares de prática, como surgiu o Islã e seus princípios básicos. Li primeiro a biografia, depois os livros relacionados à prática no Islã.

Posteriormente conheci um grupo de divulgadores (*o Islã tem grupos de divulgadores*). Eu tive contato com um destes grupos o qual me presenteou com o alcorão em português (*este foi o meu primeiro contato com o alcorão*). E, ao ler, me decidi completamente e entendi que aquele era o momento de me tornar um muçulmano.

E o que continha naquele livro (*pra mim*) era a verdade e eu já não tinha como negar. Das experiências que possuía dentro da igreja ou de outros caminhos religiosos que tentei seguir, percebi que; a que mais se encaixava dentro daquilo que eu necessitava era a contida no alcorão e nos ensinamentos do Profeta Mohammad. Foi o momento que tive a convicção disso (*não fui forçado, não fiz por pressão e nem por moda, fiz por escolha pessoal, pois entendi que era o melhor para minha vida*). Fiz então o meu testemunho na presença de um desses grupos.

Onde, depois de um ano, quando eles retornaram de uma visita neste local, eu estava presente lá e, conversando com um dos professores, um dos *sheikhs*, ele me perguntou: “Eu estive aqui já faz um bom tempo, deixei livros com você, você leu e o que você achou disso?” Então eu disse: “Li tudo que continha naqueles livros e descobri que é a verdade. Tudo que está ali eu concordo.” “Então não tem porque você postergar algo, se você já sabe que isso é bom pra você.” Então eu fiz a minha *shahada* e meu testemunho com eles. Isso foi diante de um *sheikh* Moçambicano, já falecido (que a paz de Deus seja com ele). Eu tinha 22 anos na época.

3. Sua família aceitou sua nova religião? Como isso ocorreu ou tem ocorrido?

No princípio, a primeira pessoa a notar a minha mudança foi a minha mãe, porque era a pessoa mais próxima e apoiou totalmente. Viu que era algo muito bom. Porque, como jovem, naquele momento da vida, havia muitas escolhas a serem feitas e eu tinha feito algumas escolhas equivocadas. Então o Islã me deu um norte para seguir. Para minha mãe foi algo muito bom. Ela até me incentivava àquilo, quando as pessoas vinham questionar ela dizia: “foi a melhor coisa que ele fez na sua vida”. Minha mãe foi uma boa incentivadora para que eu me tornasse um bom muçulmano e me fortalecesse ainda mais dentro do Islã. E claro, aí tem, meus tios, meus primos, meus irmãos. Sempre tiravam um «sarrinho», enfim... Mas, nada que me abalasse ou me tirasse àquela convicção do meu coração. Com o tempo eles foram entendendo que aquilo tinha sido a melhor escolha na minha vida. E aos poucos eu fui conseguindo-lhes o respeito. Tanto que hoje, dentro da minha família eles têm-me um respeito muito grande, assim como eu tenho grande respeito por todos eles, independente deles serem muçulmanos ou não. São meus familiares e o Islã diz que os laços familiares são sagrados. Então eu não rompi os laços familiares, e do contrário, aproximei-me mais deles. A fim de mostrar que o Islã é uma religião de amor, de paz, de convivência, de harmonia e de integração com todos (*sejam muçulmanos ou não*). Eu acho que hoje consigo passar isso pra eles e eles se sentem a vontade comigo. Muitas questões dentro da própria religião deles, eles vem discutir comigo o ponto de vista, o que eu acho, enfim. Eu acho que hoje a gente tem uma convivência muito respeitosa, eles me respeitam, assim como eu os respeito muito e não tive grandes problemas dentro da minha família.

4. Seus antigos amigos aceitaram seu novo status religioso? Como isso ocorreu ou tem ocorrido?

Com meus amigos, as pessoas que conviviam comigo, houve uma mudança muito grande. Eu estava na fase que eu saía a noite, eu bebia, saía com mulheres, enfim. E, de uma hora para outra, você corta isso. Claro! Todo mundo estranhou isso. “Então você virou padre, agora você é evangélico?” Eu respondi: “Não, me tornei muçulmano. O Islã me dá algumas opções não só nesta vida como na vida futura. E eu fiz estas opções e gostaria que vocês me respeitassem nelas.” Acho que foi isso que aconteceu...

Como era de se esperar, muitos se afastaram. Mas, aqueles que eram meus amigos de verdade, que cresceram comigo, permanecem meus amigos até hoje, frequentam a minha casa, e enfim, nós temos uma convivência muito boa.

Eu nunca tive nenhum tipo de problema, seja familiar ou com meus amigos, ou dentro

da sociedade brasileira por ser muçulmano (*se eu disser isso eu estou mentindo*). Talvez, num período apenas, que foi o período posterior ao 11 de setembro (*por tudo o que aconteceu e como o Islã estava em foco na mídia*). Então, as pessoas quando me olharam como muçulmano... (*Claro, eu entendo isso de forma natural, não vejo isso como racismo. Não! É algo que foi disseminado pela imprensa. Você sabe! As pessoas não leem, não procuram saber a verdade.*) Acabavam confundindo algumas coisas, então saiam algumas piadas, enfim... Mas, nada que me fosse constrangedor. Coisas que a gente vê no dia a dia. Sabe, o povo brasileiro é um povo que gosta de se divertir e faz piada com tudo. E a gente tem que saber lidar com estas questões.

5. Você tem algum tipo de conflito(s) entre identidade religiosa e profissional? Como você tem procurado resolvê-lo(s)?

Fez cinco anos que eu trabalho no CDIAL e vai fazer seis agora. Mesmo quando eu trabalhava em outros lugares eu nunca tive problemas, nem tive conflitos. Eu já trabalhei em empresas, em escritórios, enfim... Acho que tudo se resolve com uma boa conversa. Eu não posso pensar que não vou conseguir entrar numa empresa por ser muçulmano. Creio que tudo vai da sinceridade no momento em que você é contratado. Então, em todas as empresas que trabalhei deixei muito claro: “eu sou muçulmano e tenho essas práticas, e eu gostaria que vocês me respeitassem nisso.” E fui respeitado. Nunca, ninguém chegou pra mim e disse: “olha, você não vai rezar...” Pelo contrário, as pessoas sempre tiveram respeito comigo. Vai mais da maneira de como você se comporta, do seu comportamento. Acho que isso influencia bastante também. Se você age de acordo com o que você fala as pessoas aprendem a ter respeito por você. Se você age em desacordo com o que fala é claro que as pessoas deixam de ter aquela confiança. Então dizem: “este aí só fala, mas nunca faz nada.” Eu sempre procurei aplicar o Islã na minha vida prática. Eu não sou muçulmano só dentro da mesquita. Eu tenho que ser muçulmano em todos os aspectos morais que a vida me coloca. Eu tenho um guia moral a seguir, seja como pai, como filho, como funcionário de uma empresa, como professor, como presidente, como coronel, enfim. O Islã te ensina conduzir estas questões, e é muito completo neste sentido. Não deixa brechas.

6. Você trocou seu nome? Conte como isso se deu?

Não! Não troquei, isso não é uma coisa obrigatória. A questão de você adotar um nome, uma nova identidade, é mais algo simbólico. Mesmo na época do Profeta (*que a paz de Deus esteja sobre ele*), ele nunca obrigou ninguém a trocar o seu nome. A não ser aquelas

peessoas que tinham um nome “muito ruim”. Por exemplo, você pega os nomes mais famosos que os muçulmanos gostam de usar: *Mohammed, Abu Bakr, Ali, Uthman, Aish*. Todos esses nomes foram nomes de pessoas «antes de se tornarem muçulmanas». E, os nomes destas pessoas não foram trocados. Quais nomes foram trocados? Aqueles nomes que denotavam incredulidade ou algo de muito ruim. Um exemplo: se tinha uma pessoa de nome *Abdul-Shamash, Abdul* – servo, *Shamash* – Sol, “servo do Sol”. Mas, um muçulmano não pode ser “servo do Sol”, o muçulmano tem que ser “servo de Deus”. Então o Profeta dizia: troca esse nome a partir de hoje, e dava uma alcunha (essa palavra alcunha vem do árabe *cunhar*). Cunha quer dizer, você dar um apelido nobre para a pessoa. Então *Abdul-shamash*, a partir de hoje vai ser *Abdul-Alliyy*, que quer dizer: “Servo do Mais Alto (Deus)”. Só nesse sentido, em outro sentido não há necessidade de se trocar o nome.

Mas, claro que uma pessoa quando se torna muçulmana, talvez não goste de seu nome, talvez queira trocar o seu nome. Ela pode fazer isso, não há nada que impeça. Isto para marcar um novo início da sua vida. Então você vai ter ai Roberto que vai pôr o nome de Mohammed, vai ter Luís, ele vai colocar o nome de Ibrahim. Enfim, isso é até incentivado. Porque são nomes de pessoas que fizeram muito pela humanidade. Então é uma forma de honrar estas pessoas. E, é lógico que você pode honrar também através do seu comportamento. E aqueles que carregam o nome delas devem honrá-las, pois é uma responsabilidade muito grande.

Então você tem que agir para honrar o nome daquelas pessoas, que deixaram para a posteridade. Desta forma, eu não vi necessidade de trocar meu nome.

Mesmo porque eu sempre fui dado a divulgação. Eu sempre estive fazendo a divulgação deste trabalho. Ou nas horas vagas, em meu tempo livre, para falar do Islã para as pessoas. Eu já tenho uma fisionomia de árabe. Se eu chego num ambiente e falo: eu me chamo Mohammed. Então o pessoal vai pensar – um árabe. Mas eu chego e digo: meu nome é C., brasileiro, muçulmano, revertido. A pessoa se sente mais à vontade, enfim... É por isso que eu não vi problema algum em ficar com meu nome. Às vezes as pessoas brincam, seu nome é o nome de um rei que matou muitos muçulmanos. Cabe à eu mudar esta história... Agora vai ser um C. que ao invés de matar muçulmanos vai divulgar o Islã para as pessoas se tornarem muçulmanas.

7. Você comemora datas especiais do Islã? Quais e como?

Para o Islã só existem duas datas, que seriam feriados religiosos. A primeira é o término do mês do Ramadã, onde se termina o jejum. O término do jejum é um dia de festa. O segundo feriado é quando se finaliza a peregrinação a cidade sagrada de Makkah. No dia poste-

rior também é feito uma festa. Estas são as duas festas que nós muçulmanos comemoramos. Não comemoramos o nascimento do Profeta, nem o nascimento dos seus companheiros. Porque não foi uma prática que ele deixou pra nós. Então, para nós comemorarmos o nascimento de Jesus no dia vinte e cinco de dezembro não faz sentido. Inclusive esta data foi criada, não condiz com a verdade. Mas, enfim, nós respeitamos porque para os cristãos é algo que tem muito valor.

8. Fale como você tem lidado com os feriados cristãos.

Eu respeito as datas dos feriados cristãos, pois é a fé que eles praticam. Como o Islã sempre respeitou todas as práticas religiosas ao longo da história. Não é algo momentâneo, mas desde o seu início. Pois foram uma religião tolerante as outras religiões.. Então, em relação aos meus familiares e estas datas religiosas: “eu não participo!”. Porque não me faz sentido participar destas datas. Mas, respeito e congratulo as pessoas por isso, por estas datas, mas não faço parte destas festividades. Natal, páscoa, sexta-feira santa, pra gente não faz... Não está dentro do contexto da nossa religião.

9. Você é um muçulmano praticante? Quais reuniões pratica? Vai constantemente à mesquita?

O Islã não é ser muçulmano só dentro de uma mesquita, mas uma vida diária. Então tudo aquilo que você faz para agradecer a Deus é um ato de adoração. Não é só o ato de você ir a mesquita e rezar, isso é fácil. Se *Alah* disse para você se afastar da bebida alcoólica e você se afasta dela é uma adoração, porque você está obedecendo a uma ordem divina. Deus disse: “não minta, não faça o mal.” Então, se você resguarda com toda a sua força para não fazer o mal, para não mentir e não prejudicar as pessoas você realiza uma adoração.

Então, dizer para você algo que eu faço e que eu não faço vai ser algo muito extenso, mas eu tenho uma vida ativa aqui, dentro do centro islâmico (*com a mesquita*). Nós temos cinco orações diárias – três eu faço aqui na mesquita e duas na minha residência. Como eu moro um pouco afastado da mesquita, não tenho como fazer todas as minhas orações aqui. Mas, das cinco orações obrigatórias três eu faço na mesquita e também a de sexta-feira que é o dia sagrado dos muçulmanos.

E, fazendo parte da mesquita (*como todos nós que estamos aqui no centro islâmico*), tentamos fazer um pouco mais que isso. Fazendo o que? Auxiliando nos trabalhos de divulgação, recebendo as pessoas, participando das atividades sociais que são promovidas pela comunidade, na forma de integrar mais a sociedade a qual pertencemos. Para que eles conheçam

um pouco mais do que é o Islã e quem são os muçulmanos (*e, qual é a verdade por trás de tudo isso*).

Também, temos agora, a intenção que é de aproximar mais as pessoas da mesquita. Estamos convidando as pessoas para virem à mesquita. Porque as pessoas passam todos os dias em frente, mas não entram, porque acham: “ah! Não, isso é uma coisa só para árabe, que a gente não pode entrar.” O que não é verdade, a mesquita é a casa de Deus e a gente tem a preocupação que as pessoas frequentem este local, que entrem ali dentro, que a conheçam, bem como, o Islã. Que possam entrar em contato com o alcorão. Que possam entrar em contato com a mensagem do Profeta, enfim... Que possam ver que essa religião tem muitas coisas boas que podem ser agregadas à vida. Mesmo que elas não se tornem muçulmanas é importante que conheçam os valores islâmicos (*que são muito bons*). Que elas possam captar isso e colocarem em prática em suas vidas. Já vai ser algo muito bom para elas. Então, pra além da gente fazer apenas o proselitismo (*o Islã não é só isso!*).

Você não vai ver muçulmanos em jornal, em canais de rádio, você não vê! São poucos! Você nem tem acesso à informação do que é o Islã. Este trabalho que a gente faz é um trabalho de formiguinha. Um trabalho individual (*ainda*). É claro que em outros lugares do mundo isso já tomou uma dimensão maior, mas a gente está começando agora. Que é a divulgação, que é levar o Islã as pessoas. Um trabalho difícil, não é fácil!

A maioria das pessoas que estão envolvidas nisso são colaboradores. São pessoas voluntárias. São comerciantes, médicos, cozinheiros... Aquele tempo que sobra ele tira para ajudar na religião islâmica. Isso é a obrigação de todos os muçulmanos – viver na mesquita, estar na mesquita é parte importante desse processo. O Profeta disse que é melhor você rezar em congregação do que você rezar sozinho. Mas, nisso há também um aspecto social. Se você está na mesquita, você está vendo todos os seus irmãos, todos os muçulmanos. Você está junto deles, isto ajuda para que a gente esteja mais próximos uns dos outros. Estamos mais unidos, sabendo o que está acontecendo com cada irmão. Se alguém vem rezar todos os dias, mas hoje não veio, então: não veio hoje, não veio amanhã, a gente já está ligando pra saber se está doente, se precisa de alguma coisa ou aconteceu alguma coisa com ele. Essa integração social é a base também dos princípios do Islã. O Profeta disse que os muçulmanos é como se fossem um rebanho de ovelhas. Quando uma ovelha se afasta é claro que fica mais fácil para o lobo atacá-la. É importante que nós sempre estejamos unidos, sempre juntos. O mais próximo e o maior número de vezes possível.

10. Quanto ao uso da indumentária (*barba* ou *bigodes*), como você tem lidado com esta

realidade no dia-a-dia? Você gosta de mostrar sua nova identidade nestes quesitos?

Particularmente sempre usei barba e bigodes. Como a “lataria” não é muito boa passo “massa plástica” para “tapear”. Brincadeira, eu sempre usei barba. O Islã incentiva o homem a usar barba e rapar o bigode porque é algo natural ao homem. Se você for pegar todos os profetas anteriores, todos eles tinham barba, isto é, uma maneira de se vestir.

Em relação a vestimenta, não faz sentido que eu me vista aqui igual há um saudita, um afegão, um paquistanês, porque eu estou no Brasil. Não faz sentido, porque existe uma regra de vestimenta dentro do Islã, que é: aquilo que pode ser visto do homem, e aquilo que pode ser visto da mulher. Então, o que pode ser visto do homem? Quando ele sai na rua? Quando ele está com pessoas que não são do seu convívio familiar. O que nós chamamos de “aura”. A parte que vai acima do joelho até abaixo do umbigo – esta parte não pode ser vista, tem que estar coberta.

Ai vem a regra, como é esta cobertura? Não pode ser transparente e nem justa ao corpo. Então esta é a regra básica de indumentária. Camiseta, enfim. Isso ai não tem uma regra específica.

Em relação à mulher o que pode ser visto dela quando ela está na rua, vai estar com pessoas que não são do seu convívio familiar, ou, de repente, ela recebeu uma visita em casa de pessoas estranhas. O marido trouxe um amigo que não faz parte da família, não é irmão dela. O que pode ser visto dela? O rosto, os pés e as mãos.

É a mesma regra – não pode ser justo nem transparente. Ah, mas tem que ser preto? Azul, amarelo, roxo? Ela pode brincar com a moda do jeito que ela quiser. Desde que ela siga esta regra – não pode ser justo ao corpo e nem transparente. Só podem ser visto as mãos, o rosto e os pés, nada mais.

11. O Islã tem mudado seus hábitos alimentares? Como isso se dá? Há conflitos?

Não foi difícil, não que eu não comesse várias coisas. Mas, a partir do momento em que eu comecei a ler o alcorão, e eu vi as proibições que Deus havia colocado. Sendo isso não apenas como algo religioso, mas também benéfico para a minha saúde. Então eu não vi problemas em tirar estas coisas da minha dieta. O que o Islã proíbe? Carne de porco e seus derivados. A carne de porco não deve ser consumida pelos muçulmanos, assim como pelos judeus e também pelos cristãos. Só que, com o passar do tempo, afrouxaram essas normas. Mas, no Islã isso continua muito claro – porco não serve como alimento para o gênero humano.

Ah! Então porque que o porco foi criado? Deus sabe, pois ele tem a sua função na natureza. Não vou discutir isso. Ele só está me dizendo: “olha! Tem tudo isso aqui pra você co-

mer, você só não come esse animal, porque ele não serve para você.” Então, Ele é o criador dos céus e da terra, e Ele sabe melhor do que eu o propósito destas ordenanças.

Então, eu me afasto e não como. Também os seus derivados: mortadela, linguiça, salaminho, presunto, tudo aquilo que for atrelado ao porco (*para mim*) é proibido. Todo animal que tenha sido morto e não tenha sido invocado o nome de Deus, e ele não tenha sido sangrado. Por exemplo; um boi que foi morto com uma pistola de ar, não teve a sua jugular cortada. Não posso comer esta carne, ela não é lícita para mim.

A carne se torna lícita para o muçulmano a partir do momento que ela é degolada, assim como aos judeus e cristãos. Só que, como eu disse, os judeus observam isso muito forte também, o que eles chamam de *abate kosher*¹⁷⁶, que é o abate conforme as regras e ditames da religião judaica – no ensinamento de Moisés.

Nós muçulmanos, também seguimos à risca isto que está dentro do alcorão. Jesus também não tinha o hábito de comer este tipo de alimento, só que... Até a regra dietética de Jesus é muito diferente do que os cristãos fazem hoje. Mas, enfim, a questão aqui é o Islã.

Pra nós muçulmanos a regra é: não podemos comer carniça (*animais que estejam em decomposição ou carne podre*), não podemos comer carne que não tenha sido degolado, podemos comer aves, caprinos, bovinos, com exceções – dos equinos. Já, do mar, tudo é lícito. Podemos comer tudo. Não há necessidade de ter um ritual. Peixe, camarão, qualquer animal que venha do mar, podemos comer tudo. E das aves – as de rapina e as aves carniceiras elas são proibidas aos muçulmanos. E dos animais as feras (*os que usam a sua garra e as presas para caçar*), estes também são proibidos: leão, cachorro, gato, enfim... Há também a parte de insetos. Não há uma legislação muito clara, mas há uma escola que diz que não é lícito comer. Mas, aí quando você lê o alcorão você vê que João Batista se alimentava de gafanhotos e mel. Então há aqui uma permissibilidade.

Contudo, na ausência de alimento, aparece um belo de um porco. Mas, o Islã diz que o porco é proibido. Contudo, neste caso eu posso comer. Porque eu vou comer para eu manter a minha vida. Porque se eu estou num lugar onde não tem comida, me apareceu um porco, eu o mato e como, faço pela sobrevivência. Só que eu não devo fazer disso um hábito prazeroso. Sabendo que isso é uma permissibilidade que me foi dada mediante a situação – uma exceção. O Islã tem as regras, mas também tem as exceções. Neste caso eu posso comer o porco, comer um leão, desde que esteja nesta situação.

Com relação às bebidas, nenhum tipo de bebida inebriante. Qualquer bebida inebriante

¹⁷⁶ A palavra hebraica *kosher* significa “bom” e “apropriado”. Refere-se aos alimentos preparados de acordo com as leis judaicas de alimentação (*kashut*).

é proibida aos muçulmanos. Mesmo que seja um vinho – seja pouco ou muito, no Islã é totalmente proibido o consumo de álcool. Tudo aquilo que entorpeça a mente.

E aí você tem uma lista muito grande. Qualquer tipo de droga, bebida alcoólica, até mesmo um êxtase, que é uma droga sintética. Eu não posso fazer uso disso, porque me tira do normal.

Na minha juventude, por exemplo, tinham um costume de tomar um comprimido junto com a bebida alcoólica, porque aquilo fazia a pessoa ter uma sensação. Mas é proibido. Só posso utilizar como medicamento, estritamente necessário para minha vida. Mas, tomar um medicamento para ter um delírio, me sentir bem – como droga. Não, eu não posso! É pecado dentro do Islã.

12. Como você vê o casamento de um adepto do Islã com outro não islâmico?

Olha, o Islã diz que o homem muçulmano pode casar com uma muçulmana, uma cristã ou com uma judia. São estas três possibilidades... Com outras crenças não é permitido, porque são tidos como idólatras.

Mas, você vai dizer: os católicos também são idólatras. Todavia, isso não é de hoje; os católicos adoram ídolos há mais de mil anos (*mil e quatrocentos, mil e quinhentos anos*). No cristianismo primitivo não tinha isso, mas quando se organizou a Igreja Católica foram introduzido tudo isso.

O alcorão foi escrito nesta época de idolatria, ele combate: “não façam de Jesus Deus. Não adorem ídolos, enfim...” O Profeta não tinha ciência dos cristãos que viviam naquela época? Tinha ciência, mas ainda assim, estes cristãos têm a crença em Deus, que é o criador dos céus e da terra. Diferente de outras crenças e outras práticas. Por exemplo, o hinduísmo. Não estou dizendo que eles não acreditam em Deus. Mas, todas as crenças do hinduísmo estão voltadas para um paganismo muito forte. Já não serve pra gente. Como eu vou chegar em casa, por exemplo, e está lá um elefante com oito braços, digo, dezesseis braços, duas cabeças e vou ver as pessoas adorando a deus sabendo que aquilo é algo.... Então, para não ter esse tipo de problema dentro da sua casa o muçulmano deve escolher uma muçulmana, uma cristã ou uma judia para se casar.

Já a mulher muçulmana só pode se casar com um muçulmano. Não pode se casar nem com judeu ou cristão. Porque ela pode vir a deixar o Islã por conta do marido. Ela pode amar tanto o marido que ele pode usar isso para que ela deixe de amar a Deus e a religião. Essa é a regra pra mulher. O homem não, ele.... ele pode fazer isso também. Mas, geralmente é a mulher que faz... gosta mais de fazer a vontade do marido... quando está apaixonada pelo homem

(do que o homem pela mulher). Então, por isso que o Islã colocou esta regra.

13. Como tem sido a sua relação com as autoridades do Islã aqui no Brasil?

Dentro do Islã não existe uma hierarquia como na Igreja Católica. Nós temos líderes locais, regionais, estaduais e nacionais. Você vai ter, por exemplo, na Arábia Saudita, autoridades hierárquicas por cidade, estado e *wolf* – que é a pessoa responsável por mudar os decretos religiosos da Nação. Mas, mesmo assim, ele não fala por todos os muçulmanos do mundo inteiro. Porque hoje nós não temos um califado. Pois, o Islã disse que todos deveriam ser governados por um único rei. E isso hoje não existe. Nós temos todas as nações muçulmanas divididas.

É claro que isso foi feito propositalmente, isto foi imposto aos muçulmanos politicamente, para que não houvesse politicamente esta união. Senão seria algo... Enfim... Na minha visão muito bom, mas existem pessoas que não pensam assim. Então, houve essa divisão dos estados muçulmanos. Hoje você tem 56 países islâmicos, de maioria muçulmana, que são dirigidos por presidentes, príncipes, reis. Enfim, cada país tem o seu tipo de governo. Alguns ditadores, enfim... E cada país tem o seu líder religioso máximo, que é incumbido de entregar-nos a *fatwa*¹⁷⁷ – que são os decretos religiosos associados a questões específicas.

No Brasil nós temos um conselho superior de sábios e teólogos, que é a reunião de todos os *sheikhs*. As decisões que devem ser tomadas nos termos de regulamentações, está nas mãos destes líderes, que dão os decretos e repassam para as comunidades e seus estados. Eles se reúnem a cada dois meses, mas se houver uma questão urgente eles convocam uma reunião extraordinária.

Lembrando que o Brasil é um continente. Você tem *sheikh* no Paraná, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas. Então, têm que haver tempo hábil para reunir todas estas pessoas e dar continuidade a estes trabalhos. Tem-se um escritório central aqui em São Paulo. Claro, se não há possibilidade de todos participarem, a diretoria (*formada de doze*) decide, mas com o consentimento de todos os demais *sheikhs*. Então, o assunto é debatido e dali sai uma resolução a qual a comunidade deve seguir. Mas, tudo dentro dos limites da lei brasileira, porque não estamos dentro de um Estado muçulmano. Então, muitas leis islâmicas não podem ser aplicadas, mas nós muçulmanos não podemos ignorá-las. Por exemplo: no Brasil é proibido o consumo de álcool? Sim, para menores de 18 anos, ou se você faz o uso excessivo dele. Caso contrário você pode estar na sua casa e tomar uma cerveja e ninguém vai te falar nada. Agora,

¹⁷⁷ Trata-se de um pronunciamento legal emitido por um indivíduo ou juiz da lei islâmica (especialistas), a fim de esclarecer alguma jurisprudência pouco clara.

eu como muçulmano, posso fazer uso dessa lei? (*porque eu não estou num Estado muçulmano*). A lei do Brasil não vai me punir por isso, desde que eu não dirija embriagado, enfim, mas dentro da minha casa eu posso. Mas, eu como muçulmano vou fazer isso? Não! Por quê? É pecado, o Islã disse que devo afastar-me disso.

Cobrança de Juros – é uma prática comum dentro do nosso sistema financeiro. Você não faz nada sem juros, você não compra um sapato sem estar dentro do sistema de juros. Mas, eu como muçulmano não entro nesse sistema de juros, e nem comercializo com as pessoas (*com juros*).

Estou dizendo assim: eu sou muçulmano e tenho uma loja, e esta está sujeita ao sistema econômico do país. Eu irei fazer de tudo para não entrar na política dos juros. Não quero pagar nem cobrar juros das pessoas. Porque, no alcorão é um pecado muito grave. Então, os muçulmanos têm muita preocupação neste sentido.

Eu não tenho cartão de crédito, e tenho uma conta simples no banco. E quando eles cobram alguma taxa (*e eu vejo que é juros*), vou lá e brigo mesmo. Porque eu não cobro juros de ninguém e não vou pagar juros para ninguém. A não ser que eu tenha uma dívida, mas é outra situação.

Entre nós, muçulmanos, não há cobrança de juros (*mas isto nós temos que fazer com todos*). Por exemplo, se alguém toma emprestados mil reais e for pagar daqui há um, dez ou trinta anos. Eu vou aceitar apenas mil reais, pois foi o que eu emprestei na época. Agora, o que o alcorão fala? Se você nota na pessoa pobreza, e vê que ela tem dificuldade e não está conseguindo pagar. Ela quer pagar, mas não consegue. O que o muçulmano deve fazer? Perdoa!

Desta forma, temos dificuldades para vivermos dentro de um código civil que não é muçulmano. Mas, se o cara disser que não consegue ser muçulmano no Brasil por causa das suas leis é mentira. Ele pode praticar a religião em alto nível aqui, apesar das divergências. O Brasil dá todas as condições para isso.

14. Voltando a perguntar a respeito do *sheikh*. Ele pode cometer algum equívoco?

Sim, ele é humano. Ele pode cometer um equívoco. Ele não pode cometer é pecados. Não é que ele não pode, ele não deve! Pecados todos nós cometemos.

15. Existe uma punição caso isso ocorra?

Não, isso ai é uma coisa que... nós não estamos num Estado islâmico, não tem como se punir isso. O *sheikh* é um ser humano também, ele vai errar, é claro. O certo é que não erre,

mas as coisas não são bem assim. O que não é aceito (*eu acho que até a gente tinha conversado da outra vez a respeito disso*), é que ele crie algo que não pertença a religião. Isto não vai ser aceito de forma alguma. Então, é estabelecido pelo alcorão que o muçulmano deve rezar cinco vezes ao dia; aí o *sheikh* sobe no púlpito e diz: “de hoje em diante nós não vamos rezar mais cinco vezes, mas apenas três.” Ele está mudando a base da religião, não pode.... Se ele estiver contrário as bases do Islã, o alcorão e a *sunnah* do profeta (*hadiths*), ele será questionado em relação a isto. Porque existe um padrão de entendimento daquilo que é a base do Islã. Isto é padrão em todo o mundo, não se muda. Por mais diferentes que sejam as nações e as pessoas que se tornaram muçulmanas há um foco principal. E se alguém sai do foco não é aceito.

Então o líder é cobrado quando ele comete este tipo de erro. Agora, os pecados da vida humana, isso aí é entre ele e o Criador. Não tem como você ficar fiscalizando a vida da pessoa 24 horas. Desde que ele não cometa nada em que venha a pôr em xeque o status da sua comunidade (*isto acontece com um padre, com um rabino, com um monge budista, com um sacerdote Hare Krishna, etc..*).

16. Em que o Islã tem ajudado você no quesito da qualidade de vida?

O Islã está presente em todos os aspectos da minha vida. É uma religião que se preocupa com o que eu como, como eu me visto, como eu me comporto, seja social ou seja no privado. Desta forma, ela vai regendo a minha vida. Estou falando dos aspectos materiais. Ela diz que eu tenho que cuidar do meu corpo, pois é algo que não me pertence, é algo que Deus me concedeu. É o receptáculo da minha alma, eu não posso fazer mal ao meu corpo, e não posso usar nada que venha a fazer mal ao meu corpo. Porque isso seria uma forma de ingratidão para com Deus... Eu não tenho direito de agredir o meu próprio corpo, seja com bebida alcoólica, com drogas, enfim...

Eu preciso ter uma boa saúde para adorar a Deus, para arcar com as responsabilidades da vida humana, a minha família, o meu sustento. O Islã ensina que você deve ser uma pessoa ativa. Não um sujeito dentro da mesquita lendo o alcorão o dia todo. Mas, um sujeito que influencia a sociedade. Por isso que o Islã se expandiu grandemente. O Profeta disse que “na época do juízo final, se você estiver com uma semente na mão – plante-a.” Peraí! Não vai acabar tudo? Por que eu vou plantar? Você tem que ser uma pessoa que está sempre inovando, fazendo boas coisas, boas ações e sempre contando com o amanhã, com esperança. Se virá ou não, Deus é quem sabe. Mas, se vier eu vou estar preparado para enfrentar aquela situação. A saúde moral também é muito importante dentro do Islã, para que você possa proteger as pes-

soas que estão ao seu redor. Por exemplo, um camarada que fica no bar, procurando mulheres... Não é bem visto pela sociedade. Quando sai do bar começa a falar algumas coisas. Enfim, isso influencia o seu desempenho como pai, como filho, como profissional, enfim... o Islã não permite isso. Ele quer que o ser humano conduza a sua vida da melhor forma possível, para que ele possa aproveitar essa vida de uma forma que seja benéfica. Para que, quando Deus recolher a sua alma no dia do juízo final, e estiver perante o seu criador, tenha boas coisas para apresentar. Olha, eu fiz boas ações e aquilo que Você me orientou procurei fazer: o bem para mim como para as pessoas. Deus vai recompensar cada um pela ação que fez, essa é a preocupação básica do muçulmano. Para além das questões materiais têm as espirituais que o muçulmano tem que observar. O Profeta é o maior exemplo disso, como pai, como pessoa... E, além de mensageiro de Deus que ele foi, nós temos grandes exemplos na vida dele para a vida humana...

O que o Islã fez de bom na minha vida? Tudo. Não tem o que eu dizer que foi melhor, toda mudança que o Islã proporcionou em minha vida pessoal (*em todos os aspectos*), foram importantes. O Islã me deu novos valores, novos horizontes, um norte, o qual eu devo seguir. Eu me apego a eles, e tento me apegar a estas questões o mais profundamente possível. Tento me agarrar nisso, fazendo da melhor maneira que eu posso. Apesar das minhas limitações como ser humano, com falhas e erros.

Mas, o Islã como um todo, em minha vida, só me trouxe benefícios. Ele me ajudou em todos os aspectos, que eu, sozinho, sem esse incentivo não conseguiria. Eu, talvez, tenderia a seguir, essas coisas que me são colocadas a todo o instante.

Não estou dizendo que são coisas ruins. Mas, são coisas que foram criadas para distrair-me do objetivo principal desta vida. Porque essa vida não é só nascer, ser criança, jovem, velho, morrer e acabou. Tudo o que você conseguiu nesta vida não vai com você, o que te segue são os métodos que você utilizou para conseguir tudo isso – suas ações. Eu posso ser o homem mais rico do mundo, mas isso, perante Deus, não vai ter nenhuma utilidade. A menos que eu saiba explicar para ele como eu consegui aquela riqueza, porque Ele estabeleceu como deve ser... O Profeta disse que você tem que ser como um viajante, esta vida tem começo, meio e fim – “preparai a vossa bagagem”. O que é a bagagem? As obras compostas de boas e más ações. Então você tem que estar atento a isso... O filho de Adão quando morre, três coisas acompanham ele até o túmulo: riquezas, família e as ações. O Profeta diz: “prestem à atenção porque apenas uma destas coisas vai com a pessoa.”

17. Você já respondeu todas as perguntas. Agora eu gostaria de saber de você sobre o

CDIAL.

O CDIAL foi organizado em 1987 pelo Senhor Presidente Ahmad Ali Saifi (*que sempre foi uma pessoa que teve a preocupação da divulgação do Islã*). Desde que veio como imigrante para o Brasil sentiu a necessidade de integrar os muçulmanos que aqui estavam numa comunidade, para que pudessem ter força, propagassem a religião e também se fortalecessem como muçulmanos. Então ele teve a ideia (*junto com algumas pessoas*) de fundar o CDIAL – que é o Centro de Divulgação do Islã para a América Latina e o Caribe. Depois da fundação começaram as atividades no CDIAL. Então, nós temos como metas: Um Congresso Internacional Anual (*em dezembro do ano passado foi realizado o décimo sexto*). Nestes Congressos nós trazemos pensadores do mundo todo, sábios islâmicos e representantes das entidades islâmicas mundiais, para debater as questões relacionadas ao Islã e avaliar como estão as comunidades na América do Sul. Nestes congressos são debatidas as questões relacionadas a comunidade muçulmana. Também é uma forma de estabelecer as metas que devem ser alcançadas por cada comunidade, seja de divulgação, construção de mesquita ou de manter e fortalecer as (mesquitas) que estão construídas.

Por exemplo, no ano passado o tema foi relacionado a educação islâmica. Viu-se a necessidade de se construir escolas islâmicas não só para o Brasil, mas para as comunidades da América Latina.

Além disso, o CDIAL também realiza seminários, de cinco a seis por ano – voltados para o ensino da religião islâmica. E nós dividimos estes seminários para: muçulmanos revertidos, aqueles que chegaram agora, os muçulmanos que já são de família ou estão há muito tempo no Islã, e para aqueles que estão diretamente relacionados à divulgação e propagação islâmica. Então, para cada um destes grupos nós temos um tipo de seminário específico.

Nós temos também os cursos que são feitos em todas as mesquitas, não só em São Bernardo, mas em todo Brasil. Em conjunto com as comunidades locais o CDIAL patrocina a realização desses cursos e também dos encontros que são feitos. Recentemente fizemos um encontro para muçulmanas, no interior de São Paulo – Guaíra, que abrangia todas as cidades daquela região – um encontro específico só para mulheres...

Nós temos a publicação dos livros, do jornal, da revista, dos panfletos – que é um trabalho mais voltado para o público não muçulmano (*mas, também contempla os muçulmanos*). O jornal e a revista são mais direcionados para a comunidade muçulmana, uma forma de noticiar os acontecimentos e trabalhos que estão sendo feitos – um relatório daquilo que acontece dentro da comunidade muçulmana, com alguns assuntos relacionados a comunidade como um todo.

Temos também, os livros, os DVDs, os CDs, os panfletos, os banners, os cartazes, mais voltados para os não muçulmanos (*material informativo a respeito do Islã e voltado para a divulgação*).

Todos os anos são impressos livros e folhetos com a finalidade deste trabalho. No ano passado nós imprimimos trezentos mil livros – que não é nada diante da necessidade que nós temos. Mas, mediante a nossa condição de trabalho foi o que pudemos fazer.

Tudo isso, com distribuição gratuita ao usuário final, um trabalho de filantropia. Na realidade, nós trabalhamos com doações. Então, se algo nos vem de uma forma fácil, temos que facilitar para que chegue aos outros desta forma. Claro que, em algum momento, a gente vai ter que cobrar isso. Mas, esse ainda não é o momento de fazer isso. No momento a nossa preocupação é que este material chegue ao maior número de pessoas possíveis.

No ano passado nós imprimimos oitocentos mil panfletos, foram cem mil de cada tema. Ainda não é o ideal, mas é o que a gente está podendo fazer no momento.

Realizamos também o auxílio para as comunidades que estão espalhadas por todo o Brasil. O CDIAL tem como tradição auxiliar estas comunidades, dentro da medida do possível.

Também, como eu já disse, nós temos duas festas islâmicas no calendário – e o CDIAL atua de forma tal a facilitar para que as comunidades possam realizar as festas, com auxílio financeiro, material. Na necessidade de cada comunidade.

Também estamos ligados à Central de mesquitas no Brasil, onde a sua maioria foi, no início, auxiliada pelo CDIAL (*em sua construção ou incentivo para a sua fundação*).

18. A rádio ISLAM-br fica nas dependências do CDIAL?

Não, ela fica na Penha, mas está subordinada ao CDIAL, bem como a TV ISLAM-br.

19. E os Colégios Islâmicos, estão também subordinados?

Não, os colégios são independentes. Mantivemos um colégio por muito tempo, mas agora estamos pensando em algo diferente, e decidimos neste ano não dar continuidade. Mas, se Deus quiser o próximo ano voltaremos como o colégio com mais força, mais estruturado, e que possa abranger mais pessoas também.

20. O corpo de funcionários que trabalha aqui no CDIAL é voluntário?

No CDIAL os que trabalham integralmente são funcionários. Porque eles têm família e precisam do sustento. Como o trabalho é volumoso nós não podemos contar só com volun-

tários. Temos sim, muitos voluntários e muitas pessoas que nos auxiliam no trabalho, mas temos um número de funcionários remunerados que trabalham especificamente para isso. Voltados para a questão da divulgação. Os funcionários são os organizadores, os voluntários vêm para auxiliar este trabalho.

ANEXO I - Entrevista ao Sr. Luiz Carlos Pereira Lucena

(62 anos, documentarista e jornalista – formado pela USP – Mestre em Audiovisual)

Diretor dos filmes: “Os Manos de Alá” e “Sob o Véu do Islã”

1) Como surgiu a ideia de produzir documentários sobre o Islã?

Bem, eu sempre eu tive muita curiosidade para conhecer estas questões ligadas ao mundo árabe. Desde o colégio interno que a gente lia aquelas histórias das mil e uma noites. E, sempre tive interesse de ler o alcorão.

Um dia, quando fui ao dentista, na sala de espera abri a “Revista Época” numa matéria falando como os jovens da periferia, curtidores de *hip-hop* estavam abraçando o Islã. Pensei, “isto aqui dá um documentário.” Então sai à consulta esta informação na mente. Logo, li a matéria, baixei na internet, li bastante, comecei a pesquisar. Então decidi fazer, de forma independente, os primeiros contatos.

No início eu fui recebido com receio por parte dos muçulmanos, mas depois das primeiras entrevistas (*um vai indicando para outro*), consegui fazer um panorama breve de como realmente estes grupos de jovens (*principalmente grupo de gente negra ligado as posses de hip hop*), começaram a se envolver com islamismo.

Fui até falar com o presidente de uma mesquita aqui em São Paulo (*um senhor de idade*), que tem as mesmas linhas de pensamento. Então descobri que os negros da periferia se identificam muito com o movimento negro americano, movimento de luta pelos direitos civis. Malcolm X é o grande ídolo deles. Malcolm X foi um cara que se tornou muçulmano e defendeu a autoafirmação do negro, a questão da identidade do negro.

Então estes caras do *hip-hop*, depois de lerem, lerem, lerem as histórias de Malcolm X, Muhammad Ali (*Cassius Clay*), começaram a se envolver com o islamismo. Mas, quando eu fiz o filme eu conheci outro fator. Uma colega da USP disse que há um ponto comum entre os pilares do Islã e os fãs do hip-hop, o conhecimento. O *Afrika Bambaataa*, que é considerado o cara que criou o hip-hop colocou o conhecimento como um dos itens importantes para os fãs do *hip-hop*.

Então o hip hop tem o quinto elemento, todo mundo só conhece quatro: que é a dança, o rap, o DJ e o grafiteiro (*estes são os quatro itens do hip hop*), mas tem o quinto que é jus-

tamente esse “o conhecimento”, que acabou coincidindo com o conhecimento do Islã, essa coisa comum.

Eu fui atrás deste povo, da periferia, e descobri isso, e fiz o filme chamado “Os manos de Alá”, onde eles falam justamente isso. Eles estão ali, procurando a identidade. Eles acham que o negro não pode ser submisso, que o negro tem que se auto afirmar. Então esse é o primeiro filme que eu fiz sobre essa questão.

2) Este documentário “Os manos de Alá” desmistifica o conceito da Media infundido no imaginário do povo brasileiro?

Este foi o primeiro passo nesse sentido, porque eu mostro que estes brasileiros que estão se envolvendo com o islamismo não tem nada a ver com essa linha de Islã radical que a mídia fala a todo o momento (*ligando à questão do terrorismo, a questão dos muçulmanos*).

Os brasileiros que optam pelo Islã lutam para desmistificar aquilo que a mídia coloca a todo o momento. É claro que existem os muçulmanos radicais, mas eles não são religiosos. E existem as correntes do Islã pacíficas, ligadas ao pessoal aqui do Brasil. Eles estão sempre tentando quebrar este estereótipo preconcebido.

3) Como é que surgiu a ideia do filme “Sob o véu do Islã”?

Nos “Manos de Alá” eu entrevistei a maioria de homens e só duas mulheres (*muito rapidamente*). Então eu achei que as mulheres teriam que dar voz, também, para um filme.

Como o primeiro filme foi bem recebido pelas entidades (*ligadas ao Islã aqui no Brasil*), quando surgiu a ideia do segundo filme, eu apresentei para duas entidades. Uma ligada ao Islã e a outra (*uma empresa*). Elas se prontificaram a me ajudar na questão da produção básica. Desta forma, contei com o apoio do Centro Islâmico do Brasil, e uma empresa de equipamentos fotográficos chamada *Wordview* que é de linha árabe. E eles me apoiaram assim (*uma me deu equipamento e a outra pagou a viagem para eu fazer o filme sobre as mulheres*).

Então, quando eu fui fazer o filme sobre as mulheres eu descobri que mais do que os homens elas sofrem a questão da repressão da sociedade. Mas, pelo menos as mulheres que eu entrevistei estão felizes com a reversão.

4) Quais tem sido os resultados destes seus dois trabalhos?

Apesar de serem poucas as projeções (*porque o tema sofre um pouco de preconceito*). E, apesar do país ser laico. Eu não consigo exibir meu filme. As redes de televisão não o compram, não mostraram interesse em exibir. Os festivais não mostram interesse em exibir.

Eu tenho exibido ele em alguns poucos lugares. Acabei de exibir num festival aqui na cidade e em algumas universidades.

Nas universidades o debate é muito interessante, porque as pessoas não sabem que existem brasileiros que rezam cinco vezes ao dia, e que estes brasileiros não são terroristas.

O resultado, uma receptividade muito boa do filme, quando é exibido. Numa ocasião houve o debate de uma hora, então tivemos que encerrar porque tinha outra sessão a começar.

O debate sempre traz muita polemica, porque sempre há divergências. Mas, isso que é importante, o documentário está provocando.... Está começando a ficar visível através da internet e tem sido proliferado pelas pessoas que se interessam. Elas ajudam no sentido de fazer com que esta questão seja um pouco mais esclarecida.

5) Você é muçulmano?

Não, não sou muçulmano. Sou católico, de formação católica, e estudei em seminário de padre. Sou um estudioso, um repórter, então, estes assuntos me interessam porque tratam de questões contemporâneas que precisam ser discutidas.

E, é inédito no Brasil falar sobre esta questão, não existe! Só existem estes dois filmes meus sobre este assunto.

Talvez eu faça um terceiro; sobre os brasileiros na escravidão. Falando sobre os escravos que em Salvador, em 1835, fizeram a revolução, chamada revolução dos males, e que eles professavam uma religião. Eram escravos alfabetizados que escreviam em árabe, e vieram da África com a formação islâmica. Esse assunto me atrai. É mais uma questão de mexer com assuntos que são importantes para a sociedade em geral.

6) Você falou de uma terceira imigração do Islã? Poderia explicar melhor?

A gente vê três momentos básicos de formação do Islã no Brasil. Essa questão africana, que é do século XIX (1830), onde houve esta revolução. Eram escravos que vieram de países islâmicos, da África, e trouxeram a religião aqui para o Brasil.

Depois este grupo foi praticamente eliminado, sobrou pouca gente, mas sobraram ainda alguns remanescentes. Depois ocorreu a própria imigração dos países árabes, teve muita gente que veio da Turquia, Líbano, dos países árabes de maneira geral. Que professavam a religião, trouxeram a religião para o Brasil e criaram as suas mesquitas aqui, trouxeram os *sheikhs*.


Hoje o Brasil tem muitas mesquitas, muitos sheikhs (*muitos sheikhs árabes e também sheikhs brasileiros*), então este foi um segundo momento. Então começou o processo de re-

versão...

E há um terceiro momento da imigração, que eu acho que também é importante. Que é a imigração dos africanos nos últimos vinte anos. Os primeiros africanos que vieram estudar na USP com bolsas de estudo e trouxeram a religião com eles, depois esta imigração recente. De muitos africanos que têm vindo da Tunísia, Quênia e vem e ocupam o centro de SP. Tem muito negro aqui na Avenida Ipiranga. Há uma comunidade negra de africanos, e eles têm uma mesquita no centro, na Rua dos Guaianases (*era antes na praça da república*).

Onde se reúnem os negros africanos e os brasileiros da periferia. Sexta-feira você vê este grupo unido fazendo as orações. Este é o terceiro momento da imigração, porque todos são islamitas, falam os dialetos, mais muitos falam o inglês, ou francês e o árabe.

ANEXO J - Comunicado FAMBRAS



**FEDERATION OF MUSLIMS
ASSOCIATIONS IN
BRAZIL**

اتحاد المؤسسات
الاسلامية في
البرازيل

RUA TEJUPÁ, 188 - CEP 04350-020 - S. PAULO - SP - BRASIL - TEL.: 55 11 5035-0820/5031-0810 - FAX: 55 11 5031-6586 - E-mail: fambras@fambras.org.br

São Paulo, 13 de março de 2013.

À
**SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA
 DOM GIOVANNI d'ANIELLO**
 Núncio Apostólico no Brasil
 Brasília – DF

Senhor Núncio Apostólico


A Federação das Associações Muçulmanas do Brasil, em nome da maioria das entidades muçulmanas do Brasil, vem apresentar, com todo o respeito, nosso regozijo pela condução ao Trono de São Pedro do insigne **Cardeal Arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio – PAPA FRANCISCO**, satisfação essa embasada na trajetória religiosa de Sua Santidade, um homem de bem e de boa vontade.

Esperamos e temos a certeza que Sua Santidade o **PAPA FRANCISCO**, continuará a incentivar, como sempre o fez em sua vida, o diálogo entre as religiões, a Convivência pacífica, a Paz, a Concórdia entre todos os homens de boa vontade.

Estaremos sempre elevando nossas preces a **DEUS**, para que continue a iluminar a trajetória terrena de Sua Santidade, para que o Papa continue a incentivar e promover o diálogo inter religioso, objetivando a Paz no mundo, a promoção humana em todos os seus sentidos, a erradicação da fome e a Paz entre todos os povos.

Reverendo Núncio, a par de nossa satisfação, solicitamos a Vossa Reverendíssima que retransmita nossos votos de profícuo Papado ao **PAPA FRANCISCO**, à Santa Sé e toda a Igreja Católica Apostólica Romana.

Atenciosamente,


 Mohamed Hussein El Zoghbi
 Presidente

ANEXO K - Jornal "A Alvorada"



JORNAL A ALVORADA
Informativo Islâmico Mensal



CDIAL

São Bernardo do Campo - Brasil Rabul-Thani - Jumadal Auwal 1434 H. / Fevereiro - Março de 2013 Ano 8 / Número 94



26º Congresso Internacional dos Muçulmanos da América Latina e Caribe



JASIB

Sábios e líderes da comunidade muçulmana reunidos para discutir a educação islâmica na América Latina e Caribe



 <p>COMUNIDADE Foi realizado na cidade do Guaira o Encontro de Mulheres Muçulmanas. Pag. 6</p>	 <p>ATIVIDADES Aconteceu em São Paulo o 18 Encontro de Jurisprudência Islâmica no Brasil. Pag. 4</p>	 <p>ATIVIDADES Iran tem 16ª uma das maiores fundações de ajuda humanitária do mundo em vista ao Brasil. Pag. 5</p>	 <p>INTERNACIONAL Conselho Mundial do Congresso Europeu de Membros Hala (EMHC) 2013. Pag. 8</p>	 <p>COMUNIDADE Em breve teremos um novo site de divulgação do Islam em língua portuguesa. Pag. 6</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



الفجر
صوت الجاهليين المسلمة بالربيع



CDIAL

تحت إشراف مركز دار الفجر للدراسات والبحوث الإسلامية - القاهرة

تحت إشراف مركز دار الفجر للدراسات والبحوث الإسلامية - القاهرة



مؤتمر ساوباولو الإسلامي يوصي بتأسيس مجلس للتربية والتعليم بأمريكا اللاتينية

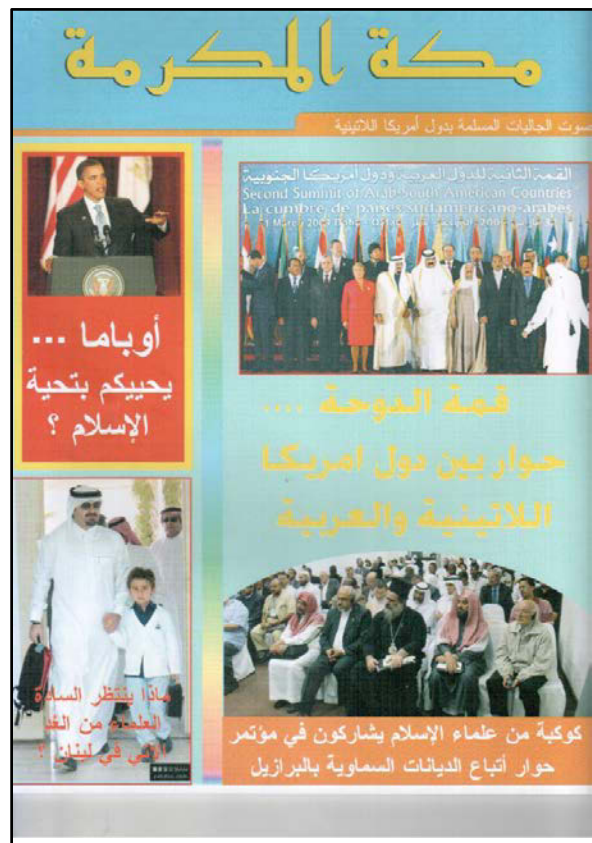
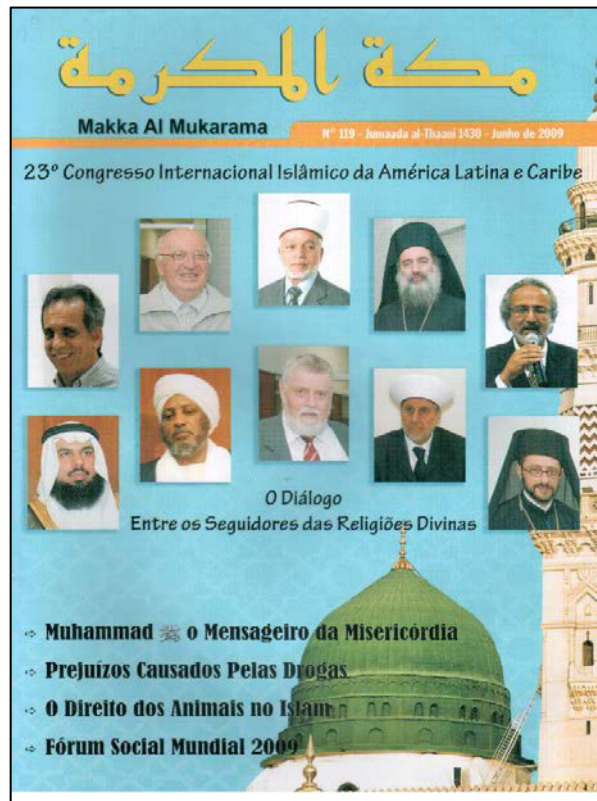


JASIB



 <p>العالم وقد أصبح الآن المجلس العالمي للتربية والتعليم الإسلامي.</p>	 <p>المسلمون أحد المبرمجين الذين عملوا على تطوير شبكة من المؤسسات الإسلامية في أمريكا اللاتينية.</p>	 <p>المسلمون تمت الموافقة على إنشاء المجلس العالمي للتربية والتعليم الإسلامي.</p>	 <p>المسلمون إن شاء الله تعالى سيتم منحه الجنسية الأمريكية للمؤسسات الإسلامية.</p>	 <p>الأنشطة عملت شبكة المؤسسات الإسلامية العالمية على إعداد تقرير عن النشاط الإسلامي في أمريكا اللاتينية.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

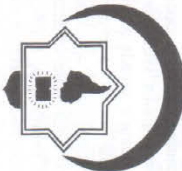
ANEXO L - Revista "Makka Al Mukarama"



ANEXO M - Panfletos Informativos do CDIAL

Nº 1

**CONHEÇA O ISLAM
E OS MUÇULMANOS**



CDIAL
CENTRO DE DIVULGAÇÃO DO ISLAM
PARA AMÉRICA LATINA

Conheça nossa Mesquita!
Visite-nos!

Local:

Nº 3

**O QUE SE
DIZ SOBRE
O ISLAM**



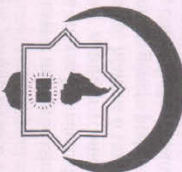
CDIAL

Conheça nossa Mesquita!
Visite-nos!

Local:

Nº 10

**A MULHER
NO
ISLAM**

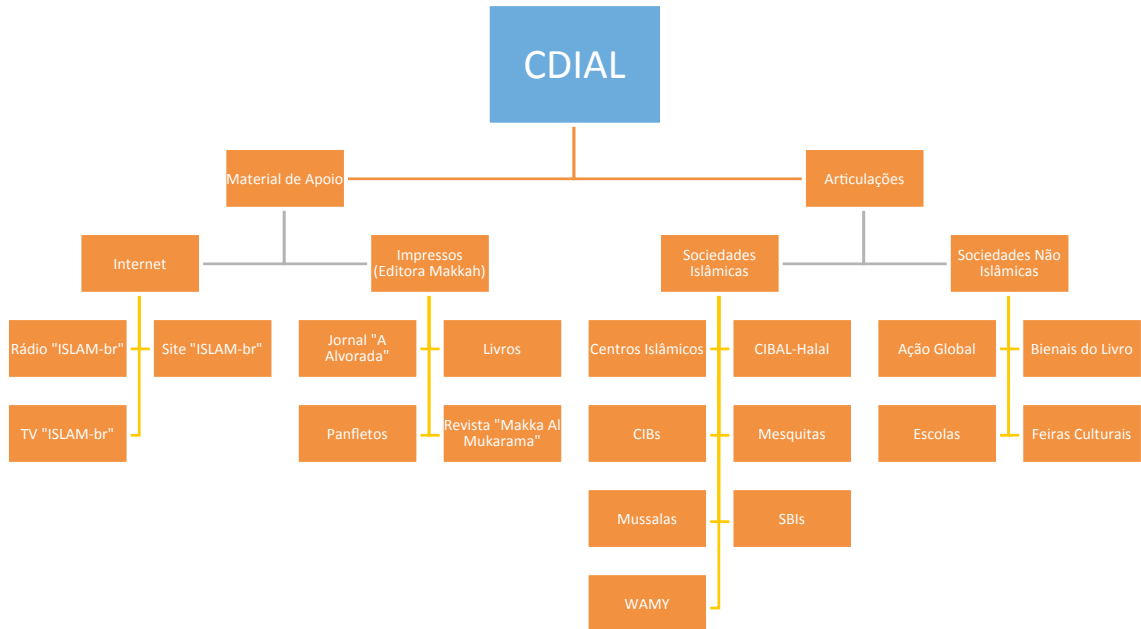


CDIAL

Conheça nossa Mesquita!
Visite-nos!

Local:

ANEXO N - Organograma do CDIAL



ANEXO O - Revista "Luz do Islam"

Regras do Jejum e do Ramadan

Sha'ban 1433

LUZ DO ISLAM®

VOCÊ
ESTÁ
PREPARADO
PARA
O MÊS DE
RAMADAN?

VAMOS NOS
APROXIMAR
MAIS DE A **ALLAH**
NO
RAMADÁN

TAFSIR
DE SURAH
AL KAFIRUN
OS INCRÉDULOS

3
Preciosos
conselhos

محمد
da Mensageiro
da Misericórdia

A
CONSULTA


PLANO DIÁRIO PARA LER TODO O ALCORÃO
DURANTE O MÊS DE RAMADAN

الدعوة العالمية للكتاب الإسلامي
WAMY
1973h 1392h

ANEXO P - Mensagem Virtual “Luz do Islam”

Luz do Islam

MENSAGENS DE PAZ



Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso

União

Queridos irmãos,

O que acontece com o nosso mundo? Não digo mundo islâmico, verso sobre o mundo em geral, onde está a união, a comunidade, a coletividade e o altruísmo?




Perderam-se entre a corrupção, os interesses pessoais, os achismos do que seja certo e errado?

O impasse maior é que estamos nos esquecendo do essencial – a preservação da vida.

Se hoje, tivéssemos uma batalha a travar pela preservação de nossas existências, não conseguiríamos unir nem os muçulmanos.

Estamos nos dividindo entre crenças convenientes, que divergem das originais que Deus nos passou, tanto através de Moisés, Jesus como Mohamad (que a paz de Deus esteja sobre eles). Distanciamos-nos dos princípios básicos, justamente por queremos estar mais próximos deles.

Lembremo-nos, pois, que existem uma lei imutável – AÇÃO E REAÇÃO e um princípio básico – AME O PRÓXIMO, independente de nossas vontades, conveniências e julgamentos.

www.fambras.org.br

Rua Teófilo, 198 - Jabaquara - São Paulo - CEP: 04304-020 - São Paulo / SP - Brasil - + 55 (11) 5035 0820
2010 © FAMBRAS Todos os Direitos Reservados.

ANEXO Q - Panfletos Informativos do Centro Islâmico do Brasil



aos sábios e tementes, que governam com o conhecimento e as leis islâmicas, as quais se baseiam nos ensinamentos do Alcorão Sagrado e na tradição do Profeta Mohammad (S.A.A.S.). No final dos tempos, é justo que a verdade seja vitoriosa e a integridade tome conta do mundo. É isto que a humanidade aguarda e deseja, e com a força e proteção de Deus, o Imam Al-Mahdi (A.E) aparecerá com a ordem de Deus para trazer a justiça e a verdade, e junto com ele virá o Profeta Jesus Cristo (A.S.), que rezará atrás dele.

يقول الله في القرآن الكريم:
 ﴿ وَنَقَدْ كَتَبْنَا فِي الزَّبُورِ مِنْ بَعْدِ الذِّكْرِ أَنَّ الْأَرْضَ يَرْثُهَا عِبَادِيَ الصَّالِحُونَ ﴾
 سورة الأحياء، آية 105

Deus disse no seu livro Sagrado:
 "Temos prescrito, nos Salmos, depois da Mensagem (dada a Moisés), que a Terra, será herdada pelos Meus servos virtuosos". (C.21 – V.105)


e) O JUÍZO FINAL

Por Deus ser Justo cada um será recompensado ou castigado pelos seus próprios atos. Crer na ressurreição após a morte e no retorno do espírito ao corpo pela ordem de Deus, para ser julgado e viver eternamente, é o quinto pilar da crença Islâmica. Assim, Deus recompensará os fiéis, os que O obedeceram, com o Paraíso, e castigará os infiéis, que O desobedeceram, com a punição do Fogo infernal. Isto foi pregado por todos os profetas e mensageiros em todas as doutrinas celestiais.

يقول الله في القرآن الكريم:
 ﴿ مَنْ يَعْمَلْ مِثْقَالَ ذَرَّةٍ خَيْرًا يَرَهُ (7) وَمَنْ يَعْمَلْ مِثْقَالَ ذَرَّةٍ شَرًّا يَرَهُ (8) ﴾
 سورة الزلزلة

Deus disse no Alcorão Sagrado:
 "7. Quem tiver feito o bem, seja do peso de um átomo, vê-lo-á, 8. E quem tiver feito o mal, seja do peso de um átomo, vê-lo-á". (C.99)



Para maiores informações sobre o Islam e os Muçulmanos visite o web site www.arresala.org.br ou envie um e-mail com suas perguntas para arresala@arresala.org.br



المركز الإسلامي في البرازيل
 Centro Islâmico no Brasil

Centro Islâmico no Brasil
 Rua Vigário João Alvares, 211 - Vila Monumento
 São Paulo - SP - CEP: 01551-040
 Tel.: (11) 2271-2040 - Fax: (11) 2271-2044

الإسلام
O Islam

المركز الإسلامي في البرازيل
 Centro Islâmico no Brasil